

# PUC

LUIZ ALBERTO PINHEIRO DE FREITAS

O CONCEITO DE IDENTIFICAÇÃO NA OBRA DE FREUD

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

RIO DE JANEIRO, 28 DE ABRIL DE 1995

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 – CEP 22453

RIO DE JANEIRO – BRASIL

N. Chamada: 150 / F866c / TESE UC

Título: O conceito de identificação na obra de F



0 0 9 1 3 1 5

Ex: 1-CENTRAL

1988

**LUIZ ALBERTO PINHEIRO DE FREITAS**

**O CONCEITO DE IDENTIFICAÇÃO NA OBRA DE FREUD**

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

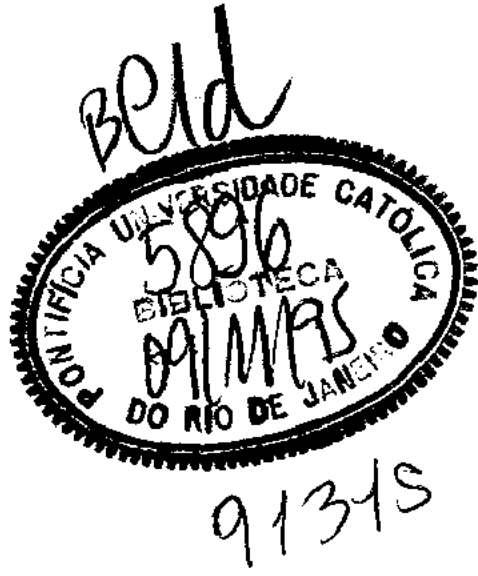
Orientador: Prof<sup>a</sup>. Junia Vilhena

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 28 de abril de 1995.

UC 63369-7



150  
F 866 c  
TESE UC



## AGRADECIMENTOS

- à professora Junia Vilhena por sua inestimável orientação.
- às professoras Angela Podkameni e Circe Vital Brazil pelo incentivo.
- à CAPES pelo auxílio financeiro.
- à Adelina Helena, Gustavo e Leonardo Freitas pela compreensão.

## RESUMO

A identificação é um conceito fundamental dentro do corpo teórico da psicanálise. Foi constantemente utilizado por Freud desde 1896, quando mencionado pela primeira vez, até 1938, em suas últimas anotações.

O tema da identificação foi sempre considerado um assunto complexo que dava, e dá, ainda hoje, margem à interpretações equivocadas. Essa complexidade prende-se ao fato que, a tentativa de Freud de sintetizar o assunto, através de um capítulo específico, não surgiu o efeito desejado. Ao lado disso, com o passar dos anos, foi a identificação afastando-se do registro freudiano do inconsciente, sendo abarcada pela psicologia da consciência, como sinônimo para imitação, simpatia, empatia e etc...

Este trabalho resulta de uma pesquisa empreendida na obra de Freud, com vistas a examinar o conceito de identificação, tal como foi apresentado e discutido originalmente. Para tal, foi feito um trabalho de exegese, que procurou seguir o percurso freudiano desde seus primórdios, até as concepções finais ligadas a segunda tópica. Os mais importantes textos foram detidamente examinados, desde as cartas enviadas a Fliess, passando pelo Livro dos Sonhos, os Três Ensaios, as Cinco Psicanálises, Leonardo, Totem e Tabu, Luto e Melancolia, Psicologia das Massas, O Ego e o Id, Dostóievski e os textos finais sobre a sexualidade.

O trabalho apresenta a importância do processo identificatório, uma operação que combina o Édipo com a segunda tópica, bem como mostra a identificação como o pivô em torno do qual o sujeito se constitui.

## ABSTRACT

Identification is a fundamental concept in the psychoanalytic theoretical body. Identification was constantly used by Freud, since he mentioned it for the first time in 1869, up he wrote his last notes, in 1938.

The theme of identification has always been considered a complex subject, being even misunderstood many times. This complexity comes from the fact that, Freud's attempt in summarising this subject in a specific chapter of a book, was unsuccessful. Besides that, as time went by, identification was gradually used inappropriately, far off Freud's register of the unconscious. Little by little, it was embodied by the cognitive psychology, as a synonym of imitation, affection and empathy.

This work was the result of a research in Freud's writings aiming at examining the concept of identification as it was originally presented and discussed. With this purpose on mind, a precise research was carried out, trying to examine Freud's concept from early writings to Freud's final conceptions connected to the second topography. The most important texts were examined at length, covering the letters sent to Fliess, The Book of Dreams, the Three Essays, the Five Psychoanalyses, Leonardo, Totem and Taboo, Mourning and Melancholie, Mass Psychology, The Ego and the Id, Dostoievski and the final texts on sexuality.

Consequently, this work presents the importance of the identification process, as an operation that merges Oedipus with the second topography, and it has identification as the pivot around which the subject is constituted.

**PALAVRAS CHAVES**

**IDENTIFICAÇÃO**

**IDENTIFICAÇÃO PRIMÁRIA**

**IDENTIFICAÇÃO HISTÉRICA**

**IDENTIFICAÇÃO NARCISISTA**

**IDENTIFICAÇÃO SECUNDÁRIA**

**PSICANÁLISE**

**FREUD, SIGMUND**

## SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO.....	2
II - AMIGOS ATÉ CERTO PONTO.....	6
III - A VIA RÉGIA DA BELA AÇOUGUEIRA.....	22
IV - DORA E A FAMÍLIA K.....	31
V - ENSAIOS ERÓTICOS.....	44
VI - EQUUS.....	48
VII - UM CASAMENTO E OS RATOS.....	52
VIII - O LOBO DO HOMEM.....	54
IX - A MULHER DE DEUS.....	68
X - O SORRISO DE LEONARDO.....	71
XI - O PRIMITIVO, A CRIANÇA E O NEURÓTICO.....	77
XII - A SOMBRA DO OBJETO CAI SOBRE O EGO.....	87
XIII - OS LAÇOS DO AMOR.....	94
XIV - O SILENCIOSO E O PROMOTOR DE DESORDENS.....	118
XV - A CULPA FRENTE AO PAI.....	140
XVI - MASCULINO E FEMININO, QUESTÃO DE QUANTIDADE.....	143
XVII - CONCLUSÃO.....	154
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	163

**Ad Introitum**

**NÃO HÁ CARTEIRA DE IDENTIDADE DO SUJEITO, NEM UNIDADE  
CONSTITUÍDA, MESMO QUE O ADMINISTRADOR QUE DORME EM CADA PESSOA  
SONHE COM TAL FICHA DE IDENTIFICAÇÃO.**

Jean Florence

## I - INTRODUÇÃO

Em 1990, ao preparar um seminário sobre o conceito de identificação em Freud, deparamo-nos com uma série de problemas, pois como afirma Taillandier (1987),

*Não há, em toda a teoria psicanalítica, domínio mais confuso, mais exasperante para o leitor do que o da teoria da identificação (p. 17).*

Das dificuldades originadas para a organização do referido seminário, surgiu a necessidade de uma pesquisa sistemática dentro da obra freudiana, visando elucidar o próprio texto do autor. O tema da identificação encontra-se em toda a obra de Freud, de 1896, quando mencionado pela primeira vez, até 12 de julho de 1938, quando já em Londres, ainda fez anotações para futuro desenvolvimento.

O termo identificação engloba três definições, segundo exame realizado por Cain (1978), no Dicionário da Academia Francesa de Letras de 1878. Este autor infere que Freud, possivelmente, utilizava-se desta obra. Vejamos as definições:

*No sentido didático a identificação representa um ato intelectual de compreender duas coisas sob a mesma idéia.*

*No sentido moral ela expressa o fato de uma coisa tomar a característica de outra.*

*Do ponto de vista afetivo a identificação se diz de uma pessoa que tem empatia com os sentimentos dos outros (p. 11).*

Outra referência que utilizamos é a diferenciação que sugerem Laplanche e Pontalis (1970) entre a linguagem comum e a filosófica, com vistas a encontrar uma definição semântica. Tal definição pretenderia tornar claro, os limites da utilização do termo no vocabulário da psicanálise. Para isso recorrem ao Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie de Lalande, onde foram encontradas duas acepções para o termo identificação:

*Ação de identificar, isto é, de reconhecer como idêntico; ou numericamente - por exemplo, "a identificação de um criminoso", ou especificamente - por exemplo, quando se reconhece um objeto como pertencente a certa categoria, ou ainda quando se reconhece uma categoria de fatos como assimilável a outra.*

*Ato pelo qual um indivíduo se torna idêntico a outro, ou pelo qual dois seres se tornam idênticos (em pensamento ou de fato, totalmente ou secundum quid) (p. 295).*

Nota-se aí claramente uma distinção entre os dois sentidos possíveis da palavra, transitivo - identificar e reflexivo - identificar-se. O verbo identificar-se foi utilizado largamente pela psicologia como sinônimo para imitação, empatia, simpatia e etc...

Tanto a forma transitiva, como a forma reflexiva encontramos em Freud. A primeira utilizada basicamente em referência ao trabalho do sonho - substituição de uma imagem por outra, por uma relação de semelhança. A segunda, a forma reflexiva, é a que foi largamente utilizada em toda obra, e sobre a qual este trabalho é realizado.

Freud, a princípio, utilizou-se do termo identificação em sua acepção corrente, no contexto empírico da interpretação de um sintoma neurótico ou de um fragmento onírico. O emprego do termo foi inicialmente descritivo, destinado a nomear um fenômeno que ela observara em si ou em seus pacientes. Foi na clínica da histeria que começou a perceber a importância do jogo identificatório, e é a partir da análise dos sonhos, que passa a discorrer teoricamente sobre o assunto.

A identificação é um conceito fundamental que teve uma particular evolução desde a *A Interpretação de Sonhos* (1900), passando por *Dora* (1901-05), por *Totem e Tabu* (1912-13), pelo *Narcisismo* (1914), *Luto e Melancolia* (1915-17), *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921), até chegar as concepções teóricas finais em *O Ego e o Id* (1923). A história da psicanálise mostra-nos que este conceito, como outros, foi utilizado, de início, num campo preciso e limitado. Aos poucos, entretanto, a identificação foi ganhando corpo e de forma equivocada foi afastando-se do registro freudiano do inconsciente, até ser abarcada pela psicologia da consciência e confundida com outras noções. A esta confusão segue-se a noção de identidade, não no sentido postulado por Freud - identidade de pensamento, mas no sentido de uma unidade egóica, algo que pela formulação do *Einziges Zug* - único traço, não tem consistência sólida na psicanálise.

Este trabalho procurou seguir cronologicamente o texto freudiano, detalhando os mais importantes artigos em que a temática da identificação se fazia presente, bem como, procurou articulá-lo a outros conceitos que lhe seriam correlatos. É um trabalho de pesquisa e exegese da obra de Freud, escrito a partir da posição de um professor que pretende introduzir seus alunos no conhecimento do conceito de identificação, um conceito com o qual o próprio fundador da obra declarava-se insatisfeito. Pretendeu-se também, anotar dentro do texto as mais significativas passagens, reproduzindo-as fielmente a fim de facilitar o leitor. Os capítulos encontram-se assim distribuídos: *Amigos até certo ponto*, onde é utilizada a obra de Masson (1985) para o exame da correspondência de Freud com Fliess, nas quais, em várias passagens, o tema foi discutido. *A via régia da bela açougueira*, onde foi utilizada *A Interpretação de*



Sonhos (1900), acentuando-se o famoso sonho da espirituosa paciente que deu margem, à primeira teorização a respeito de um processo identificatório. *Dora e a família K*, referido a Fragmento da Análise de um Caso de Histeria (1901-05), serve para mostrar o entrelaçamento da histeria, com o jogo de identificações em que uma adolescente vê-se envolvida. *Ensaio erótico* é um capítulo dedicado aos Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade (1905), onde se juntam as questões das pulsões e das formas de escolha de objeto. *Equus*, Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos (1909), discorre sobre a fobia de Hans aos cavalos e suas implicações no jogo identificatório. *Um casamento e o rato* é o conhecido caso do homem dos ratos, Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva (1909), onde a identificação com o pai domina a cena. *O lobo do homem* está referido a História de uma Neurose Infantil (1914-18), o homem dos lobos, um trabalhoso caso analisado por Freud no qual o percebe-se a identificação retirando traços de ambos os pais. *A mulher de Deus*, o caso do presidente Sereber, Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia (1911) foi utilizado com a pretensão de fazer um contraponto - apresentar a projeção como uma forma de des-identificação. *O sorriso de Leonardo* apresenta o texto Leonardo Da Vinci e uma Lembrança da sua Infância (1910), onde a questão da homossexualidade aparece intimamente vinculada com a identificação. *O primitivo, a criança e o neurótico* é um capítulo em que Totem e Tabu (1912-13) surge como um texto intimamente relacionado a identificação paterna. *A sombra do objeto cai sobre o ego*, tem como referência um dos mais importantes trabalhos sobre a temática da identificação, Luto e Melancolia (1915-17), onde surge de forma consistente a identificação regressiva ou narcisista. *Os laços do amor*, prende-se a um outro texto importante, Psicologia de Grupo e a Análise do Ego (1921), um trabalho em que Freud tentou fazer uma síntese da teoria da identificação, entretanto, sem muito sucesso. *O silencioso e o promotor de desordens*, tem como artigo examinado O Ego e o Id (1923a), onde se entrelaçam Eros, Tanatos e a segunda tópica. *A culpa frente ao pai*, está ligado ao artigo Dostóievski e o Parricídio (1927-28), onde as crises epileptiformes correlacionam-se com a identificação. Por fim, *Masculino e feminino, uma questão de quantidade*, referido aos textos: A Organização Genital Infantil (1923b), A Dissolução do Complexo de Édipo (1924), Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica (1925), Sexualidade Feminina (1931), Conferência XXXIII, Feminilidade (1932) e Esboço de Psicanálise, capítulo VII (1938), com vistas correlacionar o Édipo e o posição sexual.

Todas as mais importantes passagens sobre a identificação apresentadas por Freud, foram transcritas através de citações no corpo da obra. Entretanto, foi feito um anexo, com a intenção de facilitar o estudioso do assunto, onde foram colocadas todas as passagens, referidas a identificação (no sentido reflexivo).

Este acompanhamento do percurso de Freud apresenta um exame dos principais artigos sobre o assunto, entretanto, algumas passagens de menor importância tiveram que ser deixadas de lado. Dentro deste espaço de quarenta e dois anos, de 1896 a 1938, o conceito evoluiu tornando-se o processo de identificação, uma operação que combina o Édipo com a segunda tópica - a identificação como o pivô em torno do qual o sujeito se constitui.

## II - AMIGOS ATÉ CERTO PONTO

A correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904 (Masson, 1985).

As cartas trocadas entre Freud e Fliess, constitui uma coleção de documentos dos mais importantes da história da psicanálise. Uma correspondência mantida durante dezessete anos (1887 - 1904), período no qual foram escritos importantes trabalhos: os *Estudos sobre a Histeria*, com Breuer, o *Livro dos Sonhos*, o *Caso Dora*, *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, *Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, dentre os mais significativos.

Wilhelm Fliess era já aos vinte nove anos um otorrino com certo nome em Berlim, tinha ido a Viena estudar, e por recomendação de Josep Breuer, foi procurar Freud a fim de assistir as aulas deste na Universidade de Viena. Este encontro deu-se em novembro de 1887, pouco depois do nascimento em 16 de outubro, de sua primeira filha Mathilde, nome dado em homenagem a esposa de Breuer. Freud nesta época encontrava-se aos trinta e um anos, recém casado, com um incipiente consultório de neurologia, estabelecido após sua chegada de Paris, onde estivera estagiando com Charcot, na Salpêtrière. Após a volta de Fliess à Alemanha, Freud escreveu a primeira das 284 cartas que enviou ao amigo, cartas estas, que além de apresentarem comentários sobre sua vida doméstica, continham todas as idas e vindas do seu processo criativo.

Masson (1985), avança a possibilidade desta intensa amizade ter se desenvolvido, em virtude de ambos terem alguns pontos em comum: eram médicos, judeus, haviam estado em Paris com Charcot, e, mais importante, perceberam que pesquisavam em áreas da ciência muito pouco exploradas na época. A princípio a correspondência era cerimoniosa, envolvendo aspectos puramente profissionais, até que, por volta de 1892, precisamente na carta de 28 de julho, o tratamento formal *sie* é substituído por *du*, mais íntimo. Fliess tornara-se um ouvinte atento das teorias sexuais de Freud, assunto que também o interessava. Havia concebido a *Neurose Reflexa de Origem Nasal*, afirmando haver uma ligação entre o nariz e os genitais femininos, bem como propunha uma teoria de períodos, o masculino com 23 dias, e o feminino com 28 dias. Esta periodicidade era responsável por todo o desenrolar da vida de um ser humano. Freud, de início, interessou-se bastante pela questão dos períodos, a ponto de, em várias cartas, procurar corroborar as hipóteses do amigo, dando exemplos próprios a favor da periodicidade. Haverá, inclusive, da parte de Freud, a fantasia de, no futuro, apresentarem uma obra conjunta, na qual Fliess colaboraria com os aspectos biológicos. Fliess, como diz Mezan

(1985), será o público de Freud, seu mentor, seu censor, e sem o perceber, será o pólo transferencial necessário a auto análise de Freud. Freud *falava* para Fliess.<sup>(1)</sup>

As *Neuropsicoses de Defesa* surge em 1894, refere-se a questão da etiologia sexual da histeria e, em virtude disso, funciona como um motor para o afastamento de Breuer. No ano seguinte, 1895, Fliess opera Emma Eckenstein, que quase morre no pós operatório, em virtude de ter sido deixado meio metro de gaze dentro do campo cirúrgico. Neste mesmo ano, Freud publica, em companhia de Breuer, os *Estudos sobre a Histeria*, e em 24 de julho, quando de férias em Bellevue, sonha um clássico da psicanálise, *A Injeção de Irma*, o qual será amplamente examinado na *A Interpretação de Sonhos* (1900). O tema central do sonho é uma tentativa de Freud para desculpabilizar o amigo pelo insucesso no atendimento a Emma. É ainda neste ano, que Freud tenta elaborar um *Projeto de uma Psicologia para Neurologistas*, enviando várias partes para o exame de Fliess, em seguida abandona este projeto. Ao final do ano em 3 de dezembro, nasce seu sexto filho, Anna, a qual dedicará sua vida ao pai e a sua obra.

1896 é um ano importante na vida de Freud, há a publicação, em francês, de *A Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses*, onde pela primeira vez aparecerá a palavra *psicanálise*. Por volta de abril, fará a famosa conferência na Sociedade de Psiquiatria e Neurologia de Viena, sobre a *A Etiologia da Histeria*, que versava sobre a teoria da sedução. Esta apresentação será muito mal recebida por seus pares, que não concordam com esta visão da histeria, montada em cima de cenas de sedução ocorridas no passado. Entretanto, o marco central desse ano, será a morte de seu pai, Jacob, que terá repercussões fundamentais em sua auto análise, bem como no total de sua obra.

Nessa época, Freud, estava literalmente encantado, identificado com alguns traços de Fliess, pelo que se depreende da carta escrita em 1 de janeiro (1896):

---

<sup>(1)</sup> A correspondência, iniciada em 24 de novembro de 1887 foi, a partir de 1892, ampliando-se gradativamente, atingindo seu ápice no período de 1895 a 1899. A partir daí, começa a declinar.

Época - Número de cartas

1887 - 02	1893 - 14	1899 - 44
1888 - 03	1894 - 18	1900 - 27
1889 - 00	1895 - 32	1901 - 17
1890 - 03	1896 - 30	1902 - 05
1891 - 03	1897 - 38	1903 - 00

1892 - 09    1898 - 35    1904 - 04    Total - 284

*Gente de sua natureza não deve acabar, meu querido amigo; o restante de nós precisa demais de pessoas como você. Quantas coisas lhe devo: consolo, compreensão, estímulo em minha solidão, o sentido de minha vida, que adquiri por seu intermédio, e, por fim, até mesmo a saúde, que ninguém mais poderia ter-me restituído! Foi primordialmente por seu exemplo que, intelectualmente, ganhei forças para confiar em meu julgamento, inclusive quando fico entregue a minha solidão - embora não por ser abandonado por você - e para, tal como você, enfrentar com altiva humildade todas as dificuldades que o futuro pode trazer. Por tudo isso aceite meu humilde agradecimento! Sei que você não precisa tanto de mim quanto eu de você, mas sei também que tenho um lugar seguro em sua afeição (Masson, 1985, p. 159).*

Fliess em pouco tempo tornou-se, como diria Freud, seu curandeiro, seu mágico, tendo por ocasião do episódio cardíaco, diagnosticado por Breuer como uma miocardite, afirmado que o sofrimento era apenas decorrência de uma hipersensibilidade a nicotina. A crença nesta afirmação deu a Freud um grande impulso, animou-o a prosseguir em suas pesquisas, pois nesta época sentia-se um tanto deixado de lado por Breuer, o qual por não comungar com a teoria da sedução, foi aos poucos afastando-se, fato que serviu para fortalecer, ainda mais, o relacionamento dos dois jovens médicos. Ambos como diz Mezan (1985), tem o sexo como seu segredo comum. Em sua obra, Max Shur (1973) comenta:

*Devemos admitir que havia, em acréscimo, alguma coisa na personalidade de Fliess que facilitou grandemente (ou possivelmente provocou) uma reação dessa ordem e também permitiu sua expressão efusiva. Deve ter havido alguma de caráter fascinante, cintilante acerca de Fliess. Numa carta Freud afirmava : ... para mim você permanece o que cura, o protótipo do homem em cujas mãos pode-se confiantemente entregar uma vida e a de sua família 20 de abril de 1895. Freud não se encontrava sozinho a respeito de Fliess (p. 82).*

Esta paixão de Freud, na verdade, já apresentava a identificação como resultante de um investimento amoroso, apesar deste aspecto, só ter sido compreendido em sua totalidade muitos anos mais tarde.

A questão da identificação surge pela primeira vez na carta de 6 de dezembro de 1896 (Masson, 1985), época em que ele tentava através de seus exemplos clínicos, confirmar a teoria de que as crianças eram seduzidas principalmente por pais perversos, gerando então sintomas histéricos. É também nesta carta, que aparecem as primeiras noções de aparelho psíquico:

*Eis um fragmento de minha experiência cotidiana: uma de minhas pacientes, em cuja história seu pai altamente perverso desempenha o papel principal, tem um irmão mais moço que é tido como um perfeito patife. Um belo dia, este aparece em meu consultório para declarar, com lágrimas nos olhos, que não é um patife, e sim um doente, com impulsos anormais e uma inibição da vontade. Queixa-se também, num comentário inteiramente a parte, acerca do que certamente são dores de cabeça nasais. Oriento-o a procurar a irmã e o cunhado, a quem ele efetivamente vai visitar. Na mesma noite, a irmã vem me procurar, porque está agitada. No dia seguinte, tomo conhecimento de que depois da partida do irmão, ela teve um acesso de dores de cabeça das mais pavorosas - um problema de que nunca sofre. Causa: o irmão lhe contou que, quando ele tinha doze anos, sua atividade sexual consistia em beijar (lamber) os pés das irmãs quando elas se despiam à noite. Numa associação, ela resgatou do inconsciente a recordação de uma cena em que (aos quatro anos) havia observado o pai, em plena excitação sexual, lambe os pés de uma ama-de-leite. Assim, ela conjecturou que as preferências sexuais do filho derivam do pai; e que este fora também o sedutor do primeiro. Foi assim que ela se permitiu identificar-se com ele, e assumir suas dores de cabeça. Pode fazê-lo, aliás, porque, durante a mesma cena, o pai enfurecido havia batido com a bota na cabeça da menina (escondida embaixo da cama).*

*O irmão abomina todos os tipos de perversidade, muito embora sofra de impulsos compulsivos. Em outras palavras, recalçou certos impulsos, que são substituídos por outros com compulsões. Esse é, de modo geral, o segredo dos impulsos compulsivos. Se ele conseguisse ser perverso, seria sadio, como o pai (p. 214).*

Esta passagem será desenvolvida posteriormente, em 1905, nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, quando dirá que a sexualidade anormal será formadora de sintomas, daí a afirmação de que as neuroses, seriam o negativo das perversões.

Em 17 de dezembro de 1896, surge novamente a temática da identificação, numa época em que ele começa a ser um ouvinte atento da concepção de *periodicidade* de Fliess.

*Obviamente, minha alegria interior ao ser repentinamente surpreendido por uma idéia se relacionou não com as provas latentes, mas sim com o encontro de um terreno comum para o trabalho que compartilhamos. Espero que ele tenha tal extensão, que aí possamos construir juntos algo de definitivo e, dessa forma, mesclar nossas contribuições a ponto de nossas propriedades individuais não*

*mais serem reconhecíveis. Afinal, só consigo recolher fatos na esfera psíquica e você, na organológica; as áreas intermediárias precisarão de hipóteses* (Masson, 1985, p. 216).

Nesta carta evidencia-se a tentativa de Freud de conjugar as duas teorias; propõe novos cálculos, tenta adequar características neurastênicas, a períodos de 23 dias(masculinos), características de angústia nos de 28 dias(femininos), fala de rupturas periódicas relacionadas a cada um dos sexos, bem como antecipa a metapsicologia. A temática da identificação vai aparecer relacionada a angústia e ao sistema consciente, pré-consciente, inconsciente.

*Talvez eu ainda não lhe tenha falado sobre a análise de diversas fobias. Angústia diante da idéia de atirar-se pela janela é uma construção equivocada da consciência, ou melhor, do pré-consciente; está relacionada com um conteúdo inconsciente em que aparece "janela" e que pode ser dissecado da seguinte maneira: Angústia + ... janela...*

*Eis como se pode explicá-lo: Idéia inconsciente: ir até a janela e fazer um sinal a um homem para que ele suba, como fazem as prostitutas; Descarga sexual decorrente desta idéia; Pré-consciente: repúdio; daí, emergência de angústia proveniente da descarga sexual.*

*Desse conteúdo, apenas janela torna-se consciente, pois esse elemento é levantado como uma formação de compromisso, em virtude da idéia de "cair da janela", que é compatível com a angústia. Assim elas [as pessoas] percebem a angústia a respeito da janela e a interpretam no sentido de cair; e nem mesmo isso está sempre conscientemente presente. Aliás, qualquer dos dois motivos resulta no mesmo comportamento: elas não vão até a janela* (Masson, 1985, pp. 217-8).

A passagem referente a identificação surge após algumas considerações sobre os famosos períodos, entretanto ainda relacionada com a questão da angústia e da fobia.

*Ao mesmo tempo, descobri toda a sorte de boas explicações em minha área. Na verdade, confirmei uma conjectura que vinha contemplando há algum tempo acerca do mecanismo da agorafobia nas mulheres. Você poderá advinhá-lo, se pensar nas mulheres "públicas". Trata-se do recalçamento da intenção de apanhar o primeiro homem que passar pela rua: inveja da prostituição e identificação* (Masson, 1985, p. 218).

Na carta de 3 de janeiro de 1897, Freud encontra-se ainda empenhado em correlacionar suas teorias, com as do amigo e tenta balizar os limites dos períodos temporais em que surgem cada uma das neuroses. Informa também que pretende discutir no próximo



congresso, um caso que talvez já possa ter levado a termo, referente a um paciente que teria sido seduzido por sua babá. O assunto da sedução domina sua mente e é em relação a este tema que ele comenta o processo de um sintoma, através da identificação com o pai.

*Também posso dar-lhe algumas notícias sobre G. de B. Seu diagnóstico estava absolutamente correto. Eis as provas circunstanciais:*

*Quando menina, ela sofria muito de angústia. Aos 8-10 anos, flúor albus (secreção branca). Quando criança, ela experimentava uma sensação dolorosa na vagina ao bater na irmãzinha. Tem a mesma sensação hoje em dia ao ler e ouvir falar sobre horrores e crueldade. Essa irmã mais nova é a única que, a semelhança dela, ama o pai e também sofre da mesma doença.*

*Um tique visível: ela franze os lábios num muxoxo (que vem da sucção).*

*Está sofrendo de um eczema ao redor dos lábios e de lesões que não se curam nos cantos da boca. Durante a noite, a saliva se acumula periodicamente, e depois aparecem lesões. (Certa vez, antes disso, constatei que observações inteiramente análogas remontavam à sucção do pênis).*

*Na infância (12 anos), a inibição da fala apareceu pela primeira vez quando, com a boca cheia, ela estava fugindo de uma professora.*

*O pai tem uma fala similarmente explosiva, como se estivesse com a boca cheia.*

*Habemus papam!*

*Quando lhe estendi essa explicação, ela ficou convencida a princípio; depois, cometeu a tolice de ir perguntar ao próprio pai, que, na primeira intimação, exclamou indignado: "você está sugerindo que fui eu que fiz isso?", e jurou inocência pelo que há de mais sagrado.*

*Agora, ela está em meio a mais veemente resistência e afirma acreditar nele, mas comprova sua identificação com o pai tornando-se insincera e fazendo juramentos falsos. Ameaçei mandá-la embora e, ao fazê-lo, convenci-me de que ela já tem certa dose de certeza, mas está relutando em admiti-la.*

*Ela nunca se sentiu tão bem como no dia em que lhe fiz a revelação. Para facilitar o trabalho, tenho esperanças de que volte a sentir-se mal.*

*A dor que ela sente na perna parece ser proveniente da mãe (Masson, 1985, pp. 221-2).*

Em 8 de fevereiro (1897), Freud inicia uma carta a qual só dará continuidade no dia 11, fazendo alusões ao encontro com Nothnagel, quando este comunicou-lhe que iria propor seu nome para professor adjunto da Universidade de Viena. Era um momento em que Freud se diz muito satisfeito com os progressos em seu trabalho, apesar da grande quantidade de



enigmas e dúvidas. Dando continuidade a carta iniciada três dias antes, apresenta sua compreensão para um episódio discutido no último *congresso*.

*O sonambulismo, como conjecturamos em Dresden, foi corretamente entendido. O resultado mais recente é o desvendamento dos ataques histéricos de catalepsia: imitação da morte com rigor mortis, ou seja, identificação com alguém que morreu. Nos casos em que a histérica viu a pessoa morta, aparecem o olhar fixo e a boca aberta; caso contrário, ela apenas permanece deitada, imóvel e silenciosa (Masson, 1985, p. 233).*

É curioso notar, que ao final desta carta, Freud faz um comentário de sua vida particular, associando-a à identificação e deixando antever a dúvida que começa a instalar-se em relação a teoria da sedução.

*Infelizmente, meu próprio pai foi um desses pervertidos e é responsável pela histeria de meu irmão (cujos sintomas em sua totalidade, são identificações) e de várias das irmãs mais moças. A frequência dessa situação, muitas vezes me causa estranheza (Masson, 1985, p. 232).*

Em 2 de maio (1897), aparece uma importante carta, após um *congresso*, contendo afirmativas de Freud sobre seu excelente estado de ânimo; sentia-se jovem, revigorado e o mais importante, suas conquistas estavam se consolidando! Tinha chegado a uma noção segura da histeria, na qual tudo se originaria nas cenas do passado, pois apesar da dúvida que surge na carta de 8 de fevereiro, ele ainda está convicto de que a neurose, estaria vinculada à cenas de sedução sexual, por ele chamada de cenas originárias. Apresenta uma síntese a respeito das neuroses:

*Apercebo-me agora de que todas as três neuroses (histeria, neurose obsessiva e paranóia) exibem os mesmos elementos (ao lado da mesma etiologia), quais sejam, fragmentos de memória, impulsos (derivados das lembranças) e ficções protetoras; mas a irrupção na consciência, a formação de soluções de compromisso (isto é, de sintomas), ocorre nelas em pontos diferentes. Na histeria, são as reminiscências; na neurose obsessiva, os impulsos perversos; na paranóia, as ficções protetoras (fantasias) que penetram na vida normal, em meio a distorções devidas à solução de compromisso (Masson, 1985, p. 240).*

Em seguida, Freud citará o caso de um paciente que apresenta uma depressão, dizendo que, por identificação, este repete o sintoma do pai. Ao que parece faltam elementos para se ter uma idéia maior do caso, pois os elementos que são apresentados não citam a sedução, entretanto pode-se depreender que as cenas originárias deviam fazer parte, já que esta

temática, mesmo que não surgisse no relato do paciente, era inferida por Freud. Eis a passagem:

*Outra confirmação de minhas cenas da proto-histeria. No caso de G., pude discernir, algumas semanas atrás, que a depressão branda do pai, que ocorreu quando ele ainda não tinha dois anos de idade. Isso pôde ser determinado da seguinte maneira: a depressão do pai relacionou-se com uma doença dele, que aponta para uma sífilis antiga. (De fato, o pai tem uma ptose bilateral). O homem passou por uma série de tratamentos de embrocção, que o deixaram impotente e o predisuseram à melancolia. A interrupção das relações sexuais conjugais foi usada por outro homem para impingir suas atenções à mulher, ao que o marido, ao tomar conhecimento da gravidez da esposa, teve dúvidas sobre a paternidade e considerou a idéia de se divorciar. Ora, esse filho é dois anos e meio mais moço do que meu paciente; os eventos relatados ocorreram durante os primeiros meses da gravidez, ou seja, durante o período em que ele tinha 21 a 24 meses de idade. Aconteceu o seguinte: o pai, agora com 62 anos, disse ao filho, com cuja saúde estava insatisfeito: Está vendo, é isso o que acontece quando se consultam médicos a quem não se conhece. Eu mesmo também fiquei deprimido uma vez, há trinta e cinco anos, quando você ainda não tinha dois anos; fui a nosso médico da família; ele me mandou viajar por seis semanas e fiquei curado (Masson, 1985, p. 240).*

Esta carta apresenta um outro importante fato, que é um anexo, denominado *Rascunho L, A Arquitetura da Histeria*, onde além de algumas considerações teóricas iniciais, há alguns exemplos em que surge a identificação:

#### *A Arquitetura da Histeria*

*O objetivo parece ser o de alcançar as cenas sexuais mais primitivas. Em alguns casos, isso se consegue diretamente, porém, em outros, somente através de um desvio, por meio das fantasias. E isso porque as fantasias são fachadas psíquicas produzidas com a finalidade de impedir o acesso a essas recordações. As fantasias servem, simultaneamente, à tendência a sublimá-las. São fabricadas por meio de coisas ouvidas e das usadas posteriormente, assim combinando coisas experimentadas e ouvidas, acontecimentos passados (da história dos pais e antepassados) e coisas que foram vistas pela própria pessoa. Relacionam-se com coisas ouvidas, tal como os sonhos se relacionam com coisas vistas. Nos sonhos, é claro, não ouvimos nada, mas vemos.*

#### *O Papel Desempenhado pelas Empregadas Domésticas*

Uma imensa carga de culpa, acrescida de auto-recriminações (por furto, aborto), é possibilitada pela identificação com essas pessoas de moral baixa, que são tão freqüentemente lembradas, em ligação sexual com o pai ou um irmão, como material feminino sem valor. E, como resultado da sublimação dessas jovens nas fantasias, algumas acusações altamente improváveis contra outras pessoas ficam contidas nas fantasias. O medo da prostituição (medo de andar sozinha nas ruas), o medo de homens escondidos em baixo da cama, e assim por diante, apontam também na direção das criadas. Há uma trágica justiça no fato de que o rebaixamento do chefe da família diante de uma criada da casa é expiado através da autodegradação de sua filha.

#### *Cogumelos*

No verão passado, houve uma moça que tinha medo de colher uma flor ou sequer arrancar um cogumelo, pois isso era contra a determinação de Deus, que não desejava que as sementes vivas fossem destruídas. Isso provinha dos escrúpulos religiosos da mãe da jovem sobre as precauções tomadas durante o coito, pois, desse modo, as sementes vivas seriam destruídas. As "esponjas" (esponjas de Paris - contraceptivo que em alemão - schwämme - significa tanto cogumelo como esponja) foram explicitamente mencionadas entre essas precauções. O principal conteúdo da neurose dessa moça era a identificação com a mãe.

#### *Dores*

Não são a sensação real de uma fixação, mas a repetição intencional dela. A criança esbarra numa quina, num móvel ou algo semelhante e, desse modo, estabelece um contato ad genitália, a fim de repetir uma cena em que o que é agora o ponto doloroso, e foi outrora pressionado contra a quina, levou a fixação.

#### *Multiplicidade de Personalidades Psíquicas*

A realidade da identificação talvez nos permita interpretar essa expressão literalmente (Masson, 1985, pp. 241-2).

No final do mesmo mês, ou seja em 31 de maio (1897), há anexo a carta o Rascunho

N:

Os impulsos hostis contra os pais (o desejo de que morram) são também um elemento integrante das neuroses. Eles vêm à luz, conscientemente, como idéias obsessivas. Na paranóia, o pior aspecto dos delírios de perseguição (desconfiança patológica dos governantes e monarcas) corresponde a esses impulsos hostis contra os pais. Esses impulsos são recalçados nos períodos em

que desperta a compaixão pelos pais - nas épocas de doença ou morte deles. Nessas ocasiões, constitui manifestação de luto recriminar-se pela morte deles (a chamada melancolia) ou punir-se histericamente, por meio da idéia de retaliação, com os mesmos estados de doença que eles tiveram. A identificação que ocorre nestas circunstâncias, como se vê, não é nada além de um modo de pensar *(que eles tiveram)* e não torna desnecessária a busca do motivo.

Ao que parece, é como se esse desejo de morte se voltasse, nos filhos, contra o pai e, nas filhas, contra a mãe. As empregadas fazem uma transferência a partir disso, desejando que as patroas morram para que os patrões possam casar-se com elas. (Observação: o sonho de Lisel relacionado com Martha e comigo).

#### *Relação entre Impulsos e Fantasias*

As lembranças parecem bifurcar-se: parte delas é posta de lado e substituída por fantasias; outra parte, mais acessível parece levar diretamente aos impulsos. Seria possível que mais tarde os impulsos também derivassem das fantasias?

De que modo similar, a neurose obsessiva e a paranóia seriam derivadas ex aequo nos mesmos termos da histeria, o que explicaria a incompatibilidade entre elas.

#### *Transposição da Crença*

A crença (dúvida) é um fenômeno que pertence inteiramente ao sistema do ego (o Cs.) e não tem equivalente no Ics. Nas neuroses, a crença é deslocada; é recusada ao material recalçado quando ele força passagem para a reprodução e - a título de punição, poder-se-ia dizer - é transposta para aquilo que está executando a defesa. Titânia, que se recusa a amar o marido legítimo, Oberon, é obrigada em vez disso, a entregar seu amor a Bottom, o asno da fantasia.

#### *Ficção e Fine Frenzy<sup>(2)</sup>*

O mecanismo da ficção é idêntico ao das fantasias histéricas. Para criar seu Werther, Goethe combinou algo que havia experimentado - o amor por Lotte Kastner - com algo que ouvira: o destino do jovem Jerusalém, que morreu cometendo suicídio. É provável que estivesse brincando com a idéia de se matar, e encontrou um ponto de contato nisso, identificando-se com Jerusalém, a quem emprestou uma motivação retirada de sua própria história de amor. Por meio dessa fantasia, protegeu-se das conseqüências de sua experiência.

---

<sup>(2)</sup> Fine Frenzy foi retirado de Sonhos de uma Noite de Verão, de Sheakspeare, Ato 5, cena 1: The poet's eye, In a fine frenzy rolling...

*Portanto Shakespeare estava certo ao justapor ficção e loucura (fine frenzy).*

#### *Motivações para a Formações de Sintomas*

*Lembrar nunca é uma motivação, mas apenas um meio, um método. A primeira motivação para a formação de sintomas é, cronologicamente, a libido. Portanto, os sintomas, tal como os sonhos, são a realização de um desejo.*

*Em fases posteriores, a defesa contra a libido também se aloja no Ics. A realização de desejos precisa satisfazer os requisitos dessa defesa inconsciente. Isso acontece quando o sintoma consegue funcionar como uma punição (por um impulso maléfico ou pela falta de confiança na própria capacidade de impedir o desejo sexual). Assim se combinam as motivações da libido e da realização de desejo como punição. Nesse aspecto, a tendência geral à ab-reação, à irrupção do recalcado, é inconfundível, e a ela se superpõem as duas outras motivações. Parece que, nos estágios posteriores, por um lado, deslocam-se da memória algumas formações psíquicas mais complexas (impulsos, fantasias, motivações) e, por outro, a defesa, que emerge do Pcs. (o ego), parece forçar passagem para o inconsciente, de modo que a defesa também se torna pluriocular*

*A formação de sintomas por identificação está ligada às fantasias - isto é, ao recalçamento delas no Ics. - de maneira análoga à alteração do ego na paranóia. Uma vez que o aparecimento da angústia está ligado a essas fantasias recalçadas, devemos concluir que a transformação da libido em angústia não ocorre através da defesa entre o ego e o Ics., mas sim no próprio Ics. Decorre daí, portanto, que existe uma libido Ics.*

*O recalçamento dos impulsos não parece produzir angústia, e sim, talvez, depressão - uma melancolia. Desse modo, as melancolias estão relacionadas com a neurose obsessiva.*

#### *A Definição de "Santo"*

*"Santo" é algo que se baseia no fato de que os seres humanos, em benefício da comunidade mais ampla, sacrificam uma parte de sua liberdade sexual e de sua liberdade em se entregar às perversões. O horror ao incesto (coisa iníqua) baseia-se no fato de que, em consequência da vida sexual comunitária (até mesmo na infância), os membros de uma dada família ficam permanentemente juntos e se tornam incapazes de entrar em contato com estranhos. Logo incesto é anti social - a civilização consiste nessa renúncia coletiva progressiva. O contrário do "super homem" (Masson, 1985, pp. 251-3).*

Este rascunho N, foi o último dos três rascunhos (L, M, N) enriquecido pelos quatro sonhos de Roma, onde aparecem as hostilidades e desejos de morte na criança, (e também de Freud), para com o pai de mesmo sexo, e onde surge o germen, que desembocará na conceituação da identificação narcísica em *Luto e Melancolia* (1915). Nessa epístola, Freud apresenta também um certo aperfeiçoamento da teoria da libido, os sintomas e os sonhos são entendidos como realizações de desejos. A recordação de cenas traumatizantes reais vai perdendo importância em proveito de imagens, fantasias e devaneios originados pelo desejo.

No dia 21 de setembro (1897), após voltar de suas férias de verão, Freud escreve uma importante carta, afirmando que quer contar ao amigo um segredo. Havia abandonado a crença em sua neurótica, nome que dava a sua teoria das neuroses, ou seja, há algum tempo a idéia vinha tomando corpo em sua mente. Chegara a conclusão de que não haviam cenas reais de sedução, mas sim fantasias de sedução! Entretanto, este tipo de percepção, causa apenas uma pequenina angústia, pois o psicológico, continuava inalterado, e o livro sobre os sonhos estava em franco desenvolvimento.

Em 15 de outubro (1897), escreve a Fliess que sua auto-análise era algo extremamente essencial em sua vida, e que pretendia levá-la até o fim. Comenta sobre uma interrupção que teria havido por três dias, pretendendo ainda correlacionar esta parada não só com a resistência, mas também com a teoria da periodicidade.

A auto análise de Freud leva-o a perceber que o fenômeno de ter ciúmes da relação de pai e mãe também se aplicava a seu caso, inferindo daí que este era um acontecimento universal, e que ocorria nos primórdios da infância. Faz referência ao *Oedipus Rex*, concluindo que, o que chamou de o teatro da fatalidade, fracassou devido ao fato de os espectadores serem, na verdade, Édipos em potencial, daí ficarem impossibilitados de apreciar tal teatro,

*... e cada uma recua, horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual* (Masson, 1985, p. 273).

Trás ainda, dentro da temática edípica, Hamlet, outro de seus heróis preferidos. Mostra que Shakespeare teria apreendido o inconsciente do herói, que sofreria por ter tido sentimentos de paixão pela mãe, e conseqüentemente odiado o pai, incrementando assim, um sentimento inconsciente de culpa, base de sua consciência moral. Neste trecho Freud insere duas significativas passagens de Hamlet:

*E assim a consciência nos torna a todos covardes? - A se tratar cada homem segundo seu merecimento, quem escapará do açoite?* (Masson, 1985, p. 273).



Em 16 de janeiro de 1899, Freud já considera que o problema da sedução, era muito provavelmente uma fantasia, não acontecimentos reais. Faz referências a ter usado o que chamou de, a chave da fantasia, em uma paciente melancólica, identificada com sintomas da mãe. Fica evidente que ele começa a situar a questão da neurose, em relação as fantasias do paciente.

*Sempre achei que na primeira infância ela havia testemunhado um estado análogo, uma genuína melancolia, na mãe. Isso estava de acordo com a teoria anterior, mas em dois anos não houve confirmação alguma. Agora, ficou constatado que, quando menina de 14 anos, ela descobriu que tinha atresia hymenalis e ficou desesperada, com a idéia que não serviria nada como esposa. Daí a melancolia - medo da impotência. Os estados semelhantes, em que ela não consegue decidir-se pela escolha de um chapéu ou de um vestido, remontam à luta da época em que teve de escolher um marido (Masson, 1985, p. 342).*

A teoria inicial amparava a crença, de que a menina, havia percebido uma depressão real na mãe e se havia identificado com ela. Muda entretanto de posição, as fantasias da adolescência de que não encontraria um marido, não estão relacionadas a acontecimentos reais, este tipo de associação seriam meras racionalizações.

Ainda nesta carta, há uma apresentação de um caso em que a ausência de maiores detalhes, deixa margem a algumas dúvidas. Refere-se à pretensão de um homem velho e rico, de desposar uma mulher, filha de um pai também rico. Segundo Freud, após o casamento, esta mulher tornar-se-á anestésica ao identificar o marido, com o pai.

*Um homem de posição elevada e vasta fortuna (um diretor de banco), com cerca de sessenta anos, veio consultar-se comigo e me falou das peculiaridades de uma moça com quem está tendo um romance. Arrisquei o palpite de que, provavelmente, ela era completamente anestésica. Ao contrário, ela tem quatro a seis orgasmos durante o coito. Mas à primeira aproximação, é tomada de tremores e, imediatamente depois, cai num sono patológico, durante o qual fala como se estivesse em hipnose e chega a seguir sugestões pós-hipnóticas; há uma amnésia completa em relação a tudo isso. Ele pretende casar-se com ela, e ela certamente será anestésica com o marido. Esse cavalheiro idoso, por causa da possível identificação com o pai imensamente abastado da infância da moça, tem, evidentemente, o efeito de conseguir liberar a libido vinculada às fantasias dela (Masson, 1985, p. 342).*

É de 9 de dezembro de 1899, a última carta com alguma referência a identificação. Nesta carta Freud questiona-se a respeito do problema da escolha da neurose. Deseja descobrir

porque uma pessoa fica histérica ou paranóide. Afirma que, inicialmente, imaginara que essa escolha dependia da idade em que ocorria a experiência do trauma sexual. Agora havia percebido que a escolha da neurose vinculava-se à teoria sexual, não à teoria da sedução, a qual tinha abandonado completamente.

*A mais inferior das camadas sexuais é o auto-erotismo, que dispensa qualquer objetivo psicosexual e visa apenas as sensações localmente gratificantes. Depois dele vem o alo-erotismo (homo ou heteroerotismo), mas é certo que ele continua a existir como uma corrente subjacente. A histeria (e sua variante, a neurose obsessiva) é alo erótica, já que sua via principal é a identificação com a pessoa amada. Já a paranóia dissolve a identificação, reinstaura todas as pessoas amadas da infância que foram abandonadas (comparar discussão sobre os sonhos exibicionistas) e dissolve o próprio ego nas pessoas externas. Assim, passei a encarar a paranóia como a irrupção da corrente auto-erótica, um retorno a um estado anterior. A formação perversiva a ela correspondente seria a chamada insanidade idiopática. As relações especiais entre o auto-erotismo e o ego original lançariam uma luz clara sobre a natureza dessa neurose. Nesse ponto, o fio da meada se rompe novamente (Masson, 1985, p. 391).*

Nesta época, Freud encontrava-se sem dinheiro e a proximidade do natal nestas condições o incomodava bastante. O *Livro dos Sonhos* acabara de ser lançado na praça, não tendo tido uma grande repercussão, o que também o desolava. Ao mesmo tempo, dizia que Viena não era o lugar certo para ele, pela pouca aceitação de suas hipóteses, e conseqüentemente poucos clientes. Tentava consolar-se com a hipótese de *estar à frente de seu tempo*. Em carta posterior, 8 de janeiro de 1900, chegou a dizer que não contava com o reconhecimento de sua obra, pelo menos enquanto vivesse.

Aos poucos, sua amizade com Fliess foi diminuindo, como se depreende do caderno de notas de Marie Bonaparte, citado por Masson (1985):

*A amizade com Fliess começou a declinar já em 1900,... quando Freud publicou o livro sobre os sonhos. Freud não se apercebera disso! Eu o fiz vê-lo. A amizade por Fliess o fazia relutar em imputar inveja a ele. Fliess não podia suportar a superioridade do amigo. Tampouco tolerava, e isso segundo Freud, as críticas científicas de Freud. ... Ida Fliess, ademais, ... por ciúme, fez todo o possível para semear a discórdia entre os dois amigos, ao passo que Martha Freud compreendia muito bem que Fliess conseguia dar a seu marido algo além*



do que estava ao alcance dela. Fliess, de acordo com Freud, teve por este uma amizade tão apaixonada quanto a de Freud por Fliess (p. 3).

Segue ainda Bonaparte, comentando a respeito principalmente da posição teórica dos dois:

*Quanto a ligação entre o nariz e o restante do organismo, há alguma verdade nisso. O próprio Freud a experimentou com respeito a sua azia, que costumava desaparecer repentinamente após tratamento nasal. Teve ocasião de observar Fliess aliviar dessa maneira as dores do parto. Quanto à bissexualidade, se Fliess foi o primeiro a falar nela com Freud, não lhe seria possível reclamar prioridade nessa idéia da biologia. "E se ele me deu a bissexualidade, dei-lhe a sexualidade antes disso". Eis aí o que me disse Freud (p. 4).*

Até o rompimento definitivo, na carta de 27 de julho de 1904, onde pela última vez Freud tenta justificar-se das acusações do amigo sobre o fato de ter-se apropriado da teoria da bissexualidade, o tema da identificação não foi mais tocado. Nesta época ele tinha recebido do editor as provas dos *Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, bem como, escrevia o *Chiste*.

Neste período final, que inicia-se em 1901, Freud terminara de redigir o *caso Dora*, que, entretanto, só será publicado em 1905. Terá, ainda, publicado sua *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, em dois volumes de uma revista de psiquiatria. Faz nesta época, a esperada visita à Roma com seu irmão Alexander. No ano seguinte, 1902, será finalmente nomeado *Ausserordentlicher Professor*. Anzieu (1959), comenta que não foi o anti-semitismo o motivo para a demora da nomeação, mas sim, condições orçamentárias e a inércia administrativa, as causas mais importantes e, como sempre, só se beneficiavam aqueles que tivessem influências políticas em suas recomendações.

*Ele a obteve quando resignou-se a tomar providências deste tipo*  
(Anzieu, 1959, p. 409).

A mudança de atitude de Freud, fora resultante de sua auto análise, na medida em que pode modificar sua posição, já que, até aquele momento tinha apenas pretendido ser um homem de ciência, desprezando os que atacavam suas teorias. Tornara-se mais prático, preocupava-se com a organização da psicanálise, sua difusão e a formação de novos analistas. Essa formação vai ser desenvolvida após a interrupção definitiva da correspondência, Freud terá um novo público: Alfred Adler, Max Kahane, Rudolf Reitler e Wilhelm Stekel. Este último, sugerirá a Freud a organização de um grupo, o qual será conhecido como a Sociedade Psicológica das Quartas Feiras.

*Ele sai da solidão, resolvido a continuar o desenvolvimento de sua obra*  
(Anzieu, 1959, p. 408).

### III - A VIA RÉGIA DA BELA AÇOUGUEIRA

#### A Interpretação de Sonhos (1900).

Em 12 de junho de 1900, Freud perguntava a Fliess:

*Você acha que, algum dia, será possível ler uma placa de mármore nesta casa, "Aqui, no dia 24 de julho de 1895, o segredo do sonho se revelou ao Dr. Sigmund Freud"?* (Masson, 1895, p. 418).<sup>(1)</sup>

Em 1895, em uma nota de rodapé a respeito do caso de Emmy von N., surgem publicadas as primeiras provas do interesse de Freud pela problemática dos sonhos. Em maio de 1897, falava em escrever um livro a respeito do assunto, entretanto, naquela época a auto-análise havia tomado toda sua atenção, momento em que descortinava o que futuramente será denominado como *Complexo de Édipo*. No fim do ano o livro foi retomado e no início de 1898, surgiu um primeiro esboço. Em virtude de seu relacionamento com Fliess, todo o material lhe era enviado e até as provas tipográficas eram submetidas à sua crítica. Em 5 de novembro de 1899, escreveu-lhe: *ontem afinal o livro apareceu. A Die Traumdeutung* foi uma obra constantemente atualizada pelo autor, fato ocorrido também com os *Três Ensaios sobre a Sexualidade* (1905). Strachey, em seus comentários a respeito da *Interpretação dos Sonhos* (1900), nos diz que apenas 351 exemplares foram vendidos nos seis primeiros anos, entretanto, com o passar do tempo foi ganhando importância, a ponto de, por ocasião do prefácio à terceira edição inglesa, Freud terminá-la com a seguinte passagem:

*Este livro, com a nova contribuição à psicologia que surpreendeu o mundo quando de sua publicação (1900), permanece essencialmente inalterado. Contém ele, mesmo de acordo com meu julgamento dos dias que correm, a mais valiosa de todas as descobertas que tive a felicidade de fazer. Compreensão dessa espécie só ocorre a alguém uma vez na vida* (p. XLI).

A *Interpretação de Sonhos* (1900) não se restringe apenas a sonhos e tanto a primeira edição como as subseqüentes, apresentam um quadro das principais idéias da psicanálise, bem como é uma autobiografia do autor. Mesclam-se na obra o Complexo de Édipo, o trabalho da

---

<sup>(1)</sup> Esta passagem, refere-se ao famoso sonho de 23-24 de julho de 1895, em Bllevue, conhecido como *A injeção de Irma*, o primeiro a ser exaustivamente analisado por Freud.

repressão (recalque), a luta entre o desejo e a defesa, e uma enorme quantidade de exemplos clínicos, não só de pacientes, mas principalmente do autor.

A obra já nascia desafiadora, "*Flectere si nequeo superos, acheronta movebo*" (Se não posso dobrar os poderes superiores, moverei as regiões infernais), escrevia Freud no frontispício. Ao mesmo tempo, as palavras de abertura, no primeiro capítulo, demonstravam que vinha preparado para um combate de largas proporções e que pretendia sem dúvida ser vencedor.

*Nas páginas que se seguem, apresentarei provas de que existe uma técnica psicológica que torna possível interpretar sonhos, e que, se esse procedimento for empregado, todo sonho se revela como uma estrutura psíquica que possui um significado e que pode ser inserido como um ponto designável nas atividades mentais da vida de vigília (p. XV).*

Freud pretendia com a compreensão dos sonhos obter informações sobre a estrutura do aparelho psíquico, para os quais, até o momento, havia esperado em vão pela resposta da filosofia. Interpretar um sonho seria então buscar seu sentido, uma grande novidade para a época, pois os sonhos eram tidos como tendo uma origem somática, processos orgânicos não relacionados entre si.

A obra foi iniciada com um longo capítulo no qual discute os tratados filosóficos e monografias psicológicas, antigos e modernos. Foi um capítulo difícil de ser elaborado e disse na época, que esse levantamento bibliográfico era um *castigo medonho*. Peter Gay (1988), comenta que Freud apresentou os quatro capítulos iniciais numa rápida cadência, detendo-se apenas para analisar sonhos importantes, posteriormente torna-se mais pausado, permitindo-se ser mais expansivo, ao especificar as variedades de sonhos, seguindo-os desde seus conteúdos manifestos, até suas remotas origens. O sexto capítulo, sobre o *trabalho* dos sonhos, foi ampliado nas edições subseqüentes. O sétimo capítulo, famoso por sua tecnicidade e complexidade, tanto que só pode ser completamente compreendido quando do exame do material contido no *Projeto*, deu o toque final numa obra, em que :

*... a solidez da exposição e a elegância das provas continuam incólumes*  
(Gay, 1988, p. 111).

A novidade da *Traumdeutung* foi o detalhado estudo da deformação onírica, o que ele chamou de o trabalho do sonho, acoplado a uma teoria do aparelho psíquico com vistas a explicar este processo. Criou com isso uma nova abordagem para a compreensão das neuroses num plano puramente psicológico, bem como, mostrou a repressão como uma das molas propulsoras da deformação. Freud havia terminado o segundo capítulo dizendo que, quando se

conclui o trabalho de interpretação de um sonho, percebe-se que o sonho é uma realização de desejo. Nos dois capítulos seguintes, discorreu ainda sobre este tema, ampliando a discussão no capítulo IV, onde modificou a assertiva anterior para:

*Um sonho é uma realização (disfarçada) de um desejo (suprimido ou reprimido) (p. 170).*

O tema da deformação do sonho, teve como exemplo o sonho de uma *espiritosa* paciente histérica, *a bela açougueira*, como ficou conhecido após os comentários de Lacan. Diz respeito a impossibilidade de dar uma recepção. Ao apresentar esse sonho Freud tinha em mente mostrar que, apesar de seus pacientes constantemente tentarem contradizê-lo, e este era um dos casos, ele poderia através de uma análise sistemática, mostrar o desejo disfarçado, mas presente no sonho. Será como disse, um exemplo apresentado contra ele, como prova em contrário. Como o exemplo centra-se na referência a uma identificação com a amiga, Freud faz ao final da análise, um longo comentário sobre a identificação histérica.<sup>(2)</sup>

A paciente apresenta seu sonho como uma provocação a Freud, com um prazer retirado da possibilidade de tê-lo pego no contrapé.

*"O senhor sempre me diz", começou uma inteligente paciente minha, "que um sonho é um desejo realizado. Muito bem, vou narrar-lhe um sonho cujo tema era exatamente o oposto - um sonho no qual um de meus desejos não foi realizado. Como o senhor enquadra isso em sua teoria? Foi este o sonho":*

*"Queria dar uma reunião onde fosse servida uma ceia, mas não tinha mais nada em casa senão um pequeno salmão defumado. Pensei em sair e comprar alguma coisa, mas me lembrei que era domingo de tarde e que todas as casas comerciais estariam fechadas. Em seguida, tentei telefonar para alguns fornecedores, mas o telefone estava defeituoso. Assim, tive que abandonar meu desejo de dar uma recepção" (p. 156).*

O sonho não realizara o seu desejo e ela esperava que, com a apresentação do mesmo, se criasse uma ruptura na teoria discorrida por seu analista. Tinha sido impedida de oferecer um jantar pela impossibilidade de comprar algo a ser oferecido, já que, apenas, tinha um pouco de salmão defumado. Como alguém que conhece a trilha que leva ao lugar de destino, Freud, imperturbável, não deixa de concordar, mas solicita o concurso das

---

<sup>(2)</sup> Este será o primeiro texto publicado sobre o tema da identificação, algo apenas abordado em sua correspondência com Fliess.

associações. Aquilo que, ao despertar o paciente apresenta como o conteúdo manifesto, é por vezes longo e a primeira providência a ser tomada é a decomposição desse discurso em seus elementos e solicitar para eles as associações correspondentes. O sonho é assim percebido como um somatório de formações psíquicas, cujos intervalos são preenchidos pelos pensamentos arcaicos, o conteúdo latente, que após análise apresentam-se num encadeamento lógico e pleno de sentido. A decomposição do discurso permitirá abordar a questão não por uma lógica cartesiana, mas por uma lógica do inconsciente.

*Respondi, naturalmente, que a análise era a única forma de decidir quanto ao significado do sonho, embora admitisse que, à primeira vista, se afigurava sensato e coerente e parecia o inverso da realização de um desejo. Mas de que material decorria o sonho? Como se sabe, a instigação a um sonho sempre se encontra nos fatos do dia anterior (pp. 156-7).*

Logo de início surge o marido, açougueiro que tem a pretensão de, através de uma dieta rigorosa, diminuir seu peso e para um esclarecimento maior acerca dele, acrescenta um comentário essencial para a futura compreensão do sonho. Um pintor colega de bar, desejava pintar-lhe o retrato, ao que o marido havia respondido que talvez ao pintor fosse mais agradável *uma parte do traseiro de uma bela garota*, explicitando assim seu desejo pelas mulheres bem dotadas de corpo. Ao final, num comentário aparentemente sem importância, refere-se ao seu pedido de que ele, o marido açougueiro, *não lhe dê caviar*. Freud, não encontrando as conexões, quer saber mais: Ela gostaria de comer um sanduíche de caviar todas as manhãs, o marido certamente compraria, mas ela não quer ter a despesa correspondente. Freud recorda-se dos pacientes de Berheim que inventavam explicações insatisfatórias, daí formula a hipótese de que ela *necessitava criar em sua vida um desejo não realizado*. Mas porquê? Esta era uma boa questão!

A seqüência das associações, as quais Freud, não nos relata, não dão maiores dados para a compreensão do sonho. Ele nos diz que, após curta pausa que marca a resistência, surge um resto diurno, *a amiga*, com quem havia falado na véspera e que lhe despertava ciúmes porque o marido vivia a elogiá-la. Entretanto, a amiga era ínagra e como sabemos o açougueiro gostava de mulheres mais encorpadas. Freud percebe que o quebra cabeças começa a ser montado. Ao perguntar sobre o teor da conversação, apreende outro elemento importante da trama - o pedido de um convite para jantar por parte da amiga, em virtude dos bons pratos que oferecia. Freud, com mais estes dois elementos, a amiga e seu desejo, cria um sentido e apresenta a interpretação:

*É como se quando ela fez essa sugestão, a senhora tivesse dito a si mesma: "Pois sim! Vou convidá-la para comer em minha casa só para que possa*

*engordar e atrair meu marido ainda mais! Preferia nunca mais dar outra reunião com jantar". O que o sonho lhe dizia é que a senhora não podia dar mais festas dessa natureza e estava ele assim realizando seu desejo de não ajudar sua amiga a tornar-se mais forte. O fato de que o que outras pessoas comem em reuniões as torna gordas a convencera pela decisão de seu marido em não aceitar mais convites para ceias, no interesse de seu plano para emagrecer (p. 158).*

Ficava no entanto faltando algo que explicasse o porquê da ligação? O salmão defumado era a pista, daí a pergunta de Freud de como ela teria chegado ao salmão defumado? Ela então pode informar que era o prato preferido de sua amiga. Por coincidência ele conhecia a dita amiga e sabia que era uma apreciadora de salmão, entretanto privava-se dele também por motivos de economia.

Freud percebe que o sonho poderia apresentar uma outra possibilidade interpretativa quando se examina mais cuidadosamente o *salmão defumado*, não sendo de forma nenhuma interpretações contraditórias, mas sim sentidos que se recobrem, duplo sentido que são vistos não só nos sonhos, como em outras formações psicopatológicas. A paciente ao mesmo tempo que sonhara o desejo recalcado, esforçava-se para provocá-lo no dia a dia, através do não poder comer caviar. Sua amiga também tem o desejo de ficar mais cheia de corpo, desejo este, que a açougueira não quer ver realizado! Entretanto, ela não sonha a não realização do desejo da amiga, mas que seu desejo seja impedido.

Freud trás a tona o conceito de identificação - ela se identificara com a amiga, colocara-se em seu lugar e deste lugar criava o impedimento de engordar, tendo apoiado esta identificação na proibição de comer caviar. A identificação era confirmada pela equivalência de dois caprichos: tanto uma recusava o caviar, quanto a outra recusava o salmão, aparentemente por questões de dinheiro. A açougueira se colocava no lugar da amiga no sonho, porque esta estava se colocando em seu lugar ao lado do marido e porque queria ela assumir, no desejo do marido, o lugar da amiga.

Ao contar o sonho, a *bela açougueira* acredita ter demonstrado que a teoria teria encontrado um obstáculo, a histérica tentando reinar sobre o mestre. Sonhou sobre um desejo que não se realiza, apesar de suas tentativas, as provisões, as lojas e o telefone. Entretanto, junto a seu marido ela abriga um desejo que ela prefere não realizar, alegando problemas econômicos. Tudo está em desacordo com a teoria do mestre! Entretanto, o mestre não se deixa derrogar e vai fazendo com que todo o *trabalho* do sonho seja percebido. O desejo não realizado no sonho se correlaciona com os ciúmes da amiga e pela via da identificação, surge a realização do desejo, de que o desejo de um outro, a amiga, não se realize, pois o desejo da



amiga de tomar seu lugar, junto ao açougueiro, após engordar, é de realização impossível devido a sua magreza.

Florence (1978), aludindo a *wunsctheorie*, diz que o sonho põe em causa um drama de ciúmes, ao que parecia injustificados segundo conta Freud, entretanto, ele aparece na verdade em relação ao mundo interno da paciente:

*... uma demanda insaciável de amor . É pela via da identificação à sua rival (imaginária?) que ela proclama esse desejo insaciável; o disfarce onírico é engenhoso e revelador: ele trai este que deseja (p. 18).*

Eis que surge um entrecruzamento entre o desejo do marido de querer emagrecer e o da amiga de querer engordar. Um entrecruzamento que vem apresentar um enigma sobre a verdade do desejo, um açougueiro que quer emagrecer e que prefere as mais bem fornidas de carnes, mas está sempre a elogiar essa amiga magra e que, de forma suspeita quer engordar.

*Assim o sonho da paciente responde à demanda da amiga que é de vir jantar com ela. E não se sabe o que pode na verdade levá-la a isto, exceto que é aí se janta bem, senão o fato cujo fio a nossa açougueira não perde: é que seu marido fala dela sempre com elogios. Ora, magra como é, não foi feita para agradá-lo, ele que só gosta de curvas.*

*Não teria ele também um desejo que permanece atravessado quando tudo nele está satisfeito? É a mesma mola que, no sonho, vai fazer do desejo da amiga o fracasso de sua demanda.*

*Pois, por mais precisamente simbolizada que esteja a demanda pelo acessório do telefone recém-nascido, é em vão. À chamada da paciente não tem êxito; o bom seria ver a outra engordar para que seu marido se regalasse.*

*Mas como uma outra pessoa pode ser amada (não é suficiente, para que a paciente pense nisso, que seu marido a admire?) por um homem que não poderia se satisfazer com ela (ele, o homem do traseiro?). Eis colocada a questão que é muito geralmente a da identificação histórica. (Lacan, 1958, p. 40).*

O sonho produz um outro descentramento, sai do entrecruzamento do desejos do açougueiro e da amiga e enfatiza esses dois desejos que querem ser reconhecidos, mas não serem satisfeitos. Ficam lado a lado essas duas demandas e podem ser

*interpretadas como a demanda de se alimentar de um desejo como tal, mais que do objeto que satisfaria a demanda alimentar (André, 1986, p. 141).*

A açougueira entretanto, volta-se para o desejo do marido com uma grave interrogação. O que na amiga deseja o marido? Não é o seu corpo provavelmente, é o mistério



da feminilidade que entra em jogo, este *não sei o que da mulher que encanta e seduz!* Para decifrar seu próprio desejo, a açougueira tem que se colocar no lugar da amiga. A açougueira deve abandonar no sonho a idéia do jantar, mas não para tirar as possibilidades futuras de sedução da amiga, mas para sustentá-lo enquanto um desejo insatisfeito, na medida em que o desejo da amiga está, pela identificação, no lugar de seu próprio desejo. A identificação ao desejo da amiga lhe oferece a possibilidade de um lugar onde interrogar o desejo do marido, criando

*a possibilidade de uma reinterpretação do desejo masculino: se o gordo açougueiro que quer emagrecer pode desejar uma mulher magra que tenta engordar, não é porque ele está menos satisfeito do que parece com os pedaços do traseiro de sua mulher?* (André, 1986, p. 143).

André (1986), afirma que se por um lado a açougueira se posiciona ao lado da amiga, tentando aprender algo dessa feminilidade, tão misteriosa a ponto de sensibilizar seu marido, por outro lado ela se coloca na posição do açougueiro para se perguntar, o que tem na amiga que o seduz? Ela se identifica ao homem, fica na posição masculina para questionar a feminilidade da amiga, porque ela quer que o açougueiro a deseje, como ela pensa que ele deseja a amiga (posição feminina). Tanto André (1986), quanto Florence (1978), chamam a atenção para o aspecto da oralidade da histérica que tanto na *Traumdeutung*, quanto em *A Direção da Cura* (1958), não foram analisados, ressaltando-se que Lacan, nas páginas seguintes de seu trabalho, faz comentários sobre a anorexia mental. Tanto um quanto outro, na época em que compuseram suas obras, não haviam atentado para o valor central do objeto como causa de desejo.

Retornando ao texto de Freud, vemos que, após desvendar o mistério da trama inconsciente do desejo da *bela açougueira*, quer saber: *qual é o significado da identificação histérica?* (p. 159).

Freud apresentará, conforme suas próprias palavras uma extensa explanação em sua contribuição metapsicológica a *identificação histérica*, aliás única explanação e nem tão extensa assim que fará sobre o tema, visto que no capítulo VII da *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921), seus comentários estão por vezes pouco claros, bem como utiliza-se do mesmo exemplo de 1900, fazendo a alteração de uma enfermaria de hospital para um internato para moças. A princípio dirá que a identificação é algo muito importante no mecanismo dos sintomas histéricos, fazendo-nos supor que em todo sintoma histérico esteja presente uma identificação, a linguagem da histeria se cruza com a linguagem da identificação. Todo sintoma histérico é uma apreensão de um traço isolado da pessoa que é objeto da identificação.

*A identificação é um fator altamente importante no mecanismo dos sintomas histéricos. Ela permite aos pacientes expressarem em seus sintomas não somente suas próprias experiências como também as de um grande número de pessoas; ela lhes permite por assim dizer, sofrer em nome de toda uma multidão de pessoas e desempenhar todos os papéis numa mesma peça (p. 159).*

A identificação possibilita aos pacientes expressarem os sintomas de várias pessoas, sofrerem e representarem de forma isolada todos os personagens de uma mesma peça. Apresenta também uma distinção entre a imitação, que seria da ordem da consciência e a assimilação, que seria de ordem inconsciente. Percebe-se então uma clara diferença entre a identificação e a imitação. A identificação histérica é um ato mental inconsciente produzido pela dedução inconsciente de uma inferência. Cita o exemplo de uma paciente que identificada com outra, apresenta o mesmo quadro conversivo em virtude de querer inconscientemente viver um caso amoroso, estar no lugar da outra, na medida em que sabe que o ataque com o qual se identificou, foi produto do recebimento de uma carta de amor. Com isso pretende apresentar a diferença entre a imitação consciente e a identificação inconsciente, já que, se a segunda paciente soubesse que iria fazer o mesmo quadro conversivo que teve a primeira, não o teria feito por medo. Assim, diz Freud:

*a identificação não constitui uma simples imitação mas uma assimilação à base de uma etiologia semelhante; expressa numa semelhança, e se origina do elemento comum que permanece no inconsciente. (p. 160).*

Ao apresentar o trabalho sobre o sonho da *bela açougueira*, Freud põe em questão a relação existente entre a identificação e a histeria como forma de apresentar um drama sexual, onde surge a facilidade da histérica em identificar-se com pessoas que tenham tido relações com as mesmas que ela. Isto diz respeito, não só a efetivas relações, mas é suficiente a fantasia de relações. No sonho em pauta ve-se o desejo inconsciente da *bela açougueira* de se colocar no lugar da amiga, conquanto esta era objeto de admiração de seu marido.

*A identificação é mais a miúdo empregada na histeria para expressar um elemento sexual comum. uma mulher histérica identifica-se em seus sintomas mais prontamente - embora não exclusivamente - com as pessoas com quem tenham tido relações sexuais ou com as pessoas que tenham tido relações sexuais com as mesmas que ela. O uso linguístico leva isso em conta, pois se faz referência a duas pessoas que se amam como sendo "uma". Nas fantasias histéricas, do mesmo modo que nos sonhos, basta para as finalidades de identificação que o indivíduo tenha tido pensamentos de relações sexuais sem que estas tenham necessariamente ocorrido na realidade (p. 160).*

O fantasma sexual se apresenta através da identificação histérica, principalmente tendo como pano de fundo uma cena de ciúmes. Entretanto este fantasma pode ser apresentado sob diferentes formas, ou seja, no registro imaginário das relações interpessoais, no sonho, ou através de uma sintomatologia angustiante. Nestes casos, segundo Florence (1978), do ponto de vista dinâmico, a força libidinal encontrou uma saída através de uma distorção, um desvio pelas imagens dos significantes (*traço isolado*, segundo Freud), de um ou de vários personagens. E do ponto de vista da economia da libido, não surge uma tentativa direta de se repartir os investimentos; é através da *identificação onírica*, pelo trabalho de condensação que se pode apreender este aspecto econômico, identificação como uma tentativa de economizar, poupar, diminuir o gasto de energia psíquica.

*Ele aparece entretanto, à propósito dos substitutos graças aos quais a histérica representa seu fantasma - os personagens de seu drama imaginário de ciúme - que ela não pode dizer sua questão (ser homem ou mulher?) em uma cena na qual ela se ausenta. Estes personagens substitutivos, revelam suas posições intersubjetivas e formulam em seu lugar sua busca impossível sua demanda de amor nunca adiada, desejada, recusada. Mas esta substituição, que é de qualquer modo uma procuração, capta e mobiliza a energia psíquica da histérica, dispendida neste desvio que é a errância da neurose (p. 22).*

Do exposto percebe-se que a identificação histérica tem origem na alienação subjetiva da histérica frente ao desejo de um outro, o qual é sempre imaginado como tendo a resposta sobre o processo e a gênese da questão do desejo. Se este outro é passível de ter essa resposta, todo um investimento será feito nesta direção, o que resultaria num enorme suporte para os mecanismos identificatórios. Como conclusão citamos o parágrafo de Dor (1991).

*Muito cedo, Freud chamou nossa atenção sublinhando que o histérico deseja que seu desejo permaneça insatisfeito. Ele se fecha, de fato, em uma lógica psíquica sem par: para manter seu desejo, o sujeito, o sujeito esforça-se por jamais lhe dar um objeto substituto possível, a fim de que a insatisfação que daí resulta remobilize, assim, sempre mais longe, o desejo, nesta aspiração rumo a um ideal de ser (p. 73).*

#### IV - DORA E A FAMÍLIA K

Fragmento da Análise de um Caso de Histeria (1901-05).

Em 1905, Freud decidiu publicar *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria*, cujo nome inicial era *Sonhos e Histeria*, embora já, em 14 de outubro de 1900 tenha comentado em carta dirigida a Fliess:

*Esse tem sido um período animado e me trouxe uma nova paciente, uma jovem de dezoito anos que se abriu suavemente com a coleção existentes de gazuas* (Masson, 1985, p. 428).

Esta nova paciente era filha de Philip Bauer, rico industrial austríaco que em 1894, havia consultado Freud por recomendação de um amigo (que no desenvolvimento do caso será denominado de Herr K.), em virtude de um processo confusional, seguido de sintomas de paralisia e ligeiras perturbações mentais. Quatro anos depois, Bauer levou sua filha Ida para ver Freud, sendo que o tratamento só foi iniciado anos mais tarde, já em 1900.

Para escrever sua história clínica Freud usou para Ida Bauer o nome de Dora. Em *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901), diz que a escolha, à princípio, parecia ser simples, em virtude da enorme gama de possibilidades, entretanto, em sua mente um nome *insistia* - Dora. Seu espírito pesquisador imediatamente interessou-se pelo porquê da insistência.

*Quem mais se chamava Dora? Eu teria gostado de descartar incredulamente o próximo pensamento que me ocorreu - que era o nome da empregada de minha irmã; contudo, tenha tanta autodisciplina, ou tanta prática em fazer análises, que mantive a idéia com firmeza e deixei meus pensamentos seguirem avante a partir dela. Imediatamente veio-me à mente um incidente trivial da noite anterior que forneceu o determinante que eu procurava. Eu havia visto uma carta na mesa da sala de jantar de minha irmã, endereçada a Fräulien Rosa W.. Perguntei surpreso quem ali tinha esse nome, e me disseram que a jovem que eu conhecia como Dora na realidade se chamava Rosa, mas que ela tivera de abandonar seu verdadeiro nome ao aceitar o emprego na casa, já que minha irmã poderia ser confundida com "Rosa" por ter também esse nome. "Pobre gente", comentei com pena, "eles nem podem manter seus próprios nomes!" Depois disso, lembro-me agora, permaneci em silêncio por um momento e comecei a pensar em diversas questões graves que se perderam na obscuridade, mas que agora eu facilmente podia tornar conscientes. Quando no dia seguinte*

*eu procurava pelo nome de alguém "que não podia conservar seu próprio nome", Dora foi o único que me ocorreu. Aqui a completa ausência de alternativas baseou-se numa sólida associação ligada com o conteúdo do assunto com que eu estava lidando: pois foi uma pessoa empregada em casa alheia, uma governanta, que exerceu uma influência decisiva na história de minha paciente, bem como no seguimento do tratamento (pp. 289-9).*

Silva (1994) comenta que outros dados entraram na composição inconsciente do novo nome. Dora era o nome do primeiro amor de *David Copperfield*, de Dickens, livro com o qual Freud, em 1882, presenteou pela primeira vez sua futura esposa Martha. Dora foi também o nome dado pelo casal Breuer, à filha nascida após o episódio Ana O. e a viagem a Veneza.

Como se depreende das cartas enviadas a Fliess. Freud em 25 de janeiro de 1901, já tinha o trabalho praticamente concluído.

*Terminei ontem Sonhos e Histeria e hoje já estou sentindo falta de um soporífero. Ele é o fragmento da análise de um caso de histeria em que as complicações se agrupam em torno de dois sonhos; assim, na verdade, é uma continuação do livro do sonho. Além disso, contém resoluções de sintomas histéricos e vislumbres dos fundamentos órgão sexuais do conjunto. É a coisa mais sutil que já escrevi até agora e vai desconcertar as pessoas ainda mais que de hábito (Masson, 1985, p. 434).*

Em 30 de janeiro, poucos dias depois, faz novos comentários.

*Sonhos e Histeria, se possível não deverá desapontá-lo. O principal nele é, mais uma vez, a psicologia, a utilização dos sonhos e algumas peculiaridades dos processos inconscientes de pensamento. Há apenas vislumbres de elementos do orgânico, isto é, das zonas erógenas e da bissexualidade. Mas a bissexualidade é mencionada e especificamente reconhecida de uma vez por todas e está preparado o terreno para o exame pormenorizado dela em outra ocasião. Trata-se de uma histeria com tosse nervosa e afonia, ambas as quais podem ser rastreadas até o caráter da sucção do bebê e a questão principal nos processos de pensamentos conflitantes é o contraste entre uma inclinação para os homens e uma para as mulheres (Masson, 1985, p. 435).*

Este caso reúne um romance entre quatro pessoas, um rico industrial, sua filha e um casal de amigos. Não se sabe ao certo o que levou Freud a postergar sua publicação. Há algumas hipóteses de que seu editor evitou o texto, alegando que havia quebra de sigilo profissional. Poucas modificações foram feitas até sua publicação definitiva, destacando-se o

*Pós-escrito*, algumas passagens nas *Notas Preliminares* e em notas de rodapé. *Sonhos e Histeria* foi escrito ao mesmo tempo que *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* e apenas publicado em 1905, no mesmo ano em que surgiram *Os Chistes* e os *Três Ensaios*.

O Caso Dora, *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria* (1901-05) é uma marca no estudo da psicanálise visto que Freud pretende, não só valorizar os aspectos sintomáticos em correlação com seus determinantes, mas também apresentar suas idéias a respeito da estrutura da histeria, utilizando basicamente como material dois sonhos da paciente. Desde a concepção da teoria dos sonhos, Freud, através das associações adicionadas aos sonhos, tinha uma ferramenta eficaz para desvendar os mistérios que lhe eram endereçados. Ele baseava seu exame na postulação da existência de um inconsciente sobredeterminado, tentando realizar de forma disfarçada um desejo, através de dois princípios, condensação e deslocamento.

Freud (1908) afirmou que os ataques histéricos eram, na verdade, fantasias inconscientes traduzidas para a esfera motora, projetadas sobre a motilidade e representadas por meio de mímica. Acrescentou que elas eram da mesma espécie das fantasias que aparecem nos devaneios, ou que poderiam ser deduzidas da interpretação dos sonhos, podendo a crise histérica ser substituída por um sonho, ou ser a explicação desse sonho, pois uma fantasia aparece de múltiplas formas, tanto no sonho como na crise. Como ambos, sonho e crise, estão permanentemente submetidos à censura, são a princípio ininteligíveis, devendo por isso serem submetidos a uma decomposição de seus elementos formadores, ou seja, ao ataque histérico deve ser utilizado o mesmo método elucidativo que é usado para o sonho.

Freud (1900) disse que a identificação era um fator da maior importância no mecanismo dos sintomas histéricos, pois possibilitava que os pacientes pudessem expressar através de seus sintomas, não só suas próprias experiências, mas também as experiências de toda uma multidão de pessoas. Podiam também representar todos os personagens de uma mesma peça, sem se darem conta de que o faziam, já que o processo é inconsciente. Chamou ainda à atenção para o fato da identificação ser utilizada na histeria para expressar um elemento sexual comum, acrescentando que uma mulher histérica identifica-se com muita frequência, embora ressalte que não exclusivamente, com pessoas que tenham tido relações sexuais, ou fantasias dessa espécie, com as mesmas que ela.

Dora, desde os oito anos, apresentara uma dispnéia de fundo nervoso, aos doze surgiram dores de cabeça unilaterais, semelhantes a enxaqueca e crises de tosse nervosa. Aos desesseis anos, época em que Freud a viu pela primeira vez e recomendou tratamento, seus sintomas eram a tosse e a rouquidão. Como sabemos, a proposta não foi aceita pela paciente, bem como, houve uma remissão espontânea dos sintomas, apesar de, no ano seguinte ter tido



uma doença febril, diagnosticada na época como apendicite. Aos dezoito anos, quando inicia sua análise com Freud, sua *tussis nervosa* apresentava-se em acessos que duravam de três a cinco semanas, apesar de ter havido um episódio de diversos meses. A isto agregava-se uma completa afonia. Entretanto, o fator determinante de sua análise foi sua carta suicida, seguida dias depois, de uma perda da consciência após uma discussão com o pai.

Como sabemos, foi Herr Bauer quem contou a Freud todo o romance, bem como, foi o primeiro a levantar a hipótese dos sintomas de sua filha estarem ligados aos episódios que seguem:

*Contou-me seu pai que enquanto residiam em B\_\_\_\_\_ ele e a família tinham feito amizade íntima com um casal radicado ali havia vários anos. Frau K. cuidara dele durante sua longa enfermidade e tinha, assim, segundo ele, feito jus à eterna gratidão. Herr K. sempre fora extremamente atencioso com Dora. Passeava com ela e lhe dava pequenos presentes; mas ninguém via mal algum nisto. Dora tinha cuidado com todo carinho dos dois filhos dos K., dedicando-lhes atenção quase maternal. Quando Dora e seu pai tinham vindo consultar-me dois anos antes, no verão, tinham estado prestes a romper com Herr e Frau K., que passavam o verão num de nossos lagos nos Alpes. Dora devia passar várias semanas na casa dos K., ao passo que seu pai pretendia voltar a casa após alguns dias. Durante esse tempo, Herr K. também permanecera ali. Quando seu pai se preparava para partir a moça subitamente declarara com a maior determinação que iria com ele e com efeito assim o fizera. Só alguns dias mais tarde ela esclarecera seu estranho comportamento. Contara então a mãe - com o propósito de o que dissesse fosse transmitido ao pai - que Herr K. tivera a audácia de fazer-lhe uma proposta amorosa, enquanto andavam depois de um passeio ao lago. Herr K. fora chamado a dar explicações pelo pai da moça e seu tio quando de um novo encontro entre eles, mas negara da forma mais enfática ter tomado, de sua parte, qualquer liberdade que pudesse ser assim interpretada (p. 23).*

Freud dizia que os sintomas histéricos eram o resultado de uma intenção, eram inconscientemente endereçados a uma determinada pessoa e invariavelmente é uma tentativa de obtenção de alguma vantagem. Ficar neurótico envolveria uma economia de esforço psíquico, é a solução mais adequada, a chamada *fuga para a doença*, diante de um conflito psicológico e apesar de apresentar palpáveis sofrimentos, traz os chamados benefícios secundários da doença, que funcionam como um reforço a mais na patologia do paciente. A profusão de sintomas apresentados por Dora, tosse, rouquidão seguida de afonia, enxaquecas, dispnéia, apendicite, depressão, ameaça de suicídio, gastralgias, o desgosto com os homens, o

evitamento de casais abraçados, toda esta constelação de sintomas são seus legítimos representantes. Eles representam as múltiplas identificações<sup>(1)</sup> resultado dessas falas amordaçadas, que só podem surgir através desse teatro tragicômico. Não se pode deixar de tomar em consideração o pensamento de Freud, de que no sintoma, em pelo menos um de seus significados, está presente a representação - a realização - de uma fantasia de conteúdo sexual. Da mesma forma, um único processo ou fantasia inconsciente por si só, não produz o sintoma, sendo necessário um conjunto deles. O sintoma histérico é apresentado sob uma forma teatral, dentro de um cenário sexual.

*Freud tira proveito dessa profusão de sintomas para demonstrar sua concepção teórica geral da função psíquica do sintoma histérico. Ele dirá muitas vezes, no curso de seu comentário, que o sintoma significa a apresentação de uma fantasia sexual. Ela se dá como a realização de um espetáculo, como a montagem de um cenário sexual. Sexualidade deve-se compreender, em seu sentido estrutural, pode-se dizer, como mobilização de composições infantis segundo os caminhos trilhados no corpo, conforme um traço erógeno privilegiado. Utilizando os termos que anunciam o problema da representação psíquica, do qual ele fará um tema central em sua metapsicologia, alguns anos mais tarde, Freud escreve que as excitações tomam de improviso um revestimento psíquico que os fixa; este revestimento é ele mesmo estratificado. Portanto, na fantasia da histérica, estas camadas de revestimento são os personagens que a freqüentam e graças aos quais ela se dá, por procuração - como no teatro - um gozo inconsciente.*

*Assim o sintoma histérico, como cena condensada, produz-se por referência a outras pessoas figurando os protagonistas do cenário sexual de sua fantasia (Florence, 1978, p. 25).*

Ao falar das identificações de Dora, Freud diz que, à princípio, seu irmão fora seu modelo, entretanto, com o passar do tempo essa relação foi se modificando. Ela tinha tomado o partido do pai, enquanto o irmão tomara o da mãe. Claro está, que nesses comentários Freud não está diferenciando, o que futuramente chamará de identificação narcísica, da identificação histérica, já que apenas esta última estava em questão. Pode-se já perceber que a problemática das identificações apresentar-se-á em alguns casos, notadamente em relação aos protagonistas do drama em curso, pai, mãe e o casal K, em ambas vertentes, narcísica e ou histérica.

---

<sup>(1)</sup> Freud ainda não havia diferenciado a identificação histérica da identificação narcísica, por isso neste texto, elas muitas vezes se confundem.



Mais adiante temos a entrada em cena dos atores principais, quando Freud, então, apresenta sua análise a respeito da carta escrita por Dora ameaçando suicidar-se. Segundo ele, tanto seu pai, quanto sua mãe, estavam agradecidos a Frau K., em virtude da mesma ter seguido seu pai até os bosques onde ele pretendia suicidar-se, tendo-o dissuadido do intento para o bem da família. Dora não acreditava em tal história, dizia que ambos haviam sido vistos nos bosques e em virtude disto, seu pai inventara este tipo de justificativa para o ocorrido. A temática da carta expressava o desejo de viver um amor igual, tão intenso quanto o de seu pai. As fantasias de suicídio eram o ponto de ligação, o indicador desta identificação histérica. Identificada com o pai, Dora também simula uma idéia de suicídio.

Segundo Dora, seu pai utilizava-se das doenças que tinha em proveito próprio, com vistas principalmente a obter favores da mãe, bem como para encobrir as verdadeiras intenções com Frau K.. Entretanto, Freud também percebera, que essas acusações que fazia Dora a seu pai, caíam-lhe muito bem. De certa feita, ao surgir no curso de sua análise, um novo sintoma, dores gástricas intensas, perguntou-lhe, quem agora ela imitava? Esta pergunta na verdade poderia ser entendida como, com quem agora ela se identificava?<sup>(2)</sup>

Freud comenta que, ao fazer este tipo de pergunta, percebeu que tinha *atingido o alvo*, pois no dia anterior ela fora visitar as primas, uma das quais, a mais nova, havia ficado noiva e segundo consta, sua irmã mais velha havia feito um quadro de dores gástricas em virtude disto, tendo então que ir curar-se em uma elegante estação ao sul. Para Dora, esse sintoma nada mais era do que um pretexto para que a prima, invejosa da irmã noiva, não participasse de tal alegria. Freud levanta para o sintoma de Dora em princípio duas hipóteses:

*Mas as dores gástricas de Dora proclamavam o fato de que ela se identificara com a prima que, segundo ela era uma simuladora. Seus fundamentos para esta identificação eram que ela também estava invejosa da felicidade da moça ou que via sua própria história refletida na irmã mais velha, que recentemente tivera um caso amoroso que terminara de forma infeliz (p. 36).*

Alia a estas hipóteses, o fato de Dora ter em seus contatos com Frau K. percebido as utilizações que poderiam ser feitas das doenças. Para evitar a vida sexual com o marido, ela sempre estava doente quando ele chegava de viagem, apesar de apresentar ótima saúde quando ele estava ausente. Freud ainda informa que Dora teria associado este fato a suas próprias

---

<sup>(2)</sup> Ver Freud, *Interpretação dos Sonhos* (1900), p. 159, a respeito da imitação histérica.

alternâncias de saúde, principalmente em sua infância, sendo obrigada a suspeitar que, do mesmo modo que ocorria com Frau K., haviam motivações ainda obscuras.

As censuras que Dora fazia ao pai, nada mais eram do que Freud chamou de resvestimento ou cobertura de autocensuras que ela se fazia, por também ter ajudado as relações dele com Frau K., algo que só passou a perceber em conversas com sua governanta. Este tipo de situação mostra-nos os triângulos amorosos nos quais estava envolvida. Dora, por rivalidade a sua mãe, favorece as relações de seu pai com outra mulher. Entretanto, não é qualquer outra. Essa outra é objeto de sua admiração, de seu amor, identifica-se com ela, ama os homens comuns a ela, seu pai e Herr K.. Este jogo identificatório apresenta o desejo de Dora de ocupar o lugar de sua mãe ao lado do pai, lugar este já ocupado por sua governanta e por Frau K.. Não se pode desconsiderar suas relações com a governanta, já que, segundo Freud era uma mulher instruída, de idéias avançadas e que durante certo tempo, estiveram em excelentes relações de amizade. É interessante notar que, de uma forma geral, seu comportamento por vezes não era propriamente o de uma filha. Comportava-se como uma esposa ciumenta, como talvez gostasse que sua mãe o fizesse, identificada com ela. O jogo identificatório perpassa toda a vida de Dora. Nota-se que o autor nos diz que em certo momento, na época da cura em Franzensbad, que ela identificara-se com a mãe ao apresentar ligeiros sintomas e peculiaridades de maneiras, bem como, em virtude disso, permitia-se um comportamento considerado intolerável. Sua mãe fazia um quadro de dores abdominais e um catarro vaginal, tendo necessitado recorrer a essa estação de águas da Boêmia. Dentro do quadro, surgia seu pai como o responsável do que ela considerava a doença venérea da mãe, a leucorréia, confundida com a gonorréia e a sífilis. No universo sintomático de Dora, lá estava também uma leucorréia, que como conta Freud, ela não conseguia recordar-se de quando começara, mas que a partir desta estada de sua mãe em Franzensbab, ela tivera passado a utilizar para este sintoma a denominação de catarro. Freud havia chamado à atenção de que num curso associativo, as palavras ambíguas ou *palavras desvios*, atuam como agulhas num entroncamento, que manobradas corretamente, podem fazer surgir um novo par de trilhos, por onde correm pensamentos que nos darão as informações que procuramos. Assim ele dirá que, catarro agiu como palavra desvio, fazendo com que sua *tussis nervosa* representasse todo o material referido as responsabilidades de seu pai em torná-la doente, assim como fizera a sua mãe. A tosse iniciou-se evidentemente de um catarro verdadeiro, sintoma que seu pai tinha em virtude de ter os pulmões afetados, daí a identificação. Freud dá duas motivações principais para Dora apresentar sua tosse: o sintoma era uma expressão de zelo e amor, bem como, evidenciava algo que não chegava a sua consciência:

*Sou filha de meu pai. Tenho um catarro, exatamente como ele. Ele me fez ficar doente, como fez também a mamãe. É por causa dele que tenho estas paixões selvagens, que são punidas com a doença (pp. 79-80).*

O catarro verdadeiro ou seja, um efetivo problema orgânico na garganta, diz Freud, funcionou como,

*o grão de areia em torno do qual a ostra forma sua pérola (p. 80).*

Ficou assim a irritação orgânica na garganta, fixada, passando a representar um estado da libido, no que dizia primeiramente ao revestimento psíquico da identificação ao pai, em virtude das associações que ela fazia entre o catarro e a masturbação. Entretanto os sintomas do catarro e da tosse poderiam também expressar, como supunha Freud: as relações com Herr K., o incômodo pelas ausências do pai, bem como a fantasia que ela seria uma melhor esposa para ele. Entretanto, como final de percurso, o sintoma representará suas fantasias de relações sexuais com seu pai através da identificação de Dora com Frau K., ou seja, colocava-se no lugar da amante de seu pai através da tosse, pois Dora sabia que, em virtude de seu pai ter sido luético, as relações sexuais entre ele e sua amiga eram o *fellatio* e o *cunnilinguus*.

Como acrescenta Freud, em virtude da brevidade do tratamento, muitas hipóteses não puderam ser confirmadas, o que entretanto, não invalida a tentativa de elucidação do quadro histérico.

A fantasia sexual é sempre representada através do sintoma, não impedindo, entretanto, que outros conteúdos sejam também expressos, não bastando para a produção do sintoma apenas um único processo ou uma fantasia inconsciente. Freud infere da questão apresentada por Dora de que Frau K. amava seu pai por este ser um homem de posses, que o verdadeiro sentido, era o seu sentido oposto oculto, seu pai era um homem sem recursos no sentido sexual, na verdade era impotente. A garganta e a cavidade oral em estado de irritação constante, a tosse espasmódica,

*... ela pintava para si mesma uma cena de satisfação sexual "per os" entre duas pessoas cujo caso amoroso ocupava tão incessantemente sua mente (p. 45).*

Freud, defensivamente, apresenta suas razões para a discussão de tão delicado assunto, ventilado com uma virgem de dezenove anos! Mostra como possivelmente surgiu a conexão entre o conhecimento do sexo oral, a fantasia inconsciente e o sintoma da cócega na garganta seguida da tosse. A condição prévia somática, necessária para a criação de uma

fantasia análoga a dos pervertidos, foi uma cena de sua infância na qual recordava-se que ela chupava seu polegar da mão esquerda, ao mesmo tempo em que puxava com a outra mão, o lóbulo da orelha de seu irmão sentado quieto ao seu lado, uma forma de autogratisação do ato de chupar. A fantasia *pervertida* de chupar um pênis tem uma origem inocente e remontada ao prazer de mamar da mais tenra infância. Lacan (1951, Intervenção sobre a Transferência), comenta que essa passagem representará a matriz imaginária da qual desenvolveram-se posteriormente as situações de vida de Dora, o que irá significar para ela, a mulher e o homem, uma ilustração da futura teoria dos automatismos de repetição.

Freud, no transcurso de seu texto, introduz a temática da homossexualidade feminina, ligando-a a questão de uma escolha de objeto, apresentando assim uma situação de ciúmes numa vertente oposta, ou seja, Dora evidentemente sentia ciúmes de Frau K..

*Mas no mundo da realidade, que estou tentando retratar aqui, uma complicação de motivos, um acúmulo e conjunção de atividades mentais - numa palavra, a supradeterminação - é a regra. Pois atrás da seqüência prevalente de pensamentos de Dora ligados às relações entre seu pai e Frau K. havia oculto um sentimento de ciúme que tinha aquela senhora como objeto - um sentimento, isto é, que só se podia fundar numa afeição de Dora por alguém de seu próprio sexo (p. 57).*

Freud trata da questão homossexual de forma genérica, atribuindo a puberdade episódios considerados normais deste tipo de relações, bem como, em função da bissexualidade, dirá que, em todos os homens e mulheres deve-se considerar uma corrente homossexual. Contudo, não levará o tema adiante pois conforme disse, em virtude da interrupção da análise, este aspecto da vida de Dora não pode ser bem esclarecido.

É interessante notar que Freud colocou Frau K. no lugar de uma escolha de objeto de Dora. Entretanto, ela também servia como um modelo de identificação, na medida em que esta poderia responder a sua questão, aliás comum a toda histérica, *o que é ser uma mulher?* Freud divisou esta questão desde cedo, que no jogo identificatório estava um dos princípios da conduta histérica.

*Verifiquei, então, que a jovem mulher e a moça tinham vivido durante anos em relações da maior intimidade. Quando Dora se hospedava com os K. costumava partilhar um quarto com Frau K., ficando o marido alojado em outra parte. Ela fora confidente e conselheira da esposa em todas as dificuldades de sua vida conjugal (p. 58-9)*

*As emoções de ciúmes de uma mulher estavam ligadas no inconsciente a um ciúme igual ao que poderia ter sido sentido por um homem. Estas correntes*

*masculinas ou, mais propriamente falando, ginecofilicas de sentimento devem ser consideradas típicas da vida erótica inconsciente das moças histéricas (p. 60).*

O que não se pode também desprezar é que Frau K. tinha os dois homens que Dora amava, pois segundo Freud, enquanto o amor por Herr K. era inconsciente, o amor por seu pai era bem mais evidente, independente da questão homossexual.<sup>(3)</sup>

Dora denuncia toda a trama da quadriga, acusa e se faz de vítima onde é, entretanto, cúmplice. Ignora suas próprias motivações ao apresentar os sintomas, que nada mais são que identificações, que apontam para um total desconhecimento de si mesma.

*A identificação opera como um disfarce: manifestando-se ela dissimula, tornando-se visível ela cega. Ela é serva do eu que "não deseja saber nada", que denega, nega seus próprios jogos, mas ela é serva também, dos pensamentos inconscientes que ela mostra na transposição sintomática, que é, onde não se vê, a ex-posição a doença, gozo e punição (Florence, 1978, p. 28).*

Lacan (1951), em seus comentários, faz alusão a *três desenvolvimentos da verdade e a três reviravoltas dialéticas*. O desenvolvimento da verdade irá das relações entre o pai de Dora e Frau K. como propiciadoras das abordagens do marido traído, passando pela aquiescência de Dora a corte de Herr K. e seu envolvimento com os outros participantes da drama, até chegar na questão do fascínio por Frau K.. As reviravoltas dialéticas dizem respeito a sua inclusão no processo de vítima a cúmplice. Num segundo momento, a percepção de que não era o ciúme a motivação principal, mas sim, o interesse por esse sujeito-rival que não podia ser expressado. E, como última etapa, o verdadeiro sentido das relações entre a paciente e Frau K.. Todavia, como diz Lacan, apesar de Freud afirmar que a tendência homossexual era comum nos histéricos, não pode colocar-se frente a frente ante esta questão. Suas simpatias por Herr K. o fazia identificar-se constantemente com ele e até mesmo, após o fracasso do tratamento, ele sonha com uma vitória do amor. Freud interessa-se por Dora e isso fica claro em vários pontos, privilegia a vertente heterossexual em detrimento da corrente homossexual.

---

<sup>(3)</sup> Alguns autores baseiam-se na famosa nota de rodapé (pp. 116-7) para afirmar apenas o amor homossexual de Dora por Frau K.. Entretanto, em nenhum momento do texto Freud nega o interesse de Dora por Herr K., o que abriria como diz Katz (1992), duas leituras possíveis: *A primeira, unitária, considerando que o verdadeiro objeto amoroso de Dora é a sra. K., e que Dora só investe no Sr. K. enquanto este é um termo fálico, ou a segunda, bissexual, considerando que Dora investiu em dois sexos - em cada um deles de maneira distinta, procurando um modo diferente de prazer e fracassando sempre (p. 19).*

*O caso Dora parece privilegiado para nossa demonstração nisso em que, tratando-se de uma histérica, a tela do ego é suficientemente transparente para que em nenhum lugar, como o diz Freud, não seja mais baixo o limiar entre o inconsciente e o consciente, ou melhor, entre o discurso analítico e a palavra do sintoma (p. 99).*

Os sonhos de Dora são elucidativos de todo o jogo identificatório. Freud tentou, através das interpretações, como se percebe hoje um tanto forçadas, transformar o sintoma em discurso. O primeiro sonho mostra o casal K. como máscara tanto do pai como da mãe, mostra os desejos e as defesas construídas por ela a fim de conviver dentro da trama.

*O segundo sonho mostra que a Madona que ela adora, é sem dúvida a imagem mais reveladora onde ela apresenta sua própria hesitação - ser mãe - mulher satisfeita - mas virgem - intocável, sem mancha, ter o falo, mas se subtrair a esta condição de mulher que a faz ser o objeto de desejo do homem. Este sonho que foi também seu adeus a Freud, nada mais que o desfalecimento deste, certamente conduz a análise a este apego indefectível de Dora pela Sra. K., a este amor homossexual triunfante de todas as traições da amante (Florence, 1978, p. 30).*

Dora se identifica, através de seus sintomas, aos personagens que participam de sua vida, real ou fantasmática, ou como diz Freud (1900), com as pessoas com quem tenha tido relações ou fantasias de relações sexuais, ou com quem tenha tido relações sexuais ou fantasias, com as mesmas que ela. Como sugere Florence (1978), os personagens de empréstimo pelos quais ela exprime seu ciúme polivalente. Freud havia em 1899 dito a Fliess<sup>(4)</sup> que, a histeria era aloerótica e a sua principal trajetória era a identificação com a pessoa amada. Em 1921, na *Psicologia de Grupo*, e já de posse da distinção entre a identificação histérica e a narcísica, ele faz uma observação sobre Dora dizendo que a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação. Esta observação foi uma referência ao que ele apresentava como a estrutura de um sintoma histérico. A sintomatologia histérica teria como pano de fundo o Édipo, e de que toda identificação é sempre parcial, e a um traço isolado da pessoa que é objeto dela.

Em setembro de 1922, quando do 7º Congresso Psicanalítico Internacional, Felix Deutsch (1957) informou a Freud, que havia comparecido a casa de Ida Bauer por duas vezes, para examiná-la a pedido do otorrino dela. Encontrou-a aos 42 anos, casada, com um filho e acamada em virtude de uma síndrome de Meniere (tinitus, diminuição da audição no ouvido

<sup>(4)</sup> Carta de 09 de dezembro de 1899, Masson, 1985.



direito, tonteiras e insônia devido aos ruídos nesse ouvido). Acrescentou ela a Deutsch, que sempre havia sofrido de enxaqueca, reclamou ainda da indiferença do marido, da vida conjugal e também do filho, ao qual ela esperava todas as noites. Este chegava tarde e ela suspeitava que era porque estava interessado em mulheres. Comentou também sobre a infidelidade tanto do marido, quanto de seu pai e reafirmou sua tese de que os homens eram egoístas e tacanhos e por isso tinha asco da vida conjugal. Falou também com orgulho sobre ter sido tratada pelo professor Freud, de ser um caso famoso na literatura psicanalítica. Os mesmos sintomas do passado ainda persistiam, tosse, dificuldades respiratórias, o mancar, bem como o famoso catarro vaginal. Na segunda consulta falou sobre sua relação com a mãe, de sua infeliz infância, da compulsão à limpeza de sua mãe, lavando-se a cada momento e de sua falta de amor. A única preocupação de sua mãe havia sido sua própria constipação e ela agora também tinha esse sintoma - a identificação através dos sintomas persistia.

Deutsch (1957), em seu trabalho *Uma Nota ao Pé de Página ao Trabalho de Freud Análise Fragmentário de uma Histeria*, diz que Dora seguiu o percurso que Freud previra. Os sentimentos de asco, as reações aos cheiros, são o deslocamento do sexual ao excrementício, como no latim freudiano: *inter urinas et faeces nascimur*. Deutsch comenta a respeito da identificação de Dora com sua mãe:

*Muitos anos se passaram durante as quais o eu de Dora continuou com uma terrível necessidade de defender-se de seus sentimentos de culpa. Sabemos que tratou de consegui-lo através de uma identificação com sua mãe que sofria de uma "neurose de dona de casa", que consistia em um lavar obsessivo e outras formas de limpeza excessiva. Dora não só se parecia a ela fisicamente senão também neste aspecto. Ela e sua mãe não só viam sujeira em volta delas, senão também dentro de si mesmas. Ambas sofriam de fluxo vaginal quando Freud tratou Dora e o mesmo sucedia quando eu a vi (p. 601).*

Foi em virtude desse encontro com Deutsch, que Freud acrescentou a longa nota de rodapé de 1923, que termina com uma argumentação em causa própria:

*Nenhum juiz justo da terapia analítica discordará de que o tratamento de Três meses que ela recebeu naquela época não fez mais que aliviá-la de seu conflito de então e não podia dar-lhe proteção contra doenças subseqüentes (pp. 11-2).*

Trinta anos após sua visita a Ida Bauer, Deutsch soube, através de uma nota publicada por Ernest Jones, que ela havia morrido em New York. Em virtude disto foi buscar maiores informações sobre a famosa senhora. Soube que seu filho tornara-se um renomado músico, ao qual ela aferrou-se como o fizera com seu já falecido marido, que segundo pareceu

ao informante de Deutsch, preferiu morrer a divorciar-se. O que levou-o a concluir que, só um homem deste tipo poderia ter sido o escolhido de Dora. Ela confirmou o que disse a Freud de que os homens eram tão detestáveis, que preferia não se casar e que esta seria sua vingança. Sua mãe morre de tuberculose e após isso:

*Ela conduziu a si mesma a tumba através de sua interminável e permanente compulsão a limpeza cotidiana, um trabalho que ninguém podia realizar a sua inteira satisfação. Dora seguiu seus passos mas dirigiu sua compulsão principalmente a seu próprio corpo. Como seu fluxo vaginal persistira, submeteu-se a várias operações ginecológicas menores. Sua incapacidade de "limpar seus intestinos", sua constipação, foi um problema até o final de sua vida. Estando acostumada a esse transtorno de seus intestinos, aparentemente o tratou como um sintoma familiar até que se transformou em algo mais que um sintoma de conversão. Sua morte, devido a um câncer de cólon, diagnosticado demasiado tarde para operá-lo com êxito, pareceu uma bênção a todos aqueles que estavam em volta dela. Dora havia sido, nas palavras de meu informante, "uma das histéricas mais repulsivas" que havia conhecido (pp. 603-4).*

Deutsch, com estas informações adicionais, trás novamente a baila o jogo identificatório de Dora, que na ausência da análise, a teria levado a morte.



## V - ENSAIOS ERÓTICOS

Os Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905a).

Jones (1961), biógrafo de Freud, dizia que os *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905a) e os *Chistes e sua Relação com o Inconsciente* (1905b) foram preparados ao mesmo tempo, os manuscritos em mesas separadas, próximas, ora fazia anotações em um, ora em outro. Os *Três Ensaio* foi uma obra que causou grande impacto na sociedade da época, bem como, foi constantemente revista pelo autor. As afirmações sobre a sexualidade das crianças, até então consideradas como anjos inocentes, trouxeram-lhe os mais terríveis opróbrios, entretanto, a obra com o passar dos anos mostrou, *o quanto ele estava à frente do seu tempo*.

Nesta obra devemos considerar as implicações da gênese da sexualidade com a identificação. Inicialmente é colocado o problema da pulsão, onde através da distinção entre objeto sexual e objetivo sexual, são feitas considerações, em *Desvios Relativos ao Objeto Sexual*, sobre a identificação do invertido (homossexual), com a mãe. O segundo ensaio, *As Fases de Desenvolvimento da Organização Sexual*, traz uma importante referência a organização sexual pré-genital canibal. No terceiro e último ensaio surge outra importante passagem, quando em uma nota de rodapé a respeito de *O Encontro com o Objeto*, propõe a diferença entre o método anaclítico e o método narcísico, de encontro com o objeto.

O primeiro capítulo de os *Três Ensaio* tem como título *As Aberrações Sexuais*. É iniciado com a idéia de uma pulsão sexual correlacionada ao sistema: origem, desenvolvimento, objetivo e objeto. Dentro dessa temática, Freud afirma que no tocante ao objeto e ao objetivo sexual encontramos numerosos desvios, que necessitariam uma investigação.

*O conceito popular do instinto (da pulsão) sexual é refletido na lenda, cheio de poesia, segundo a qual os primeiros seres humanos foram divididos em duas metades - o homem e a mulher - que estão, eternamente, procurando, novamente, se unir pelo amor. Espanta-nos, portanto, descobrir que há homens cujo objeto sexual é outro homem e não uma mulher, e mulheres cujo objeto sexual é outra mulher e não um homem (p. 136).<sup>(1)</sup>*

---

<sup>(1)</sup> Nota-se já nessa passagem uma referência ao que futuramente será desenvolvido como pulsão de ligação (Eros), em *Além do Princípio do Prazer* (1920), baseado no *Banquete* de Platão.

Em referência aos desvios quanto a escolha de um objeto sexual, Freud apresentou uma explicação que ele mesmo disse incompleta, entretanto, pensava ter elucidado parte do problema. Contrapos a argumentação corrente da época - de que um homossexual agiria e se sentiria como uma mulher a procura de um homem - a tese de que isso não pode ser tomado como uma afirmação universal. Expôs que os ditos invertidos, em grande número, conservavam sua masculinidade e apenas procuravam em seus parceiros traços mentais femininos. Acrescenta dois argumentos a favor de sua teoria: primeiramente pergunta - porque os prostitutas (travestis) que se oferecem aos homossexuais imitam as mulheres? Em segundo lugar, chama à atenção para que na Grécia, onde os homens mais másculos eram invertidos, o que os excitava eram os rapazes com características físicas e psicológicas semelhantes a uma mulher. Quando esse objeto de desejo tornava-se homem, deixava de ser desejado deste modo, e possivelmente, tornava-se interessado em rapazes novos. A afirmação de que o objeto sexual do homossexual não é alguém do mesmo sexo, mas sim alguém que combine os caracteres dos dois sexos, é um reflexo da teoria da bissexualidade do ser humano. O homossexual masculino desejaria um corpo masculino, isto é, que tivesse órgão sexual masculino, entretanto, não estaria descartada a necessidade da presença de alguma característica feminina, criando-se assim as condições de um objeto sexual com caracteres dos dois sexos. Em 1910, a famosa nota de rodapé, esclarecedora de sua posição e preparatória dos desenvolvimentos posteriores à respeito do narcisismo.

*Em todos os casos que examinamos, expusemos o fato de que os futuros invertidos, nos primeiros anos de sua infância, atravessam uma fase de fixação muito intensa, mas muito curta, em uma mulher (geralmente sua mãe) e que, depois de ultrapassada esta fase, identificam-se com uma mulher e se consideram, eles próprios, seu objeto sexual. Isto é, partem de uma base narcísica e procuram um rapaz que se pareça com eles próprios e a quem eles possam amar como eram amados por sua mãe (p. 145).*

Freud não conseguirá uma explicação satisfatória para a questão da homossexualidade, inclusive à nota de rodapé foram acrescentadas novas observações, que entretanto não se apresentam como conclusivas, nem ampliam o tema da identificação.

Quanto ao segundo ensaio, é todo ele dedicado as concepções sobre a sexualidade infantil, e dentro desse quadro apresenta no sexto capítulo, *As Fases de Desenvolvimento da Organização Sexual*, e como uma das fases, as *Organizações Pré-genitais*. Essas organizações divididas em oral e sádico-anal, seriam anteriores a fase genital ou seja, anteriores a primazia dos órgãos sexuais. Interessa para o estudo em pauta a fase oral ou como também disse Freud, a organização sexual pré-genital canibal.

*A primeira é a oral ou, como poderia ser chamada, a organização sexual pré-genital canibal. Aqui, a atividade sexual ainda não se separou da ingestão de alimentos, nem são correntes opostas dentro da atividade diferenciada. O objeto de ambas as atividades é o mesmo: o objetivo sexual consiste na incorporação do objeto - o protótipo de um processo que, sob a forma de identificação, deverá desempenhar mais tarde um importante papel psicológico. Um vestígio desta fase construída de organização, que somos forçados a perceber pela patologia, podem ser vistos na sucção do polegar, em que a atividade sexual, desligada da atividade nutritiva, substitui o objeto estranho por outro situado no próprio corpo do paciente (p. 204).*

Esta passagem vai ser retomada no futuro em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921), a respeito da identificação primária, quando Freud tentará fazer uma síntese da teoria da identificação.

Percebe-se que a análise dos processos de identificação vão se ampliando, do sonho e a formação de sintomas, o tema da identificação vai se espraiando em virtude do progresso da prática psicanalítica. Freud irá concluir que a identificação é algo inerente a qualquer ser humano, independente de sua patologia. Não foi à toa que ele colocou juntas a identificação, a psicologia das massas e a análise do eu. É junto com o conceito de pulsão, que surgirá, neste texto dos *Três Ensaio*s, o tema da identificação, ligada ao registro sexual - incorporação do objeto, onde o alimentício e o sexual se encontram na preparação do psíquico. O dedo na boca no lugar do bico do peito, aponta para a ausência do objeto desejado e perdido que atendeu a pulsão e vem abrir o caminho para o reencontro do objeto. Um constante deslizamento, onde objetos se sobrepõem a outros objetos, num permanente jogo de substituições para elaborar este luto permanente pela perda do objeto primário.

Florence (1978) interpretando Freud, afirma que toda atividade psíquica posterior à fase oral, será marcada por este destino canibal, onde amar, seria devorar o objeto.

*Se toda atividade amorosa fica marcada pela oralidade, a identificação aparece como uma elaboração psíquica da sexualidade oral: ela oralisa ou canibaliza o objeto de amor (p. 63).*

Temos então como destino sexual arcaico e permanente o canibalismo psíquico, amar é devorar o objeto, marca que estará presente em toda identificação ulterior, ou seja, a propensão devoradora no amor.

*As Transformações da Puberdade* são examinadas no terceiro ensaio como mudanças que vão dar a vida sexual infantil sua organização final. A pulsão sexual até então predominantemente auto-erótica, tentará encontrar um objeto sexual fora do próprio corpo. A atividade sexual até então proveniente das pulsões parciais e de diferentes zonas erógenas vão organiza-se, as pulsões parciais vão combinar-se visando um novo objetivo sexual, bem como as zonas erógenas ficarão subordinadas ao primado da zona genital. Segundo Freud, a vida sexual normal é o resultado da convergência da corrente afetiva e da corrente sexual, ambas direcionadas para um objeto e um objetivo sexual.

No percurso do conceito de identificação têm-se o problema sobre o encontro de um objeto. No início da vida a satisfação sexual está vinculada a ingestão de alimentos e a pulsão sexual tem como seu objeto o seio da mãe, isto é, um objeto externo, posteriormente, a pulsão torna-se auto-erótica. Após a fase da latência a relação arcaica será resgatada, daí Freud dizer que o protótipo de toda relação amorosa, é a imagem da criança ao seio da mãe.

*O encontro de um objeto é, na realidade, um reencontro dele (p. 229).*

O primeiro amor é sempre o que se reencontra na maturidade sexual, nesse reencontro ecoam as antigas sensações de prazer, que nada mais são, do que os frutos desses primeiros amores infantis perdidos. Entretanto, essa escolha posterior pode ser feita através de dois métodos distintos, segundo a nota acrescentada em 1915 por Freud, ao capítulo sobre *O Encontro com o Objeto*.

*A psicanálise nos informa que há dois métodos de encontrar um objeto.*

*O primeiro, descrito no texto é o "anaclítico" ou de "ligação", baseado na ligação a protótipos infantis primitivos. O segundo é o narcísico, que procura o próprio ego do indivíduo e o encontra novamente em outra pessoa. Este último método é de importância bastante grande nos casos em que o resultado é patológico, mas não é pertinente ao presente contexto (p. 229).*

Estas questões sobre as duas formas de escolha de objeto foram amplamente discutidas quando da feitura, em 1914, do texto *Narcisismo, Uma Introdução*. Entretanto, em 1910, quando escreveu sobre *Leonardo Da Vince*, esta temática foi amplamente apreciada, relacionando-a com a homossexualidade.

## VI - EQUUS

Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos (1909).

Em 1909 Freud publicou *Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos*, apesar de já ter feito algumas alusões ao caso no artigo de 1907, intitulado *O Esclarecimento Sexual das Crianças*, no qual o menino foi apresentado sob o nome de Herbert.

Freud, como se sabe, viu Hans apenas uma vez, o tratamento foi conduzido pelo próprio pai do menino, entretanto, sob sua supervisão. A análise girou em torno da fobia de Hans aos cavalos. Tinha medo de ser mordido por eles, bem como, de vê-los caírem. Este medo estende-se, pouco a pouco, ao medo de ver carroças puxadas por cavalos, carroças correndo, e particularmente veículos muito carregados. Antes do aparecimento da fobia apresentava um vivo interesse por seu *pipi*, comparando-o freqüentemente com o do pai e de suas colegas de brincadeiras. Interessava-se em ver os cavalos, do entreposto existente perto de sua casa, quando estavam urinando. A isto, aliava-se o fato de gostar de acompanhar sua mãe quando esta ia ao banheiro, bem como, de dormir na cama do casal quando seu pai viajava. Todo este período foi acompanhado de intensa atividade masturbatória. Nas férias passadas em Gmunden, começa a perceber a gravidez de sua mãe e após o nascimento de sua irmã surge o medo de que um cavalo adentre pelo quarto, para mordê-lo.

Toda a questão de Hans será em torno do conflito edípico, sua fobia por cavalos, como disse Freud, era um obstáculo a ele ir à rua, criando assim, de forma inconsciente, uma bela forma de ficar em casa com sua querida mãe. Formou-se um compromisso no qual ele agarrou-se a seu objeto de amor e realizou seu objetivo através da fobia dos cavalos.

No relato feito pelo pai, a fobia teria surgido quando, de certa feita, o menino havia visto um cavalo grande e pesado, cair. Em associação a isso, haveria um desejo de que seu pai caísse do mesmo modo e morresse. Freud sabia que um sintoma é sempre sobredeterminado e difuso. As características de uma fobia derivam da circunstância que, a ansiedade, originalmente, não encerrava referência a cavalos, mas transferia-se para eles, acabando por fixarem-se, na medida em que, revelavam-se eficazes para recalcar a motivação principal.

*Durante algum tempo, Hans tem brincado de cavalo, no quarto; ele trota, deixa-se cair, esperneia com os pés e relincha. Certa vez prendeu no rosto um saquinho, parecido com a sacola de focinheira de cavalos. Repetidamente, vem correndo até mim e morde. ... Por conseguinte, ele era o cavalo, e mordida assim seu pai; assim, ele se identificava com seu pai (p. 61).*

No caso em pauta, pode-se perceber o jogo identificatório em dois níveis, o cavalo é o pai e Hans é o cavalo. Na primeira posição surge a ambivalência em relação ao pai amado, entretanto, invejado e odiado, que o tira do quarto e do banheiro da mãe. O medo fóbico decorre desse pai-cavalo que pode chegar e mordê-lo (castrá-lo). Na segunda posição passa-se, de Hans é o cavalo, para Hans é o pai, onde ser como o pai é possuir todas as insígnias paternas e livrar-se da *mordida*. Vemos claramente como na primeira posição a identificação em sua vertente transitiva, enquanto já na segunda, surge na vertente reflexiva, ou seja, o identificar-se com.

*O pequeno Édipo encontrou uma solução mais feliz do que a prescrita pelo destino. Em vez de colocar seu pai fora do caminho, concedeu-lhe a mesma felicidade que ele mesmo desejava: fez dele um avô e casou-se com sua própria mãe também (p. 104).*

A identificação com o pai, organizando sua angústia de castração, surge na fantasia de Hans, de que um bombeiro lhe havia retirado o traseiro e o *pipi* e lhe dado outros. Seu pai, seguidor das teses freudianas prontamente interpretou a fantasia:

*Pai: Ele te deu um pipi maior e um traseiro maior.*

*Hans: Ë.*

*Pai: Como os do papai; porque você gostaria de ser o papai.*

*Hans: Sim, eu gostaria de ter um bigode como o seu e cabelos como os seus (p. 105).*

A medida que o processo foi caminhando, e que, segundo Freud, as interpretações foram capacitando o paciente a obter uma compreensão consciente ou seja colocar em suas próprias palavras, seus desejos inconscientes. Surgiram fantasias como a das girafas e as que ele denominou como duas fantasias criminosas, que diziam, de forma inequívoca, do seu conflito edípico. O sintoma fóbico apresenta-se de forma condensada, num mascaramento do sentido comum, que disfarça o verdadeiro sentido. O principal mecanismo de defesa, contra a angústia provocada pelo surgimento de desejos hostis, é de os dissociar dos sentimentos amorosos, transferindo-os para um objeto substituto. Como percebeu Freud, a solução zoofóbica apresentava um benefício secundário, não ir à rua e ficar em casa com a mamãe. A identificação do cavalo com o pai permanece inconsciente e permeia toda a relação de Hans com a realidade.

As interpretações do pai analista foram, pouco a pouco, permitindo que as lembranças viessem a tona. Ele pode recordar-se da cena propiciadora da eclosão do sintoma. Estava a passeio com sua mãe e viu um cavalo de ônibus cair e escoicear. Isto causou-lhe uma forte

impressão, então à partir daí, sempre pensava que todos os cavalos iam cair. A interpretação dada por seu pai era de que ele tinha um desejo de que ele, seu pai, caísse e morresse.

*Hans não discutiu essa interpretação: um pouco mais tarde fez uma brincadeira que consistia em morder seu pai, e assim mostrou que aceitava a teoria de ter identificado seu pai com o cavalo de que ele tinha medo. Dessa época em diante seu comportamento em relação ao pai era sem constrangimento e sem medo, e de fato um pouquinho arrogante. Contudo seu medo de cavalos persistia; e não estava claro, ainda, através de que cadeia de associações a queda do cavalo agitou seus desejos inconscientes (p. 132).*

A fobia colocou em cena o desejo edípico e a angústia de castração. Uma onda de repressão surgiu, tamponando os componentes sexuais dominantes na época. Ao lado do interesse pela música, sublimou a masturbação e afastou-se com nojo de tudo que pudesse lembrar-lhe excrementos ou pessoas executando atividades fisiológicas. Entretanto, a composição da fobia tinha outros elementos. Os verdadeiros componentes eram os desejos hostis e ciumentos em relação ao pai, bem como, desejos sádicos como arremedos de uma cópula com sua mãe. Estes sentimentos nunca puderam ser apresentados de forma clara, fazendo com que estas supressões primitivas viessem a formar sua doença. No momento em que houve uma intensificação da sexualidade e a sua conseqüente privação, os sentimentos agressivos forçaram a saída. Uma parte das idéias reprimidas, através da distorção, apresentava-se à consciência através do medo aos cavalos. Ou seja, medo havia, todavia, o pai surge como cavalo, numa identificação transitiva, bem como numa solução distorcida, ele é o pai, através do cavalo, numa identificação reflexiva. Como disse Freud, a vitória final ficou com as forças da repressão, estenderam seu domínio a outros componentes que não haviam se rebelado. Os componentes pulsionais estavam repelidos, a restrição da liberdade era o principal propósito.

*Pois os cavalos de Hans sempre foram típicos do prazer no movimento (eu sou um jovem cavalo, disse ele enquanto pulava); mas já que esse prazer no movimento incluía o impulso para copular, a neurose impôs uma restrição a este e exaltou o cavalo como emblema de terror (p. 144).*

A formação do sintoma fóbico apresentou um duplo resultado, o amor pela mãe triunfou ao não sair de casa, contudo, foram tomadas medidas para que ele não pudesse ter livre curso. Percebe-se claramente um jogo identificatório, ora prazeroso - eu sou um cavalo, ora aterrador - eu tenho medo do cavalo.

É importante destacar que conforme assinalou Florence (1978), Freud vai incluir em *Totem e Tabu* (1912-13), as considerações sobre a identificação totêmica, onde o animal totem é a substituição do pai, matéria que será examinada quando do capítulo referente a esse texto.



Entretanto, a concepção de Florence é de que, a identificação totêmica é uma assimilação de uma figura simbólica, produzindo um desvio dentro do ego, diferente de uma metáfora. A identificação fóbica é como a identificação onírica e a histérica, onde há um desconhecimento, das substituições efetuadas, bem como, do desejo, que é o mentor secreto das substituições. A identificação fóbica não muda nada, ela permanece fantasia privada. Enquanto que a identificação lúdica, totêmica, realiza esta fantasia de desejo, ela se faz um desejo declarado, endereçado a qualquer um. Ela mantém a ambivalência do desejo, ela faz economia de um deslocamento-recalcamento dispendioso e interminável.



## VII - UM CASAMENTO E OS RATOS

Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva (1909).

O Homem dos Ratos foi o nome pelo qual ficou conhecido o texto intitulado *Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva*, um caso que Freud começou a atender em outubro de 1907 e que foi publicado em 1909. Na introdução, afirmou que a neurose obsessiva não era fácil de ser compreendida, achava-a mais difícil do que um caso de histeria.

*A linguagem de uma neurose obsessiva, ou seja, os meios pelos quais ela expressa seus pensamentos secretos, presume-se ser apenas um dialeto da linguagem da histeria; é, porém, um dialeto no qual teríamos de poder orientarnos a seu respeito com mais facilidade, de vez que se refere com mais proximidade às formas de expressão adotadas pelo nosso pensamento consciente do que a linguagem da histeria (pp. 160-1).*

Trata-se de um homem preso a um cenário arcaico, e apesar de ser o ator principal do drama, não consegue perceber qual é o texto verdadeiro. Sua neurose estava presa ao que imaginava ser o desejo de seu falecido pai. A identificação ao pai põe em jogo toda a questão da ambivalência, principalmente na vertente do ódio, a qual dará ao final do tratamento a chave para o desvendamento do enigma, ou seja, sua obsessão pelos ratos. Seu pai foi um homem que havia melhorado de vida através de um casamento de conveniência, tendo deixado por isso a mulher que amava, pois era de família modesta. Após a morte de seu pai, sua mãe informou-lhe que seria interessante casar-se com a filha de um de seus primos, pois tal casamento proporcionaria uma vida profissional brilhante, tal como ocorrera com seu pai. O dilema foi instalado, casar-se-ia com a eleita de seu coração, a despeito de sua condição humilde, ou com a rica prima, como tinha sido pensado por seus pais. A solução encontrada entre seu amor e a proposição familiar foi ficar doente, pois assim evitaria a tarefa de ter que tomar uma decisão.

*Digno de ênfase é o fato de essa fuga para a doença ter sido possível através de sua identificação com o pai. A identificação capacitou aos seus afetos regredir aos resíduos de sua infância (p. 201).*

*Encontrara-se numa situação semelhante àquela na qual, conforme sabia ou desconfiava, seu pai estivera antes do casamento; e assim fora capaz de identificar-se com seu pai (p. 203).*

A vontade de seu pai contrastava com seus atuais desejos, da mesma forma que ele havia castigado suas atividades sexuais da infância. A idéia do rato ligava-se a vida militar do

pai, um suboficial que, em certa época, havia ficado em situação difícil em virtude de ter perdido dinheiro do exército, em jogo de cartas. Era considerado um rato de jogo. Da mesma forma que seu pai, após ouvir as palavras do capitão para reembolsar o Tenente A., sentiu-se um devedor.

... *intensificara sua identificação com seu pai em uma direção relativamente diferente* (p. 213).

Como salientou Freud, os ratos também tinham o significado de crianças, associados que estavam, a visão do rato visto no túmulo do pai, bem como, a serem sujos e perseguidos, como ele mesmo se sentira quando há muito tempo atrás mordida as pessoas e era punido por isso. O rato era uma imagem viva de si mesmo. A saída para o obsessão foi como que um descolamento das múltiplas edições do ser rato, o rato pai, o rato capitão, e o rato ele mesmo. Eu sou um rato, como meu pai foi, e como o capitão é. O recalçamento do ódio, que se volta contra o próprio sujeito, será objeto de estudo futuro em *Luto e Melancolia* (1915-17), quando a questão da perda do objeto e a ambivalência em relação ao mesmo, serão examinados. A doença é aqui a expressão do luto não elaborado pela morte do pai. O pai que não sendo enterrado, retorna freqüentemente para puni-lo dos desejos incestuosos, não possibilitando uma elaboração do luto que o permitiria, identificado com o pai morto, simbólico, ter acesso ao desejo, deslocando-o num, ser como o pai, em outra mulher.

## VIII - O LOBO DO HOMEM

História de uma Neurose Infantil (1914-18).

O Homem dos Lobos, cujo título dado foi *História de uma Neurose Infantil* (1914-18), é a história clínica de um jovem aristocrata russo, que procurou Freud no início de 1910, e que teve como questão central o sonho dos lobos na árvore. Dos casos clínicos, foi o mais trabalhado, tendo sido escrito em outubro e novembro de 1914.

*Ficaria satisfeito se todos os meus colegas que se preparam para ser analistas coligissem e analisassem cuidadosamente quaisquer sonhos de seus pacientes cuja interpretação justifique a conclusão de que aqueles que os tiveram tenham sido testemunhas de um ato sexual nos primeiros anos de vida (p. 14)*

A obra serviu para dar consistência as críticas de Freud, a Adler e Jung, com respeito as questões da sexualidade infantil. Seu aspecto mais importante foi o que Strachey chamou de o material canibalístico, o qual proporcionou o percurso teórico das interconecções entre incorporação, identificação, a formação de um ideal do ego, o sentimento de culpa e os estados patológicos de depressão. Muitas das idéias contidas neste trabalho foram expressas em *Totem e Tabu*, escrito em 1912 e em *O Narcisismo, uma Introdução*, preparado no início de 1914. A estes textos vai se somar *Luto e Melancolia*, realizado em 1915. Ainda Strachey, na introdução da obra, disse que a principal consequência clínica foi o fato de ser evidenciado o papel desempenhado pelos impulsos femininos primários na constituição da neurose do paciente. A apresentação de Freud, ressaltou também a existência de uma bissexualidade universal, bem como, a possibilidade de um complexo de Édipo invertido ou negativo, assunto que será desenvolvido em *O Ego e o Id* (1923).

O Homem dos Lobos propiciou o estudo da sexualidade, a questão propriamente das condições para a escolha dos objetos sexuais, na verdade determinados pelo jogo das identificações. A cena primária foi, neste caso, apresentada como o pano de fundo que, juntamente com a questão da bissexualidade, determina, através do processo identificatório, o ser homem ou o ser mulher. Para Freud, toda a problemática do jovem russo se dramatizava em um conflito de identificações, num jogo confuso entre uma posição masculina, pela identificação ao pai e uma posição feminina, pela identificação à mãe.

*... após haver sido rejeitado pela babá, a sua expectativa libidinal afastou-se dela e começou a contemplar outra pessoa como objeto sexual. Essa pessoa era o pai, nessa época longe de casa (p. 42).*

*... parece que ele se identificava com a mãe castrada durante o sonho, e agora lutava contra esse fato (p. 65).*

Seguindo a linha desenvolvida por Florence (1978), o qual tem um rico texto sobre este caso clínico, vamos examinar o que ele chamou, os caminhos e os motivos dos momentos de transformação, ou do remanejamento pulsional do paciente. É necessário enumerar, primeiramente, a divisão proposta por Freud, relativa aos períodos da infância do Homem dos Lobos: primeiro, o período decorrido até o ato sedutor, aos três anos e três meses, época da ocorrência da cena primária; segundo, a época da alteração do caráter até o sonho com os lobos aos quatro anos; terceiro, o período da fobia animal até o início dos ensinamentos religiosos, por volta de quatro anos e meio; quarto, época da neurose obsessiva até um pouco depois dos dez anos. Não houve, como assegurou Freud, um deslocamento instantâneo e definido de uma fase à outra, quase tudo fora preservado à exceção da fobia aos lobos, e uma de suas características, era a coexistência dos mais diferentes tipos de correntes. Conforme assinalamos acima, Florence propõe dividir os momentos de transformação em: A alteração de caráter e sua crueldade; o sonho com os lobos e a zoofobia; os escrúpulos religiosos e os sacrilégios; os sintomas e o fim da análise.

A alteração do caráter e a sua crueldade, podem ser referidas a época em que sua irmã mais velha, no banheiro, o havia induzido a práticas sexuais, propondo que mostrassem os traseiros, um ao outro. Em outra oportunidade, no quarto, o havia masturbado afirmando que, Nania também fazia isso com todos os outros homens. Entretanto, essa postura passiva frente a sedução da irmã, foi *recusada* por ele, sendo então colocada em seu lugar uma outra história.

*De acordo com essas fantasias, não era ele que havia desempenhado um papel passivo em relação à irmã, mas pelo contrário, fora agressivo, tentara vê-la despida, fora rejeitado e punido, e iniciara, por essa razão, o comportamento colérico do qual a tradição familiar tanto falava (p. 34).*

Em virtude das rivalidades com a irmã, pelo amor dos pais, tentou seduzir outra pessoa próxima, sua Nania, brincando com o pênis em sua presença, num exibicionismo sedutor. Nania o repreendeu por essa atividade libidinosa, ameaçando-o, ao dizer que as crianças que viviam brincando com o pênis ficavam com uma ferida no lugar. A idéia da castração começou a surgir, bem como, teve um reforço, pois em virtude de sua curiosidade sexual, havia visto sua irmã e uma amiga urinando. Entretanto, a idéia de um ser castrado ainda não lhe causava angústia, ficou com a explicação que dera a si mesmo de que aquilo era o traseiro frontal das meninas. Anexou as histórias da cobra cortada por seu pai, do lobo que perdeu o rabo congelado, a distinção entre cavalos inteiros e castrados sem, entretanto, temer

ou acreditar na própria castração. Posteriormente, após a ameaça de Nania, ele abandona a masturbação.

*Sua vida sexual, portanto, que estava começando a surgir sob a influência da zona genital, cedeu ante um obstáculo externo e foi, por influência deste, lançada de volta a uma fase anterior de organização pré-genital (p. 40).*

Em virtude da repressão do onanismo, tornou-se uma criança irritadiça, agressiva com as pessoas e os animais. Atormentava sua Nania, vingando-se dela de forma inconsciente e tirando enorme prazer dessa atividade sádica, que era acrescida da tortura de insetos, aos quais, freqüentemente, arrancava as asas ou esmigalhava. Havia claramente assumido um caráter sádico-anal. A essas atitudes ativas e sádicas associavam-se fantasias de meninos sendo castigados especialmente no pênis, além de outra em que o herdeiro do trono era confinado. Estas fantasias representavam a inversão do sadismo, que ao voltar-se contra ele surgia sob a forma masoquista, bem como, as pancadas no pênis representavam seus sentimentos de culpa frente a masturbação. Assim percebia-se que as tendências sádico-ativas eram contemporâneas das atitudes passivo-masoquistas. Agredir e ser agredido revelavam a intensa ambivalência que marcará o desenvolvimento das pulsões parciais antagônicas. Sua vida ulterior vai ser caracterizada pelo fato de que, nenhuma posição de libido anteriormente estabelecida era completamente substituída pela seguinte, co-existiam permanentemente, o que o levava a uma incerteza constante e atroz.

O masoquismo vai conduzi-lo, após o fracasso na sedução da babá, a uma outra escolha de objeto. Seu pai, que nesse período encontrava-se longe de casa, vai ser eleito como objeto do seu desejo.

*Foi sem dúvida levado a essa escolha por uma série de fatores convergentes, inclusive alguns tão fortuitos como a recordação da cobra sendo cortada em pedaços; ademais de tudo, porém, permitia-se, desse modo, renovar a sua primeira e mais primitiva escolha objetual, que em conformidade com o narcisismo de uma criança, havia ocorrido ao longo do caminho da identificação (p. 42).*

Freud apresentou o desenvolvimento dessas escolhas objetais, tendo como ponto de partida a sedução por parte da irmã do paciente, o que o teria levado a uma atitude passiva e a um objetivo sexual passivo. Sob a égide dessa passividade, teria seguido um percurso da irmã, via babá, para o pai.

*... o pai fora o seu modelo admirado, e que, quando lhe perguntavam o que queria ser, costumava responder: um cavalheiro como o papai. Esse objeto*

*de identificação da sua corrente ativa tornou-se o objeto sexual de uma corrente passiva na sua fase sádico-anal (p. 42).*

Teria mantido sua posição passiva, tanto frente as mulheres, quanto frente aos homens. Entretanto, a ligação com o pai trazia a cena uma fase anterior e espontânea, do seu desenvolvimento.

*O pai era agora uma vez mais o seu objeto; em conformidade com o seu estágio mais alto de desenvolvimento, a identificação foi substituída pela escolha objetal; ao passo que a transformação da atitude ativa em passiva era a consequência e o registro da sedução que entretanto ocorrera (p. 42).*

Poder-se-ia dizer que o percurso feito pelo paciente até este momento de sua vida teve a seguinte seqüência: 1) o pai, como uma das primeiras escolhas de objeto sexual, torna-se um pai admirado e objeto de identificação da sua corrente ativa, 2) a sedução pela irmã, geradora de uma atitude passiva, 3) a tentativa ativa de sedução sobre sua Nania, mas com um objetivo passivo, 4) a tentativa ativa de sedução do pai tornado objeto sexual, com objetivo passivo.

O pai tornou-se seu objeto de amor, após um espaço de tempo marcado pelo desenvolvimento sexual anal e a transição a masturbação da fase genital, que ao ser reprimida, reencontra o pai capaz de satisfazer suas pulsões anais, masoquistas, ser batido no pênis, ser punido. Os impulsos sádico-ativos que serviram para atazanar a babá, tornam-se masoquistas. Os gritos e ataques seriam uma forma sedutora para obter do pai o gozo masoquista desejado, aliviando ao mesmo tempo suas sensações de culpa. No decurso do processo pode-se ver as dificuldades encontradas pelo paciente para conciliar dois modos de ligação com o pai: a identificação ativa, narcísica, *ser como ele*, e a busca de satisfação masoquista-passiva, *ser amado e ser punido*, como representante de uma poderosa corrente libidinal.

Até este momento as alterações de caráter não estavam acompanhadas de qualquer sinal de angústia, somente após o famoso sonho é que haverá então uma reativação dramática da antiga fobia aos lobos, através de uma montagem fóbica cujos elementos eram gravuras, histórias antigas e ouvidas.

Freud aludiu ao fato de que, o sonho não poderia ter a explicação simples do lobo como representante paterno ameaçador. Isto seria o resultado de uma análise provisória, a qual deveria ser agregada, com vistas a uma reconstrução a série:

*Uma ocorrência real - datando de um período muito prematuro - olhar - imobilidade - problemas sexuais - castração - o pai - algo terrível (p. 51).*

A cena primitiva, outrora presenciada, retorna no sonho dos lobos trazendo uma terrível angústia e uma inquietante indagação sobre um saber impossível, o da castração. Na sua conclusão sobre o sonho, Freud argumentou que toda a angústia do paciente, derivava de uma impossibilidade dele aceitar o desejo de obter satisfação sexual através do pai, que aparecia no medo regressivo de ser devorado pelo pai, ou de outra forma, em conexão com a cena presenciada, ficar na posição da mãe. A repressão dessa posição passiva, origina-se da libido genital narcísica, que ao investir no órgão masculino, opõe-se ao abandono do uso deste, como meio de obter satisfação sexual. O narcisismo ameaçado emerge para defender-se da atitude passiva frente ao pai, impondo a masculinidade. O sonho trouxe também a passagem para uma nova fase do desenvolvimento de sua organização sexual. Os opostos, ativo e passivo, puderam ser agora representados como masculino e feminino, pois anteriormente, o Homem dos Lobos não considerava a questão da diferença sexual, era indiferente obter prazer através de um homem ou uma mulher.

*A ativação da cena primária no sonho levou-o, então, de volta à organização genital. Descobriu a vagina e o significado biológico de masculino e feminino. Compreendia agora que ativo era o mesmo que masculino, ao passo que passivo era o mesmo que feminino. Seu objetivo sexual passivo deve ter sido, então, transformado em feminino, expressando-se como "ser copulado pela pai", em vez de "ser espancado nos genitais ou no traseiro". Esse objetivo feminino, no entanto, sujeitou-se a repressão e foi obrigado a deixar-se substituir pelo medo do lobo (p. 65).*

Segundo Freud, tanto o pai quanto a mãe, transformaram-se em lobos, sendo que a mãe ficou na posição de lobo castrado, ser subida, enquanto que o pai era o que subia, o lobo ereto que o assustava. Na história contada pelo avô, o lobo sem rabo, castrado, que permitia que os outros trepassem em cima dele, morria de medo quando lhe era lembrado a mutilação da cauda.

*Portanto, parece que ele se identificava com a mãe castrada durante o sonho, e agora lutavam contra esse fato. "Se você quer ser sexualmente satisfeito pelo Pai", podemos talvez imaginá-lo dizendo para si mesmo, "você deve deixar-se castrar como a Mãe; mas eu não quero isso". Resumindo, um claro protesto da parte da sua masculinidade (p. 65).*

O sonho coloca em cena um conflito angustiante de identificações incompatíveis. A criança oscila diante de duas possibilidades identificatórias, lobo homem e lobo mulher, não podendo renunciar a nenhum dos dois desejos sexuais, nem os assumir de forma definitiva. O sonho é também uma tentativa de cura através de uma simbologia que remete a um saber



arcaico, inconsciente, recalcado, sobre a castração. É o protesto viril, narcísico, diante do ser como uma mulher, de ser como a mãe. O sonho foi também considerado a passagem do período da crueldade para o quadro da neurose fóbica.

Surge então a terceira influencia no curso de seu desenvolvimento, ao ser introduzido por sua mãe no mundo bíblico, através das histórias sagradas. Sua angústia e irritabilidade diminuíram, entretanto, a neurose de angústia foi substituída pela neurose obsessiva. Antes de dormir tinha que beijar todas as imagens santas do quarto, bem como, orava e fazia um sem número de vezes o sinal da cruz. Contudo, as histórias contadas por sua mãe e Nania causavam-lhe desconforto. Não concordava com a posição de sofrimento de Cristo, nem da forma que foi tratado pelo Pai. Ficou extremamente revoltado contra Deus-Pai, culpando-O pela maldade dos homens. Era, todavia, ao mesmo tempo piedoso e devoto, bem como, racionalista e crítico quanto ao dogmatismo religioso. A questão sexual entra em cena, quer saber se Cristo tinha um traseiro, se defecava? Essas questões por outro lado lhe perturbavam, pois temia com elas desrespeitar o filho de Deus.

Como disse Freud, essas rumações ligavam-se com o seu desenvolvimento libidinal, pois após a repressão da masturbação ela dirigiu-se ao sadismo e ao masoquismo, exemplificados pelas torturas que infligia nos insetos, como também pelas fantasias do herdeiro do trono sendo surrado.

*No seu sadismo, mantinha a antiga identificação com o pai; mas, no masoquismo, escolhia-o como objeto sexual (p. 84).*

Freud considerou que o sonho com os lobos poderia te-lo levado a um avanço na organização genital, transformando o masoquismo em relação ao pai em homossexualismo através de uma posição feminina. De um objetivo de ser espancado, para um de ser possuído como se fosse uma mulher. Entretanto, isto não ocorreu, sua virilidade narcísica recalca a homossexualidade originária da passividade anal e o faz regredir a uma fase mais primitiva, oral, de ser devorado pelo lobo. Existiam segundo ele três tendências sexuais relativas ao pai:

*A partir da época do sonho, em seu inconsciente ele era homossexual e, em sua neurose, estava no nível do canibalismo; ao passo que a atitude anterior, masoquista, continuou a ser a dominante. Todas as três correntes tinham propósitos sexuais passivos; era o mesmo objeto e o mesmo impulso sexual, mas esse impulso tornara-se dividido ao longo de três diferentes níveis (p. 84).*

As tentativas de solucionar suas questões através da crueldade, do sonho angustiante, da fobia dos lobos ou da obsessão religiosa, tornam-se infrutíferas. Ele permanece indissolúvelmente ligado ao pai. Uma fixação nunca abandonada, mas redistribuída em termos



de ser batido, ser penetrado, ser devorado. Sua identificação com Cristo, facilitada pela coincidência de terem nascido no mesmo dia, não funciona como uma possibilidade de conseguir uma sublimação a respeito da sua atitude masoquista em relação a seu pai. Sua identificação com Cristo, também o coloca como um grande homem, porém, ela não retira de cena sua atitude homossexual passiva, já que ele não conseguia abster-se de pensar se Cristo tinha um traseiro?

*O conhecimento que tinha então da história sagrada não lhe dava oportunidade de sublimar a sua atitude masoquista em relação ao pai. O menino transformou-se em Cristo (p. 85).*

Apontou Freud, em seguida, as dúvidas a respeito da vinda das crianças ao mundo. Pensava, em virtude das colocações de sua babá, que ele era filho do pai, e a irmã da mãe. As informações a respeito do nascimento de Cristo, quem era sua mãe, e a confusão entre os dois pais S. José e Deus, o fez pensar que a intimidade entre um pai e um filho não era então tão grande assim como ele sempre tinha pensado. Essa dúvida, que trazia a questão da ambivalência em relação ao pai, presente em todo sistema religioso, vai transformar-se em revolta, não contra seu pai, mas contra Deus. Entretanto, a figura de Deus não substituiu seu pai. Atacando Deus preservava seu pai, criando uma dicotomia entre um pai bom e um pai mau. Essas duas correntes contrárias de sentimentos, vão dominar toda sua vida posterior através da posição ambivalente frente a religião, criando um sintoma compulsivo de pensamento - Deus-merda, Deus-porco. Associou ao momento dessas blasfêmias, um ritual piedoso de respirar de maneira cerimoniosa. Ao fazer o sinal da cruz inspirava ou expirava de forma decidida, ligação que fazia com o significante espírito, que em sua língua materna tinha o mesmo significado de respirar. Expirava os maus espíritos e inspirava o Espírito Santo. Esse ato de expirar diante de pessoas que lhe causavam piedade conectava-se com sua infância, mais precisamente com a época em que foi visitar seu pai que, encontrava-se internado num sanatório e o qual não via há vários meses. O pai passou a representar todos os miseráveis pelos quais expirava.

*Desse modo, sua determinação de não ficar com os aleijados (motivo pelo qual expirava na presença destes) era a antiga identificação com o pai transformada em negativo. Mas ao fazê-lo, estava também imitando o pai no sentido positivo, pois a respiração pesada era uma imitação do ruído que ouvira, vindo do pai, durante a relação sexual (p. 88).*

No percurso do tratamento, pode Freud perceber a conexão dos sintomas. Eles representavam uma antiga identificação ao pai, entretanto negada, onde o inspirar-expirar encarnava, dramaticamente, um conflito identificatório. Cristo, sua irmã, Adão e seu pai, todos

apareciam como maus espíritos. As mulheres, através da lembrança da sedução por parte da irmã, causavam-lhe irritação, a própria irmã tornou-se o representante do pecado e da perdição.

Com a chegada de um tutor alemão, o qual não valorizava de forma nenhuma as atividades piás, pode, através de um processo identificatório, abrir mão das atividades e obsessões religiosas. Interessa-se por assuntos militares, cavalos, armas, sublimando seu sadismo, como sua passividade, pela identificação ao tutor. Manteve apenas, como disse Freud, uma última centelha da neurose obsessiva. Sempre que encontrava três montes de excrementos tinha que pensar na Santíssima Trindade. Seu amor pelo tutor o levou, através da identificação, a abandonar a atividade sádica, bem como identificado com ele, vai preferir ao longo de sua vida as coisas alemãs, médicos, mulheres etc..., numa tentativa de desprendimento do pai russo.

*... toda sua piedade estrita desapareceu, para não mais renascer, depois que percebeu e soube, através de conversas esclarecedoras com seu tutor, que este substituto paterno não dava qualquer importância às atividades piás, nem atribuía qualquer valor à verdade religiosa (p. 89)*

*Sob a influência do tutor alemão, surgiu uma nova e melhor sublimação do sadismo do paciente, o qual, com a aproximação da puberdade, dominara o seu masoquismo. Entusiasmou-se por assuntos militares, por uniformes, armas e cavalos...*

*Foi por efeito tardio de sua afeição pelo tutor, que o deixou pouco depois, que passou a preferir, em períodos posteriores de sua vida, as coisas alemãs... (p. 90).*

Freud comenta que, sua atitude masoquista passiva frente ao pai foi a princípio sublimada pela atividade religiosa, bem como, o seria de forma mais eficaz através do deslocamento para o tutor, pois identificado a este, interessou-se por assuntos militares sublimando também o seu sadismo.

A questão homossexual continuava recalcada, segundo Freud, era a desvantagem do processo que havia conduzido uma vitória da piedade, sobre a contestação da pesquisa crítica. O homossexualismo recalcado quando do sonho com os lobos, não conseguia nenhuma expressão através da sublimação, tendo como consequência um desinteresse pelos estudos e pela vida social. Esta situação pode ser paulatinamente entendida, a medida que o tratamento foi se desenvolvendo e a problemática homossexual sendo examinada.

Freud traz a baila a importância das fezes associadas ao dinheiro, na medida em que, na vida de uma pessoa, o dinheiro tem o mesmo interesse psíquico que as fezes. O Homem dos Lobos apresentara algumas passagens anteriores ao tratamento, em que fezes e dinheiro ficavam estreitamente conectadas. Ele havia sofrido de problemas intestinais e em virtude disto tinha por hábito submeter-se a enemas, administrados por seu empregado para aliviar sua constipação. Passava, por vezes, meses sem uma evacuação espontânea. Afirmava que, entre ele e a vida havia um véu, e que, só após a limpeza dos intestinos podia sentir-se normal.

Apoiado na análise do Homem dos Ratos, Freud retomou a questão da dúvida para o neurótico obsessivo como a mais poderosa das resistências. A dúvida permitia que o Homem dos Lobos resistisse ao tratamento durante muito tempo. Freud, porém, percebeu a função que a problemática intestinal cumpria em sua vida, e prometeu ao paciente uma cura, colocando os intestinos para falar.

*Tive então a satisfação de ver a sua dúvida murchar à medida em que, no decorrer do trabalho, seus intestinos começaram, como órgãos histericamente afetados, "a entrar na conversa", e em poucas semanas, recuperaram o seu funcionamento normal, após tão longo período de perturbações (p. 97).*

Sua problemática intestinal havia começado muito cedo, através da comum incontinência infantil. Quando estava por volta de quatro anos e meio, após um período de intensa satisfação anal, através de evacuações exibicionistas desafiadoras, teve um dia uma incontinência, sujando as calças. O episódio causou-lhe uma intensa angústia, tanta vergonha que teria dito *que não poderia continuar a viver daquele jeito!* Esta era a frase que ele havia entendido, quando sua mãe se queixava ao médico a respeito de suas perdas de sangue e dores abdominais. Esta frase de sua mãe é assimilada e repetida inúmeras vezes no curso da doença, apontando de forma inequívoca uma identificação à sua mãe.

*Assim, o lamento (o qual, além do mais, ele ir-ia repetir em inúmeras ocasiões durante a doença posterior) tinha o significado de uma identificação com a mãe (p. 98).*

Na mesma época, ele teme, e ao mesmo tempo procura, sangue em suas fezes, em virtude de uma apreensão de sua mãe relativa a uma desinteria. Mais tarde, ele realiza esta identificação com a mãe através de um sintoma obsessivo da morte.

*Podemos ver que, nesse pavor, ele estava tentando colocar em efeito uma identificação com a mãe, de cujas hemorragias ouvira falar durante a conversa com o médico. Na sua última tentativa de identificação (quando estava com quatro anos e meio), desistira de qualquer menção ao sangue; não mais compreendia a si mesmo, pois imaginava que estava com vergonha e não tinha*

*consciência de que estava sendo sacudido por um pavor da morte, embora isso fosse inequivocamente revelado pelo seu lamento.*

*Por essa época sua mãe, sofrendo como estava de uma moléstia abdominal, mostrava-se em geral nervosa, consigo mesma e com as crianças; é muito provável que seu próprio nervosismo, além dos outros motivos, se fundamentasse numa identificação com a mãe (p. 99).*

A identificação histórica que apresentou, nada mais era do que o resultado desse encontro com a mãe doente, castrada, que o fazia desejar, que dava a informação sobre o seu desejo recalcado, ao mesmo tempo que mostrava, da mesma forma que na relação com o pai, que ela era uma relação indubitavelmente ambivalente. A identificação, através do sintoma, representava o desejo de ser como a mãe, entretanto, exprimia também seu horror a assumir o papel desempenhado pela mulher no ato sexual. Um sintoma construído a partir da cena primária, para a qual introduziu a questão anal-intestinal, deslocando a genitalidade e colocando em seu lugar a analidade, o que incluía a desintéria.

*Que pode ter sido o significado dessa identificação com sua mãe?*

*Entre o uso impudente que fez da sua incontinência, quando tinha três anos e meio, e o horror com que a considerou, aos quatro anos e meio, está o sonho com o qual se iniciou o seu período de ansiedade - o sonho que lhe deu uma compreensão preterida da cena que testemunhara, com um ano e meio, e uma explicação do papel desempenhado pela mulher no ato sexual. É apenas outro passo para ligar a mudança da sua atitude em relação a defecação com essa grande revulsão. Desintéria era, evidentemente, o nome que ele dava a doença da qual ouvira a mãe lamentar-se, e com a qual era impossível continuar a viver; não considerava a enfermidade da mãe como sendo abdominal, mas sim intestinal. Sob a influência da cena primária, chegou à conclusão de que a mãe ficara doente por causa daquilo que o pai lhe fizera, e seu medo de ter sangue nas fezes, de estar doente como a mãe, era a sua recusa a identificar-se com ela nessa cena sexual - a mesma recusa com a qual despertou do sonho. Mas o medo era também uma prova de que, na sua elaboração posterior da cena primária, colocara-se no lugar da mãe e invejara-lhe essa relação com o pai. O órgão pelo qual sua identificação com as mulheres, sua atitude homossexual passiva para com os homens, estava apta a expressar-se, era a zona anal. Os distúrbios na função dessa zona haviam adquirido o significado de impulsos femininos de ternura, preservados também no curso da sua enfermidade posterior (pp. 99-100).*

Freud vai tentar uma explicação para o que chamou a aparente confusão de circunstâncias. Pensou que possivelmente durante o sonho dos lobos, o menino havia percebido a diferença sexual, elas tem como órgão sexual uma ferida. A castração como condição da mulher, o ameaçou, fazendo com que recalcasse seu desejo homossexual. Nesse ponto ele pode incluir a antiga noção de que a relação sexual é feita pelo anus, resultando daí uma equivalência vagina-anus-intestinos.

*... como pode essa compreensão das relações sexuais, esse reconhecimento da vagina, harmonizar-se com a escolha do intestino com o objetivo de identificação com as mulheres? (p. 100).*

Contudo, a antiga teoria vem opor-se a temática da castração, estabelecendo uma coexistência inconsciente de duas pretensões sexuais opostas. A identificação vem denunciar essa substituição de um saber ameaçador por um antigo. A identificação foi a via escolhida para recalcar a angústia da castração. O conhecimento a respeito da diferença sexual, gerador de angústia na medida em que dá a perceber a ausência de pênis na mulher, produziu uma identificação feminina através do anus-intestino. Colocou em causa a antiga, e por vezes duvidosa, teoria cloacal, descartando a nova teoria que coloca em causa a castração da mulher.

*Decidiu-se a favor do intestino e contra a vagina, tal como, por motivos semelhantes, tomou depois o partido do pai contra Deus. Repudiou a nova informação e apegou-se a velha teoria. Esta última deve ter-lhe proporcionado o material para sua identificação com as mulheres, que surgiu depois, como um pavor da morte em relação com os intestinos, bem como para seus primeiros escrúpulos religiosos, quanto à questão de saber se Cristo havia tido um traseiro, e assim por diante (p. 101).*

A nova teoria não desapareceu por completo, ela se manteve de forma poderosa, tanto que, em virtude dela, todo o processo do sonho pode ser mantido fora da consciência. A identificação vem ao lado da angústia de castração, ela na verdade faz com que essa angústia perca um pouco de sua força.

*... o medo da castração tenha existido lado a lado com uma identificação com as mulheres, por meio do intestino, embora se deva admitir que isso envolve uma contradição (p. 101).*

A fobia dos lobos representava seu novo conhecimento, o que punha em cena a diferença sexual e a castração, ao passo que as perturbações intestinais representavam sua atitude feminina em relação aos homens, inaceitável, uma identificação histórica, uma formação de compromisso colocando em jogo o desejo e a defesa. Identifica-se com uma mulher, entretanto uma mulher doente, *que não pode continuar a viver assim!*

Entra em cena a correlação fezes-presente-filho. Uma parte da cena primária tinha desaparecido. Freud inferiu que, o menino sexualmente excitado, através da zona anal, havia interrompido os pais ao fazer cocô e gritar. Ele apreendeu, ao interromper a relação sexual dos pais, a equivalência fezes-presente-criança, o que lhe permitiu realizar seu desejo de estar no lugar da mãe.

*Assumi imediatamente uma atitude passiva e demonstrou mais inclinação no sentido de uma subsequente identificação com as mulheres do que com os homens (p. 103).*

Esta equivalência se amplia, as fezes são o mesmo que bebê (ambos saem pelo anus), o mesmo que dinheiro, uma dádiva. Por uma via indireta tanto dinheiro como bebê, tem o sentido de dádiva, tornando-se assim o meio de expressar seu desejo feminino-homossexual. Disso resultou a possibilidade de dar ao pai um bebê.

*Na sua identificação com as mulheres (isto é com sua mãe) estava pronto a dar ao pai um bebê, e sentia ciúmes da mãe, que já o havia feito e talvez o fizesse outra vez (p. 105).*

Toda essa problemática envolvida pela fase anal, assegura a manutenção de um desejo inconsciente, graças a esta série de identificações. A preclusão<sup>(1)</sup> está numa estreita ligação com o mecanismo da identificação, o qual transformou a angústia de castração em sintomatologia anal, o anus contra a vagina, ou o pai amado passivamente contra o Deus castrador, o Deus merda. O sistema de identificação pela via anal é uma tentativa regressiva de resolver a angústia frente a diferença sexual. Freud disse que ele havia feito uma preclusão da castração, mostrando que o sentido seria de que ele pretendia não ter nada a ver com a castração, era como se ela não existisse. Entretanto havia também uma nítida evidência de que ele também tenha reconhecido a castração como um fato. Ele primeiramente precluiu a depois capitulou, embora a segunda reação não tenha anulado a primeira, fazendo com que ambas as correntes contrárias permanecessem lado a lado, uma abominando a castração e a outra aceitando-a de forma compensatória através da feminilidade. Como assinalou Freud havia ainda uma terceira corrente, mais antiga, anterior a realidade da castração e passível de entrar em ação. Foi a alucinação do dedo cortado pelo canivete, quando brincava cortando a casca de uma noqueira, que fez com que Freud percebesse um efeito da relação do paciente à castração. Assegurou

---

<sup>(1)</sup> Segundo Dorgeuille, C. et all no Dicionário de Psicanálise: Freud & Lacan, Salvador, Bahia, Ágalma, 1994, é por ocasião da análise do Homem dos Lobos que Freud introduz o termo *verwerfung*, primeiramente traduzido por *rejeição*, termo que tornar-se-á específico da psicose.



que essa alucinação pertencia a época do reconhecimento da realidade da castração e que possivelmente tinha sido o episódio que havia marcado esse passo.

*... estaremos talvez justificados ao chegar à interpretação de que árvore também significa uma mulher para o meu pequeno paciente. Estaria, então, desempenhando o papel do pai e relacionava as hemorragias da mãe, que lhe eram familiares, com a castração das mulheres, que ele agora reconhecia, - com a "ferida" (pp. 108-9).*

O paciente suspeitava que o pênis das mulheres era cortado ao nascerem e ao início da neurose obsessiva encontrava-se diante das correntes antagônicas, coexistindo lado a lado. Nesta época seu pai era o grande ameaçador e se confundia por vezes com a figura de Deus. A idéia do pai como o castrador o levou a um grande sentimento de raiva, por vezes desejando a morte daquele, ocasionando a conseqüente culpa. Entretanto concomitantemente colocava o pai como aquele que havia sido castrado, despertando seu amor. O sintoma respiratório também aludia a uma identificação com o pai quando internado. Os aleijados e miseráveis o remetiam a um velho trabalhador da granja de seu pai do qual sentia muita pena, pois não podia falar porque sua língua havia sido cortada (na realidade um surdo-mudo). Essa seqüência mudo-compaixão-pai mostra o caminho percorrido pela identificação como Freud a apresentou:

*O menino gostava muito desse velho e sentia uma profunda pena dele. Quando o velho morreu, o menino procurou por ele no céu. Eis aí, então, o primeiro aleijado do qual se apiedou e, como foi mostrado pelo contexto e pelo ponto em que o episódio aflorou na análise, um indubitável substituto paterno (pp. 110-1).*

O sentido do sintoma de expirar, era o de evitar, repelir, colocar para fora qualquer identificação com um possível objeto da piedade do paciente. A questão da compaixão interconectava-se com a cena primária onde, o desaparecimento do pênis o havia levado a sentir pena do pai, ao mesmo tempo que o seu reaparecimento o levava a se alegrar. Como se depreende a compaixão (sofrimento com), implica a problemática da identificação, confirmando como disse Freud, a origem narcísica da compaixão.

A identificação é um processo inconsciente de manutenção de um objeto, no caso do Homem dos Lobos ela servirá para manter duas posições antagônicas. Duas pulsões parciais, uma de objetivo passivo e outra de objetivo ativo, construindo duas séries de identificações opostas.

Florence (1978), em sua obra, apresentou a posição do Homem do Lobos através de duas séries de escolha sexual: na primeira, o pai é tomado como objeto em diferentes formas de ligação. Uma forma de identificação narcísica, o desejo de ser como o pai. A outra forma de escolha seria a anal, homossexual, ser penetrado pelo pai. Essas duas formas de ligação oferecem um campo de luta. O desenvolvimento genital com a masturbação e a escolha sexual estabelecem um investimento narcísico no pênis, criando através da identificação com um homem ideal, Cristo, uma valorização da virilidade. Entretanto, a identificação ao Cristo apresenta um desejo ambíguo - ser O que sofreu por causa do pai. Disso resulta a vitória do amor ao pai, sobre a hostilidade do pai castrador, interditor, inimigo da virilidade nascente, e dos representantes dele, os estropiados, aleijados, circuncidados e do *lobo*. Na segunda série de escolhas sexuais surgem as mulheres, a mãe, a irmã, Nania e Grusha representando as mulheres escolhidas em função de um traço particular, a mesma posição em que se encontrava sua mãe na cena primária. A irmã sedutora, rival do amor paterno, mas que excita e incentiva a posição passiva de ser olhado e tocado. Sua Nania, carinhosa, severa e que lhe avisou que a masturbação e exibicionismo provocavam uma ferida. A mãe com suas hemorragias foi escolhida por este traço como um objeto de identificação histórica, motivado pelo desejo de, da mesma forma que ela, ser copulado pelo pai.

*O que domina, nesta série de escolhas, é a identificação à mulher, na medida em que ela é o objeto passivo do pai* (Florence, 1978, p. 128).

O conflito pulsional surge do desejo de ser viril como o pai, em oposição a ser o objeto feminino do pai, não entre amor do pai e amor da mãe. A identificação à mulher que o deixa na posição anal passiva e masoquista serve para apresentar um desejo homossexual passivo, entretanto, ao mesmo tempo que suscita a angústia da castração, pois a este tipo de identificação se opõe o desejo viril narcísico. A angústia insuperável mostra que este mascaramento regressivo é um compromisso faltoso: o narcisismo viril se rebela contra o desejo homossexual passivo.

*O combate ambivalente se eterniza na variedade das formas da doença deste paciente anal impenitente e teimosamente conservador* (Florence, 1978 p. 128).



## IX - A MULHER DE DEUS

Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia (Dementia Paranoides) (1911).

Em 1910, Freud interessou-se pelas memórias de Shereber, que haviam sido publicadas em 1903. A paranóia era um assunto pelo qual tinha interesse, inclusive em 1895 já havia comentado o assunto com Fliess, afirmando que a paranóia era uma neurose de defesa cujo mecanismo principal era a projeção. A importância do texto elaborado por Freud, é ter sido o precursor de temas que seriam examinados em maior profundidade mais tarde: o narcisismo, a repressão, as pulsões, bem como, uma primeira menção a questão do totem.

A questão da paranóia se prende ao tema da identificação através de um processo, inverso ao encontrado na histeria e na neurose obsessiva. Em 1899, em carta a Fliess, Freud escrevia:

*A mais inferior das camadas sexuais é o auto erotismo, que dispensa qualquer objetivo psicosexual e visa apenas às sensações localmente gratificantes. Depois dele vem o alo-erotismo (homo ou hetero-erotismo), mas é certo que ele continua a existir como uma corrente subjacente. A histeria (e sua variante a neurose obsessiva) é alo-erótica, já que sua via principal é a identificação com a pessoa amada. Já a paranóia dissolve a identificação, reinstaura todas as pessoas amadas da infância que foram abandonadas e dissolve o próprio ego nas pessoas externas. Assim, passei a encarar a paranóia como uma irrupção da corrente auto-erótica, um retorno a um estado anterior (Masson, 1985, p. 391).*

Estes seriam os dois meios para se produzirem sintomas, as formas alo-eróticas - hetero ou homossexuais, cujos exemplos podemos ver no caso Dora e no Homem dos Lobos, e as formas auto-eróticas, representadas pelo processo do presidente Shereber.

A identificação é a forma que o ego, histérico ou obsessivo, utiliza para manter o objeto, enquanto que a des-identificação seria a forma do ego paranóico decompor-se. O paranóico não pode identificar-se com as pessoas amadas, ele não se enriquece com o objeto, ele as rejeita e as transforma em seus perseguidores.

Nas memórias de Shereber, surge o conflito ante o desejo homossexual através do protesto viril. Esta posição feminina, inaceitável para ele, vai criar os perseguidores que o irão acossar, através de uma montagem megalomaniaca e persecutória.

*... certa vez, quando se achava semi-adormecido, teve a impressão de que, afinal de contas, deveria ser bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula (p. 61).*

O professor Flechsig fora o médico de Shereber, e ao mesmo tempo tornara-se seu mais terrível perseguidor. Era o ponto de apoio ao qual recorria o paciente, para justificar sua sintomatologia. Shereber, em função do seu desejo homossexual pelo professor, desenvolveu uma atividade delirante, na qual havia um temor de ser abusado sexualmente pelo médico. Segundo Freud, a transferência à Flechsig, era o resultado de um investimento libidinal que se havia deslocado de uma pessoa significativa na vida do presidente, para o médico. Possivelmente, seu irmão ou seu pai teriam sido os objetos originários da transferência. O aparecimento dessa fantasia homossexual (feminina, passiva), tornou-se inaceitável para Shereber, gerando a partir daí um delírio de perseguição. Começa então uma luta defensiva para não se submeter a essas imposições do desejo de ser mulher.

O delírio megalomaniaco nada mais era do que a modificação de um delírio de perseguição. Ele irá permitir o submetimento do ego, dando uma solução ao conflito pulsional, fazendo com que o desejo de ser mulher seja perfeitamente aceitável.

*Era impossível para Shereber resignar-se a representar o papel de uma devassa para com seu médico, mas a missão de fornecer ao próprio Deus as sensações voluptuosas que Este exigia não provocava tal resistência por parte de seu ego. A emasculação, agora, não era mais uma calamidade; tornava-se "consoante com a Ordem das Coisas", assumia seu lugar numa grande cadeia cósmica de eventos... (p. 67).*

Freud fez uma tentativa de elucidar a questão referente a ascensão de Flechsig a Deus. Ele era na fantasia de Shereber Deus-Flechsig, entretanto, percebe-se inúmeras decomposições no processo delirante, de forma que, Flechsig passou por uma desmontagem em sua sobredeterminação. O perseguidor encontrava-se dividido em Deus e Flechsig e estes em superior e médio. Posteriormente o médico será mais decomposto ainda.

*Um processo de decomposição desse tipo é muito característico da paranóia. A paranóia decompõe, tal como a histeria condensa. Ou antes, a paranóia reduz novamente a seus elementos os produtos das condensações e identificações realizadas no inconsciente (p. 69).*

Toda decomposição de Deus e Flechsig tinha o mesmo sentido que a clivagem do perseguidor. Eram sempre duplicações de relações significativas da vida do paciente. Freud deduziu que se o perseguidor Flechsig era o deslocamento de uma pessoa amada por Shereber, Deus deveria também ser a transferência de outra pessoa, talvez, até mais importante na vida do paciente. Flechsig representava o irmão, e Deus o pai de Shereber, este, um famoso médico na Alemanha, criador dos mais diferentes e severos métodos educacionais da época. As fantasias eróticas tão repugnantes, tinham suas origens na ambivalência frente ao irmão e ao pai. Percebe-se então o conflito edípico, onde o delírio do paciente nada mais é do que a conhecida ambivalência edipiana representada através da atividade delirante.

O histérico condensa no seu sintoma os seus amores perdidos, se transforma no outro através do jogo das identificações, o paranóico se divide, transformando de forma delirante os amores em perseguidores. A projeção, mecanismo importante da paranóia, é a forma pela qual o ego revela seu desejo homossexual recalcado. O material recalcado retorna e é projetado num outro, significante de um antigo investimento libidinal.

A formação delirante é uma tentativa de cura, de reorganização interna, é uma tentativa feita através da supressão do recalçamento. O processo de investimento libidinal na paranóia se efetua pela projeção, diferentemente da histeria e da neurose obsessiva, onde o processo se dá pela via da identificação. Através o mecanismo da projeção o que fora recalcado volta, confundindo a realidade. A seqüência teórica - autoerotismo, narcisismo, homossexualidade, sublimação da homossexualidade através das relações sociais, heterossexualidade tem como correspondentes uma serie de objetos. A identificação, como processo comum a neurose conserva o objeto perdido, a projeção, processo comum a psicose, restaura o objeto perdido.

A intenção de apresentarmos estas notas a respeito do caso Shereber, se prende a possibilidade que este texto oferece, para fazer uma distinção, entre o mecanismo da identificação (nas neuroses) e o mecanismo da projeção (na paranóia). O mecanismo da projeção poderia ainda, de acordo com as concepções de Jean Florence, ser postulado como um trabalho de des-identificação do ego.

## X - O SORRISO DE LEONARDO

Leonardo Da Vinci e uma Lembrança da sua Infância (1910).

O texto de 1910, *Leonardo Da Vinci e uma Lembrança da sua Infância* é importante na medida em que a temática da identificação se entrelaça, com a nota de rodapé acrescentada em 1910 aos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* e ao texto de 1914, *Sobre o Narcisismo, Uma Introdução*. A temática da identificação aparecerá vinculada à questão do narcisismo, mencionada pela primeira vez nos comentários adicionais ao capítulo sobre *O Objeto sexual dos Invertidos*, nos *Três Ensaio*.

*... os futuros invertidos, nos primeiros anos de sua infância, atravessam uma fase de fixação muito intensa, mas muito curta, em uma mulher (geralmente sua mãe) e que, depois de ultrapassada esta fase, identificam-se com uma mulher e se consideram, eles próprios, seu objeto sexual. Isto é, partem de uma base narcísica e procuram um rapaz que se pareça com eles próprios e a quem eles possam amar como eram amados por sua mãe (1905, pp. 145-6).*

É possível que esta nota tenha sido acrescentada em virtude de estar Freud, por volta de 1909, interessado em Da Vinci, pois atendia a um paciente com características semelhantes, conforme escreveu a Jung. Segundo Jones (1957), Freud vinha há algum tempo examinando a questão narcísica, tanto que, em novembro de 1909, numa das reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena havia afirmado que o narcisismo era uma fase intermediária, necessária, entre o auto erotismo e o amor objetal.

Todo o trabalho de Freud a respeito de Leonardo Da Vinci é, na verdade, uma preparação do texto sobre o narcisismo, podendo-se ver as conexões que foram feitas a respeito das escolhas sexuais do pintor com as questões do narcisismo e da identificação. É interessante notar que, a noção de identificação não aparece uma vez sequer no texto sobre o narcisismo, entretanto, sabe-se que Freud já havia reconhecido que a identificação era o destino da libido narcísica.

Por volta de abril de 1910, terminou o texto sobre Leonardo, para o qual utilizou-se dos trabalhos de Merezhkovsky, de Scognamiglio, de Vasari, entre outros, visando um extenso estudo biográfico. Esse estudo pretendeu fazer um exame do tipo de homossexualidade do biografado pela via, principalmente da identificação deste com sua mãe, frente a ausência da figura paterna. Verificou que as circunstâncias da vida infantil do pintor tiveram sobre ele um efeito extremamente perturbador. Até os cinco anos Da Vinci esteve apenas sob os cuidados

de sua mãe Caterina, já que, considerado filho ilegítimo não tinha o pai por perto. Freud apresentou a hipótese de sua mãe ter para com ele um carinho sedutor, de utilizá-lo como se fosse o único consolo, e que talvez os beijos da mãe lhe tenham despertado precocemente a maturidade sexual. Suas pesquisas sexuais foram intensas na infância, e o desejo de ver e saber foram preponderantes, ficando a boca como uma zona erógena privilegiada. A repressão tomou conta e Da Vinci afasta-se de quase toda atividade sexual, vivendo em abstinência e dando a impressão de assexuado. Sua sexualidade foi sublimada através de uma grande necessidade de saber e de conhecer. Entretanto, a parte que ainda ficou orientada para fins sexuais, manifestou-se através de um amor ideal por rapazes em virtude da repressão do amor que tinha pela mãe.

*A fixação em sua mãe e nas felizes lembranças de suas relações com ela continuou preservada no inconsciente, permaneceu, porém inativa por algum tempo. Desse modo, a repressão, a fixação, e a sublimação desempenharam sua parte absorvendo as contribuições do instinto sexual para a vida mental de Leonardo (p. 120).*

Freud deixa bem claro que pretende com seu estudo chegar a uma gênese psíquica da homossexualidade. Neste trabalho apresenta sua concepção geral da homossexualidade:

*Em todos os casos de homossexuais masculinos, os indivíduos haviam tido uma ligação erótica muito intensa com uma mulher, geralmente sua mãe, durante o primeiro período de sua infância, esquecendo depois esse fato; essa ligação havia sido despertada ou encorajada por demasiada ternura por parte da própria mãe, e reforçada posteriormente pelo papel secundário desempenhado pelo pai durante sua infância (p. 91).*

Em sua teoria geral da homossexualidade, Freud acrescentou, em 1919, uma nota de rodapé a respeito de dois aspectos incontestáveis para a compreensão do problema, a fixação na mãe e a afirmação de que qualquer pessoa, por mais normal que fosse, seria capaz de fazer uma escolha homossexual, possivelmente, já teria feito em algum momento da vida, permanecendo a situação inconsciente. É interessante notar que esta posição retira de certa forma a homossexualidade de uma pretendida anormalidade, tendo uma existência garantida no mundo interno de todos os seres humanos. A diferença estaria na sua forma de existir.

Leonardo ao identificar-se à mãe sedutora, faz com que o desejo edípico seja recalçado, permanecendo porém, intacto, o amor e a conseqüente fidelidade em seu inconsciente. O fantasma do pássaro, com sua cauda fálica é interpretado por Freud como uma evidência desse amor recalçado, disfarçado, através da identificação à mãe, impedindo uma saída em direção ao pai. Os impulsos de Da Vinci eram expressos de forma compulsiva e

distorcida, pois sua mãe e seus alunos seriam os representantes da imagem de sua própria beleza infantil - eram seus objetos sexuais. Tratava de seus alunos como uma mãe cuida de seus próprios filhos e principalmente como o teria tratado sua própria mãe.

*O amor da criança por sua mãe não pode mais continuar a se desenvolver conscientemente - ele sucumbe à repressão. O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor. Desse modo ele transformou-se num homossexual. O que de fato aconteceu foi um retorno ao auto erotismo, pois os meninos que ele agora ama à medida que cresce, são, apenas, figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante sua infância - meninos que ele ama da maneira que sua mãe o amava quando era ele uma criança. Encontram seus objetos de amor segundo o modelo do narcisismo, pois Narciso, segundo a lenda grega, era um jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra, e foi assim transformado na bela flor do mesmo nome (p. 92).*

Freud com essa importante passagem, talvez a mais significativa de todo o texto, vem mostrar a impossibilidade de sair da relação com a mãe; o objeto amoroso internalizado permanece para sempre no ego, não diminui sua intensidade, impedindo o investimento em outra mulher. O homem homossexual permanece fixado à imagem de sua mãe, conserva-a em seu inconsciente, criando uma tal fidelidade que o impossibilita de fazer uma outra escolha feminina, situação que Freud assinalou ao afirmar que a escolha de parceiros masculinos, nada mais era do que uma forma de fugir das mulheres que poderiam levá-lo a infidelidade. Em todo o capítulo III percebe-se uma introdução à questão do narcisismo e ao luto pela perda do objeto, que foram examinados nos textos posteriores, *Narcisismo, Uma Introdução* (1914), *Luto e Melancolia* (1915-17), *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921) e *O Ego e o Id* (1923). Freud, que não pretendia dar a última palavra sobre o tema da homossexualidade, dizia que estava apenas destacando um processo em particular, talvez correspondente a um único tipo de homossexualidade, já que, esta poderia ser a resultante de uma variedade enorme de processos inibitórios psicosexuais.

A questão, do relacionamento do grande artista com sua mãe, domina toda a obra, enfatizada pelo sonho da cauda do abutre (milhafre) na boca de Da Vinci. Freud fez duas traduções dramáticas:

*Foi através dessa relação erótica com minha mãe que me tornei um homossexual (p. 97).*

*Minha mãe beijou-me apaixonada e repetidamente na boca (p. 98).*

A criação artística de Leonardo criou possibilidades expressivas de seu mundo interno. O famoso sorriso da florentina Mona Lisa del Giocondo, fascinante e misterioso, sorriso que apareceu em várias pinturas posteriores, sorriso de reserva e sedução de uma mulher ideal, e finalmente possuída. No quadro de Sant'Ana com a Madona e o Menino surge o mesmo belo sorriso em ambas as mulheres e Freud identifica-as com sua mãe Caterina e sua madrasta D. Albiera. A fidelidade à lembrança infantil contida no sorriso traz, ao mesmo tempo, como disse Freud, a promessa de ternura infinita e uma sinistra ameaça, que determinaram seu destino.

*Assim, como todas as mães frustradas, substituiu o marido pelo filho pequeno, e pelo precoce amadurecimento de seu erotismo privou-o de uma parte de sua masculinidade (p. 105).*

O pai de Leonardo, Ser Piero da Vinci foi um importante tabelião da época, um homem que apenas no terceiro casamento teve filhos. Leonardo foi viver com o pai, na casa de seu avô, um pouco antes de ter completado cinco anos. Seu pai estava casado com D. Albiera, a qual por não poder ter filhos, dedicou sua afeição ao futuro artista. Estabeleceu, ainda que tardiamente, relações de rivalidade com seu pai, que exerceu grande influência no seu desenvolvimento psicosexual; de uma forma negativa por sua ausência na primeira infância e de forma positiva por sua marcante presença após os cinco anos.

*Quem deseja a própria mãe na infância não poderá evitar o desejo de substituir o pai e de identificar-se com ele na imaginação, e depois constituir como tarefa de sua vida obter ascendência sobre ele (p. 110).*

Freud percebeu que os cuidados posteriores que seu pai lhe dedicou não iriam alterar sua vida sexual, esta marca da ausência do pai em sua primeira infância trouxe como consequência a fixação na mãe, fazendo que, com o advento da puberdade o desinteresse sexual surgisse.

*... sua identificação com o pai perdeu toda significação para a vida sexual mas manteve-se presente em outras esferas de atividade não erótica (p. 111).*

Seu gosto pelo luxo, pelos criados, por cavalos, segundo Freud, era a tentativa de representar um verdadeiro gentil-homem frente ao pai, uma tentativa de ultrapassá-lo. Sua mãe, uma camponesa que não poderia aspirar casar-se com o tabelião por este ser um cavalheiro, passou para o filho esta concepção do pai, a quem desejou superar. Entretanto, Freud chamou também à atenção para uma outra identificação, o fato de Leonardo constantemente criar uma obra e depois desinteressar-se dela:



*Não há dúvida de que o artista criador se considera como o pai de sua obra. Para Leonardo, o reflexo de sua identificação com o pai foi prejudicial para sua pintura. Criava a obra de arte e depois dela se desinteressava, do mesmo modo que seu pai se desinteressara por ele. O cuidado que seu pai demonstrou, mais tarde, em nada conseguiu alterar esta compulsão; porque a compulsão derivada das impressões dos primeiros anos de infância, e o que foi reprimido e se tornou inconsciente, não pode ser corrigido pelas experiências futuras (p. 111).*

Se entretanto, sua identificação com o pai levou-o a ser também um pai que abandona suas obras, por outro lado, o ressentimento para com o pai transformou-se numa rebeldia produtiva, traduzida em importantes pesquisas científicas. Leonardo foi o primeiro cientista natural moderno, e o primeiro, desde os gregos, a pesquisar sobre os segredos da natureza baseando-se em suas pesquisas e conclusões. Tornou-se um ateu, não levando em conta qualquer devoção à autoridade. A autoridade que advém da figura paterna faltou-lhe, essa autoridade imperativa em que todos os seres humanos apóiam-se. No caso de Leonardo esse apoio foi dispensado, tendo ele que aprender a viver sem pai. Segundo Freud, seu interesse ousado e independente pela pesquisa científica, representam um prolongamento das pesquisas sexuais infantis não inibidas pelo pai. Esta não existência da repressão paterna, que rompe com o desejo de autoridade, o fará mais tarde ser acusado de herético. Em seu texto Freud sublinha com júbilo uma passagem citada por Solmi, em que fica patente a percepção *psicanalítica* de Da Vinci sobre o assunto:

*Aquele que apela para a autoridade quando existe diferença de opinião, está fazendo mais uso da memória do que da razão (p. 112).*

Freud, naquela época, ainda não podia dar explicações claras sobre a identificação. Fala do objeto perdido e da transformação feita sobre a pulsão, algo que surgirá de forma mais elaborada em *Luto e Melancolia*. Nada acrescenta à uma diferença entre identificar-se com a mãe e identificar-se com o pai, às questões relativas ao amor e a rivalidade, enfim, ainda não tem uma elaboração completa, que inclusive só poderá ser melhor apresentada quando da formulação final do complexo de Édipo.

Para finalizar, apresentamos a síntese proposta por Jean Florence (1978), que serve de conclusão para o texto. O processo identificatório foi dividido em quatro momentos: O primeiro, a *identificação com a mãe reproduzindo o amor infantil perdido*, bem demonstrado pela homossexualidade masculina. Na puberdade faz um tipo de escolha narcísica de objeto, já que no lugar da mãe, ama seu próprio eu de antanho nos rapazes que escolhe. O segundo, a *identificação a uma função recalcada*, pois de forma recalcada a criança mantém-se na



situação edípica. Sobre a cena protegida e desconhecida do inconsciente os papéis se redistribuem é ainda *eu que ela, tornando-se eu, ama*. A criança mantém sua fidelidade eterna. O terceiro, *a identificação aparece como um mecanismo transformador de libido e conservador de escolhas de objeto arcaicas*, o objeto amado é conservado, a fusão mãe/filho não se desfaz. Diferentemente na histeria onde pode-se escolher um homem e/ou uma mulher. O quarto seria uma diferenciação entre uma *identificação-sublimação* e uma *identificação-recalcamento*. A diferença entre a relação de Leonardo com seu pai e com sua mãe, sugere a distinção. A identificação-sublimação como a transformação das pulsões sexuais, a via da dessexualização, a investigação científica, a rivalidade, o desafio, a criação artística. A identificação-recalcamento como a repetição da relação primitiva, intransponível e conservada na fantasia inconsciente, a condição homossexual, o sintoma histérico e as figuras oníricas.

## XI - O PRIMITIVO, A CRIANÇA E O NEURÓTICO

### Totem e Tabu (1912-13)

*Totem e Tabu* (1912-13) foi uma obra escrita em contraposição a obra de Jung, *Símbolos e Transformações da Libido*, no período de setembro de 1911 até maio de 1913. Quatro ensaios sobre a questão do pai e o conseqüente espírito religioso, questões que vieram se estendendo de um percurso que vai das relações de Freud, filho de Jakob, a Freud, pai de Jung, Abraham, Ferenczi e Jones, bem como, Freud fundador da horda primeva psicanalítica. A dissidência com Adler, sobre a crítica de que a psicanálise dava pouca importância aos fatores culturais na formação psíquica do homem e no surgimento das neuroses, também contribuiu para a confecção do texto.

*Totem e Tabu*, segundo Mezan (1985) surgiu, da convergência da neurose obsessiva, através do exame da ambivalência e dos tabus, da psicose, através do estudo da projeção e do narcisismo, e da fobia, pelo sentido paterno do animal totêmico. Todas estas questões tem como fundo a questão paterna com vistas a amarrar o complexo de Édipo, não só na fantasia dos neuróticos, mas como marco inicial da civilização e fato universal.

*O Horror ao Incesto* foi o primeiro ensaio apresentado, e referia-se a dois fenômenos que vinham associados, o totemismo e a exogamia. O totemismo ligado ao antepassado mítico do clã, gerando uma série de regras a serem respeitadas. Regras que diziam respeito ao totem, sua preservação, rituais e sistemas de parentesco.

*Em quase todos os lugares em que encontramos totens, encontramos também uma lei contra as relações sexuais entre as pessoas do mesmo totem e, conseqüentemente, contra o seu casamento. Trata-se então da exogamia, uma instituição relacionada com o totemismo* (p. 23).

A exogamia, regra que, no fundo, pretendia impedir as relações entre mãe e filho, era, entretanto, estendida para uma série de outras mulheres, o que levou Freud a inferir que a proibição deveria ser proporcional ao desejo. Se as regras eram intensas, era porque neles o desejo incestuoso também o era, pois regras menos rígidas só eram possíveis a medida que, através de milênios, aprendemos a reprimir de forma eficaz os impulsos incestuosos.

Neste ensaio Freud prepara as questões subseqüentes relativas à identificação do pai ao totem, a interpretação das proibições e evitamentos referidas a ambivalência dos sentimentos, e a universalidade do complexo de Édipo. Apresenta nesse ensaio um exame de

um tipo de relação, que considerou como um dos pontos delicados da organização familiar nas comunidades civilizadas: as relações entre genro e sogra. É sem dúvida a importância da identificação da mãe à filha.

*Uma mãe, a medida que envelhece, se salva disso colocando-se a si própria no lugar dos filhos identificando-se com eles; e isso ela o faz suas as experiências emocionais deles (p. 35)*

Os pais teriam sempre um desejo de realizarem, através dos filhos, muitas das frustrações que a vida apresentou. Como disse Freud, uma forma de manter-se jovem é realizar-se através dos filhos, o que provoca uma intensa satisfação.

*A identificação simpática da mãe com a filha pode facilmente ir tão longe que ela própria se apaixone pelo homem que a filha ama e, em casos extremos, isto pode levar a formas graves de doença neurótica, como resultado das violentas lutas mentais contra esta situação emocional (p. 35).*

Os sentimentos amorosos e proibidos da sogra em relação ao genro são, através da repressão e da ambivalência, transformados em agressões sádicas e cruéis a fim de disfarçar a incômoda paixão.

Este ensaio teve por finalidade fazer uma apresentação da intensidade do impulso incestuoso, constituindo a série: criança - neurose - primitivo. O neurótico com sua libido fixada na infância, ou freqüentemente regredindo a ela, através da repressão, faria um sintoma. Disso resultou o conceito de: o complexo nuclear das neuroses. Foi sempre difícil a aceitação desta série, pois o neurótico pode apresentar sua sexualidade de forma infantil, mas o primitivo não poderia ser considerado como anormal em sua própria cultura. Estas eram críticas que Freud tentou responder, levando em conta que nunca pretendeu fazer de seu texto uma obra antropológica, mas sim uma obra psicanalítica. Um estudo sobre as diferentes posições do pai - real, idealizado e morto - de importância capital para o desenvolvimento da teoria.

O ensaio seguinte, *Tabu e Ambivalência Emocional*, implica em buscar a coerência lógica para as proibições impostas pelo sistema totêmico. O porquê da transmissibilidade da força perigosa que havia nos seres - tabu, para aquele que, de alguma forma, entrasse em contato com ele. De início, Freud alude a doença do tabu, resultado da observação de pacientes obsessivos, que criavam para si proibições de tabus individuais, obedecendo a eles, da mesma forma que os primitivos obedeciam aos tabus de suas comunidades. Conforme assinala Mezan (1985), quatro elementos são destacados: a ausência de motivação racional para a proibição, com a conseqüente angústia caso seja desrespeitada; a interiorização do castigo caso a violação seja cometida; a questão do deslocamento, que permite incluir, por

similitude ou por contigüidade, um grande número de ações sob a proibição inicialmente localizada; finalmente as medidas de precaução tomadas para evitar o ato-tabu. O tabu será sempre a forma reativa destinada a proteger o homem de algum ato intensamente desejado, mas proibido pelo grupo. Na seqüência, Freud aborda a questão da ambivalência, referida a relação amorosa da criança para com os autores da proibição. Ela deseja tocar, como ato do gozo supremo, mas isto está proibido, por isso também detesta. Um terrível conflito se instala entre o desejo e sua proibição. O desejo estaria na vertente inconsciente, nada sabendo o sujeito sobre ele, enquanto a proibição está perfeitamente consciente. Por isso a ambivalência é duradoura e produz uma série de desdobramentos.

*Elas devem, portanto ter uma atitude ambivalente para com seus tabus. Em seu inconsciente não existe nada que mais gostassem de fazer do que violá-los, mas temem fazê-lo; temem precisamente porque gostariam, e o medo é mais forte que o desejo. O desejo está inconsciente embora, em cada membro individual da tribo, do mesmo modo que está nos neuróticos (pp. 51-2).*

Os desejos pulsionais homicidas e incestuosos são refreados pelo tabu possibilitando, através da sublimação dessas tendências, a constituição de uma vida social. A vinculação social só será mantida se forem respeitados os acordos sociais.

*As mais antigas e importantes proibições ligadas aos tabus são as duas leis básicas do totemismo: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com membros do clã totêmico do sexo oposto. Estes devem ser, então, os mais antigos e poderosos dos desejos humanos (p. 52).*

Ainda neste ensaio, Freud vai alargar o exame da questão paterna mostrando o aspecto ambivalente das relações com os inimigos e os mortos, e com os governantes, situações que utiliza para, através de exemplos, também traçar um paralelo entre o selvagem e o neurótico. O exame da ambivalência de sentimentos frente aos governantes apresenta o fundamento do tabu pela vertente da hostilidade, enquanto, o tabu dos mortos apresenta a forma pela qual se expressa a ambivalência, a projeção. A presença do morto que pode voltar, ameaçando-o, é o pensamento do desejo de vingança por parte do morto, daqueles que causaram sua morte, já que esta é sempre ocasionada por algum desejo de um outro. Este desejo é, na verdade, a projeção dos impulsos agressivos dos vivos, que vêm a consciência travestidos do medo da vingança do morto. Por isso, Freud apresentou a explicação a respeito dos demônios como uma tentativa de projetar a hostilidade existente dentro de cada ser humano. A tensão interna do sentimento de hostilidade inconsciente faz com que o neurótico produza uma auto recriminação obsessiva, diferentemente do selvagem que defende-se desse incômodo sentimento de hostilidade projetando-o nos próprios mortos.

*Esse procedimento defensivo, comum tanto na vida mental normal quanto na patológica, é conhecido como projeção. O sobrevivente nega assim que tenha algum dia alimentado quaisquer sentimentos hostis contra o morto querido; em vez disso, é a alma do defunto que os alimenta e procura pô-los em ação durante todo o período de luto (pp. 82-3).*

A ambivalência faz parte da vida psíquica de todo ser humano, entretanto, o obsessivo e o selvagem apresentam uma curiosa elaboração desse sentimento. Devido ao mal estar causado pela fantasia agressiva colocam-na fora de seu psiquismo, deslocando o desejo indevido para o objeto da hostilidade. No momento da morte, os sentimentos opostos de amor e hostilidade impõem-se como luto e satisfação, estabelecendo-se um conflito que é solucionado pela projeção de um dos sentimentos sobre o morto. A projeção recalca o desejo insuportável, tornando-se um mecanismo de defesa contra o conflito que a ambivalência instaura. Freud inferiu que a vida psíquica dos primitivos apresentava maior quantidade de ambivalência do que a do homem civilizado, pois o tabu, que é o sintoma da ambivalência e um acordo entre os desejos conflitantes, pouco a pouco, com o passar dos anos foi desaparecendo. No entanto, percebe-se que os neuróticos obsessivos ainda ficam perturbados por autocensuras obsessivas, quando da perda de um de seus entes queridos.

O fenômeno projetivo permitiu a Freud fazer uma série de considerações sobre a origem dos demônios que, associados ao luto e a piedade, permitiram a elaboração da natureza da consciência moral. A consciência será o resultado da percepção do horror aos desejos incestuosos e hostis. O tabu não é uma neurose, é uma instituição social que explica a sua existência pela ambivalência do ser humano primitivo. A diferença entre o tabu e o mandamento moral é que este é uma interiorização daquele, como disse Mezan (1985). A instância que reprime as tentações incestuosas e homicidas e no homem moderno uma representação da sociedade em geral, já no primitivo a sociedade, ela mesma, se incumbiu de aplicar a punição do transgressor.

*É por esta razão que Freud pode considerar, numa perspectiva evolucionista, que o selvagem dispõe de mecanismos de repressão interna menos eficazes que o civilizado, já que neste opera uma instância - posteriormente denominada superego - de representação da autoridade coletiva (Mezan, p. 328).*

Ao final desse ensaio Freud antecipou as questões que serão explanadas em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, ao fazer derivar os sentimentos sociais de uma mescla das duas pulsões, na época sexuais e de auto conservação. A neurose obsessiva serve para considerações sobre o laço social, ao perceber a supercompensação dos impulsos destrutivos através de exageradas preocupações conscientes em relação ao outro. A teoria da identificação

explicitada em *Luto e Melancolia* (1915-17) surgia nas entrelinhas. A identificação e a projeção são os caminhos percorridos pelo psiquismo para a elaboração das motivações pulsionais.

O terceiro ensaio criará possibilidades para o exame da identificação como algo ligado à magia e ao pensamento anímico. Freud afirmou que a primeira imagem que o homem teria feito do mundo seria anímica, ou seja uma imagem psicológica. As leis que regem a vida mental seriam estendidas às coisas e a magia era mais antiga que o animismo porque os fenômenos naturais são totalmente provocados ou interrompidos pelos atos mágicos, enquanto que o animismo apenas projeta uma parte da onipotência sobre os espíritos. A projeção seria um caminho para o conhecimento, pois a visão de mundo que o primitivo construiu seria o resultado de sua percepção interna colocada fora. A psicologia, a teoria dos espíritos, como um sistema bastante elaborado de formações projetivas.

Segundo Freud, haveria uma correspondência entre as fases do desenvolvimento da visão humana do universo e as fases do desenvolvimento libidinal do ser humano. A fase animista teria relação com o narcisismo, tanto cronologicamente como em seu conteúdo; a fase religiosa, cuja característica é a ligação com os pais, corresponderia à fase da escolha de objeto; e a fase científica, cujo ápice está na maturidade, teria como primordial o princípio de realidade, a renúncia ao princípio do prazer e a busca no mundo externo do objeto do desejo. Somente a arte poderia oferecer ao homem a possibilidade de, onipotentemente, realizar seus desejos sem restrições. Entretanto, a arte no passado teria também servido as pulsões, bem como, deve ter tido intuítos mágicos.

Florence (1978) afirmou que poder-se-ia encontrar um paralelo entre a projeção e a identificação na prática mágica e na teoria animista. São duas maneiras de marcar o dentro e o fora, de recusar a divisão. A identificação pode ser vista como a via da incorporação do objeto, feita primariamente de forma oral - autotransformação, enquanto que a projeção seria vista pela ordem da expropriação, de uma exportação do desejo, atribuí-lo ao outro. Projeção e identificação constituem os caminhos pelo qual pode-se lidar com o objeto ambivalente, renúncia e conservação, expulsão e apropriação. O procedimento mágico, o sintoma neurótico e o jogo infantil tomam o lugar da atividade sexual. O pensamento inconsciente é o espaço do *como se*, a mímica da satisfação, o campo privilegiado da identificação mágica lúdica - neurótica. É este pensamento inconsciente que produz sem obstáculos todas as equivalências, todas as substituições possíveis. A identificação mágica representa a conservação do objeto do desejo, sua assimilação, e a projeção representaria a renúncia ao desejo, seu repúdio. Por duas vias diferentes o desejo se mascara e se metamorfosea.

Ao final desse terceiro ensaio, Freud utiliza a concepção de sistema, aludindo que o animismo é um sistema de pensamento e a primeira teoria completa do universo, para apresentar algumas conclusões. Tomando como exemplo a experiência do sonho, dirá que o sistema anímico responde às exigências do princípio do prazer e do princípio de realidade, passando posteriormente ao exame da superstição e à conclusão de que os primitivos teriam uma vida psíquica superior ao que pensavam os etnólogos da época. Da mesma forma, a criança teria uma vida interior bem mais complexa do que pensavam os estudiosos daquele tempo. Nesta seqüência chama Mezan (1985) atenção para o que considerou o grande ausente desse ensaio, que é a questão da sublimação, já que como se verá, Freud irá mais adiante associá-la a questão da identificação.

*A grande ausente deste terceiro ensaio é a categoria da sublimação, anunciada no entanto pela caracterização do sentimento social como fruto da ligação das pulsões de auto conservação e das pulsões sexuais. É por assim dizer no avesso do texto, com a invocação implícita do princípio de realidade, ao discutir a questão dos sistemas, que poderemos ler a presença da sublimação; mas resta o fato de que, na articulação do raciocínio, ela não desempenha papel algum (p. 337).*

No último ensaio, *O Retorno Infantil ao Totemismo*, Freud tenta organizar as idéias espalhadas nos ensaios precedentes. A origem do totemismo e a exogamia, a ambivalência e o surgimento dos tabus e a questão da projeção e suas conseqüências, a religião e a instituição social. O suporte fundamental do totemismo é a identificação ao totem, onde percebe-se uma ligação singular do desejo à realidade pela interferência do laço social. A realidade da morte de um ente querido exige do psiquismo uma maior elaboração do que a que poderia ser dada pelo recurso mágico. No exame de algumas teorias psicológicas a referência a este aspecto já surgia:

*Um homem recusar-se-ia a comer esse animal ou planta porque assim proceder equivaleria a comer a si próprio. Teria contudo uma razão para ocasionalmente partilhar de seu totem de forma cerimonial, porque, desse modo, poderia fortalecer sua identificação com o totem, que constitui a essência do totemismo (p. 144).*

A identificação surgiu como a essência do totemismo, sistema religioso e social onde de forma solidária todos passam a respeitar as leis que proíbem o canibalismo e o incesto. A interdição ao canibalismo visa organizar a vida do clã em sua relação com o totem. Criam-se uma série de equivalências simbólicas, formando um sistema que proíbe muitas vezes nomear, comer, tocar etc... A proibição do canibalismo é que vai permitir ao indivíduo identificar-se aos



antepassados criando assim uma genealogia. Como afirmou Freud, a lei só proíbe o homem de fazer aquilo que no fundo ele deseja, o que a própria natureza já pune não há necessidade de ser proibido. A lei contra o incesto faz parte da organização social, com vistas a regulamentar os casamentos e possibilitando assim a manutenção do clã pela permanente possibilidade da entrada de novos membros.

O exame das questões das fobias a animais nas crianças vai trazer à baila a problemática da identificação, correlacionando o medo ao amor ou admiração, pois a fobia é sempre de animais que a criança tem um particular interesse. A conclusão freudiana era que, nos meninos a fobia em causa estava relacionada com o pai, e que simplesmente o medo havia sido deslocado para o animal. Os estudos do caso Hans, bem como, do pequeno Árpád de Ferenczy, trouxeram contribuições importantes na medida em que deixaram à mostra nesses casos a questão da identificação associada ao temor da castração.

*É verdade que no caso do pequeno Árpád, seus interesses totêmicos não surgiram em relação direta com o complexo de Édipo, e sim baseados em sua pré-condição narcisista, o temor da castração. Mas também qualquer leitor atento da história do pequeno Hans encontrará provas abundantes de que ele também admirava o pai possuir um pênis grande e temia-o por ameaçar o seu (p. 157).*

Freud dirá ainda que o papel desempenhado pelo pai é o mesmo, tanto no complexo de Édipo, quanto no complexo de castração, que, em ambos, é visto como um terrível inimigo dos desejos incestuosos infantis - cuja pena é a castração ou na referência à tragédia grega, a cegueira. O totemismo, então, estaria apoiado na idéia de que o pai é o animal totêmico, e que as duas interdições, não matar o totem e não ter relações sexuais com os parentes, são os dois crimes de Édipo, dois desejos arcaicos das crianças, cuja repressão insuficiente ou redespertar formam, talvez, o núcleo de todas as neuroses.

A análise do animismo e do totemismo representa a elaboração psíquica da morte, que vai permitir articular teoricamente a problemática da identificação. A celebração da morte cruel do animal totêmico, através de um banquete no qual os membros do clã estão vestidos da pele do animal, imitam seus movimentos e sons e o pranteiam ao final, representa a forma de enfatizar os laços identificatórios dos membros do grupo com o animal totem. O laço social, a comunidade do clã, nasce da morte do totem e da ingestão de sua força através da sua carne e sangue, reforçando sua identificação a ele e entre eles. Entretanto, Freud mostrou que a psicanálise apresenta o animal totêmico como o substituto do pai, fazendo surgir dessa aparente contradição a atitude emocional ambivalente, marca registrada do ser humano. O pai morto é pranteado pelos próprios assassinos, denotando assim, através dessa prática, a



ambivalência que até hoje caracteriza o complexo parental em nossos filhos. Freud irá propor em seguida, uma correlação entre o totemismo e a horda primeva de Darwin.

*Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. Unidos tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente. (Algum avanço cultural, talvez o domínio de uma nova arma, proporcionou-lhes um senso de força superior). Selvagens canibais como eram, não é preciso dizer que não apenas matavam, mas também devoravam a vítima. O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião (p. 170).*

A elaboração da morte é sempre a elaboração da morte de um outro, fantasiada ou realizada. O morto após a morte está mais vivo que nunca, mais forte e mais temido. Os rituais de sacrifício e luto tem por finalidade negar, apagar, esquecer o triunfo do desejo de morte. Uma vez suprimido o obstáculo que impedia o acesso as mulheres do clã, elas mais interditas que nunca. Uma vez retirado o tirano, o protetor, o lugar não fica vago, toda a relação com ele recomeça fazendo com que essa revivescência do encontro com o pai morto criasse a religião. Esta irá compulsivamente repetir o ritual do banquete numa tentativa de se reconciliar com o pai morto.

*Odiavam o pai, que representava um obstáculo tão formidável ao seu anseio de poder e aos desejos sexuais; mas amava-no e admiravam-no também. Após terem-se livrado dele, satisfeito o ódio e posto em prática os desejos de identificarem-se com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalcada estava fadada a fazer-se sentir e assim o fez sob a forma de remorso. Um sentimento de culpa surgiu, o qual, nesse caso, coincidia com o remorso sentido por todo o grupo. O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo (p. 171).*

Pode-se perceber com clareza o funcionamento da situação edípica, tanto na situação do clã, como na formação psíquica das crianças. Após a morte do pai, a vertente amorosa da ambivalência ganha corpo, fazendo com que surja um sentimento de ser igual ao pai admirado, de ser tão forte como ele, identificar-se com ele, enquanto a vertente hostil da ambivalência transforma-se em culpa e conseqüentemente submissão, numa tentativa de

disfarçar o ato criminoso. A religião totêmica surgiu da culpa dos filhos frente ao pai, num esforço para mitigar essa mesma culpa e apaziguar o pai através da eterna reverência e submetimento. A identificação é a forma que vai usar o homem para manter sua relação com o objeto perdido, como uma forma de resolver o conflito proveniente do sentimento ambivalente em relação ao pai. Freud acrescenta, o tema da vitória dos impulsos parricidas, pois os sentimentos fraternais foram a forma da evitação da possibilidade de algum membro do grupo ter o mesmo destino do pai. A proibição, baseada na religião, de matar o totem juntou-se a proibição do fratricídio.

*A sociedade estava agora baseada na cumplicidade do crime comum; a religião baseava-se no sentimento de culpa e no remorso a ele ligado; enquanto que a moralidade fundamentava-se parte nas exigências dessa sociedade e parte na penitência exigida pelo sentimento de culpa (pp. 174-5).*

Freud indaga-se ainda acerca da entrada de Deus e a santificação do clã. A entrada de Deus controlando toda a vida religiosa, obrigando a refeição totêmica a englobar este novo elemento.

*O que é novo é a divindade do clã, em cuja suposta presença o sacrifício é executado, que participa da refeição como se fosse um membro do clã e com quem aqueles que consomem se tornam identificados (p. 175).*

O Deus de cada ser humano será, na verdade, estabelecido à semelhança do pai. Deus nada mais é do que um pai idealizado e glorificado. A relação com Ele será determinada pelo modelo de relação que se tem com o próprio pai. A idéia de Deus importa numa duplicidade de presença: uma como o próprio Deus, outra como animal totêmico vitimizado. Duas representações do pai, sendo que, como animal totêmico representa sua forma mais arcaica, ao passo que na forma divinizada retoma sua aparência humana. Esta criação, derivada da saudade do pai morto, base de todo sistema religioso, possivelmente é decorrência de uma mudança de atitude do homem para com o pai e para com os animais. A elevação à condição divina de um pai morto, constituiu uma tentativa de reparação maior que no antigo pacto com o totem. Na condição de Deus, pai idealizado, as possibilidades identificatórias eram ainda maiores e extremamente desejáveis. O ideal de bondade divina é algo a ser copiado e vivido. No mito cristão pode-se ver com clareza a expiação do ato culposo através da morte do filho e da renúncia às mulheres (motivação da rebelião). O ato pelo qual o filho expiava o crime era o mesmo que realizava

contra o pai, já que este tornava-se ao mesmo tempo Deus, ou seja ocupava o lugar do pai. A religião do filho deslocava a religião do pai.

*Como sinal dessa substituição, a mais antiga refeição totêmica era revivida sob a forma da comunhão, em que a associação de irmãos consumia a carne e o sangue do filho - não mais do pai - obtinha santidade por esse meio e identificava-se com ele (p. 183).*

Ao final deste último ensaio Freud retorna ao herói trágico, do qual Édipo é o seu mais legítimo representante. O coro e o herói personificam a tragédia em que este deve sofrer, quase sempre de uma culpa trágica, que em última instância é a rebelião contra o pai primevo, herói da grande tragédia.

*Na tragédia grega, o tema especial da representação eram os sofrimentos do bode divino, Dionísio, e a lamentação dos bodes seus seguidores, que se identificavam com ele. Assim sendo é fácil compreender como o drama, que tinha se extinguido, voltou a brilhar com nova vida na Idade Média, em torno da Paixão de Cristo (p. 185).*

Seguindo as concepções de Florence (1978), a identificação totêmica equivaleria à identificação heróica, mais eficaz que a identificação mágica. É nessa mesma linha que ele diz que o herói é o duplo, o duplo do coro, representante do grupo de irmãos rebeldes e criminosos. A identificação permitiria deslocar o desejo no herói como portador do ideal, que é a insígnia do exemplo desejado.

*Totem e Tabu* é um estudo psicanalítico do mito do pai, inverificável, entretanto, contém a história singular de cada um, onde a identificação surge de forma inequívoca.

## XII - A SOMBRA DO OBJETO CAI SOBRE O EGO

Luto e Melancolia (1915-17).

Este texto foi finalizado em maio de 1915 e publicado dois anos depois. Teve o primeiro rascunho apreciado por Abraham, cuja principal contribuição foi a percepção do elo existente entre a melancolia e a fase oral. É um trabalho que pode ser considerado como um prosseguimento do texto sobre o narcisismo de 1914. Foram os conceitos de narcisismo e de ideal do ego, que fizeram com que Freud pudesse retomar ao tema da melancolia tratada no *Rascunho N*, de 31 de maio de 1897. A questão do agente crítico vai ser desenvolvida no capítulo XII da *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921), bem como, desembocará na noção de superego em *O Ego e o Id* (1923). O importante aspecto a ser destacado é a identificação como responsável pela formação do ego.

Freud vai se utilizar do processo normal do luto para tentar, por comparação, deslindar o enigma da melancolia, comparação esta que procurou estabelecer anteriormente entre os sonhos e as perturbações mentais narcisistas. Para decifrar o enigma, recorreu ao processo identificatório.

*O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas, as mesmas influencias produzem melancolia em vez de luto; por conseguinte, suspeitamos que essas pessoas possuem uma disposição patológica (p. 275).*

Ao perder um objeto amoroso uma pessoa normalmente terá uma reação de luto, monopolizando o pensamento do enlutado apenas por um lapso de tempo, após o qual a vida segue. Se, entretanto, há uma predisposição mórbida é possível o aparecimento de um quadro melancólico. Tanto a reação de luto, quanto a reação melancólica têm traços em comum: um desânimo muito doloroso, o desinteresse pelo mundo exterior, a perda da capacidade de amar e a conseqüente impossibilidade de investir num novo objeto. Todo o pensamento se concentra em torno do desaparecido. Há, entretanto, um outro traço que só é percebido na melancolia e torna-se sua marca distintiva - a perturbação da auto-estima através de recriminações, ataques e punições a si próprio.

Quando enlutada, uma pessoa tem sempre uma sensação profundamente dolorosa, o trabalho realizado pelo luto é comandado pela prova de realidade, o objeto não está mais ao seu lado, exigindo assim, uma retirada da libido colocada nesse objeto. Contra essa exigência

surge uma rebelião, até certo ponto compreensível, pois não é voluntariamente que alguém abandona uma posição libidinal, mesmo que haja um possível substituto. Esta revolta provoca uma renúncia da realidade e a manutenção do objeto através de uma psicose alucinatória carregada de desejo. A realidade, entretanto, impõe-se. Todavia, suas ordens não são imediatamente executadas, é pouco a pouco que o objeto vai deixando de ser inflacionado. Há um penoso trabalho de desligamento da libido investida no objeto, que tem que ser feito em relação às lembranças, às expectativas, enfim, a toda uma constelação de situações que podem evocar o objeto perdido.

A melancolia segue a linha geral do luto, entretanto, apresenta algumas particularidades. Há, evidentemente, uma perda que pode ser de um objeto amado, entretanto ela aparece de uma forma por vezes confusa, tanto para o observador, como para o próprio melancólico. Freud apresentou a diferenciação entre o luto e a melancolia como segue:

*... não podemos, porém, ver claramente o que foi perdido, sendo de todo razoável supor que também o paciente não pode conscientemente perceber o que perdeu. Isso, realmente, talvez ocorra dessa forma, mesmo que o paciente esteja cômico da perda que deu origem a sua melancolia, mas apenas no sentido de que sabe "quem" ele perdeu, mas não "o que" perdeu nesse alguém (pp. 277-8).*

Concluiu então, que na melancolia a perda do objeto se situaria de forma inconsciente, diferentemente do que acontece na situação de luto, onde a perda é perfeitamente situada na consciência. O trabalho do luto é claramente perceptível, enquanto que o da melancolia é enigmático - o próprio melancólico não tem acesso ao que absorve tão completamente o seu ego.

*No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego (p. 278).*

O paciente apresenta-se com um ego desprezível, desvalorizado, merecedor de castigos e punições. Mantém um insistente discurso - *fala com todo mundo* - e através de um delírio de inferioridade se satisfaz da forma mais despudorada, num pretense desmascaramento de si próprio. Junta-se a isto um quadro de insônia e anorexia. É de todo infrutífero tentar contradizê-lo, pois sente-se realmente de acordo com o seu discurso auto-flagelativo. O melancólico não se comporta como quem tem consciência de suas limitações e que em virtude delas estaria abatido. Ele se exhibe diante dos outros com lamentações e auto reprovações, numa postura de quem perdeu o auto respeito e sem se envergonhar de fazê-lo.

*A analogia com o luto nos levou a concluir que ele sofrera uma perda relativa a um objeto; o que o paciente nos diz aponta para uma perda relativa a seu ego (p. 280).*

Nesta parte do texto Freud insere a questão do agente crítico, ou seja, que no melancólico uma parte do ego se colocava contra a outra. Uma parte do ego separa-se da outra e a julga criticamente, tomando-a como se fosse um objeto seu. Esse agente crítico, juntamente com a censura da consciência e o teste de realidade<sup>(1)</sup> serão apresentados como as principais instituições do ego. Se, como diz Freud, fizermos uma escuta atenta das auto-reprovações que faz o melancólico, é possível perceber que, salvo pequenas modificações, este discurso é endereçado a outra pessoa, provavelmente alguém com quem ele está ou esteve envolvido afetivamente. Por isso, ele não tem a menor vergonha em se auto-acusar publicamente, as acusações não são contra ele, são dirigidas a outrem, apenas foram deslocadas desse outro, para o próprio ego do melancólico.

O processo da sintomatologia do paciente melancólico foi apresentado como um processo no qual, quando da perda de um objeto amoroso, a libido não se retira do objeto perdido, para com o tempo, investir num outro objeto.

*A catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o ego. Ali contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma identificação do ego com o objeto abandonado. Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pode, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto abandonado. Dessa forma, uma perda objetal se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação (p. 281).*

O enigma da melancolia foi então elucidado através da identificação do eu ao objeto, um investimento com pouco poder de resistência, mas que faz retornar sobre o eu, manifestando sua natureza narcísica. Esta regressão traz à baila a questão de 1914, no texto sobre *O Narcisismo*, a respeito das duas escolhas de objeto, anaclítica ou narcísica. Uma operação narcísica é estabelecida, ou seja, a relação com o objeto não pode ser abandonada. O processo melancólico fica condicionado a duas condições básicas: uma forte fixação ao objeto amoroso e a pouca resistência do investimento, em virtude da escolha ter sido feita numa base narcísica. O processo identificatório é um processo pelo qual o objeto é conservado de forma inconsciente no ego, a relação com o objeto é mantida por meio de uma modificação de uma parte do ego. O melancólico apresenta-se sempre muito dependente do seu objeto. Essa

---

<sup>(1)</sup> Freud, em *O Ego e o Id* (1923a), fará uma correção dizendo que, o teste de realidade fica a cargo do ego e não do superego.

dependência inconsciente produz revolta e abatimento. Devido a escolha de objeto ser do tipo narcísica pode-se dizer que o objeto desde o início nada mais é do que um duplo do ego, bem como não tem o melancólico a informação sobre aquilo que o moveu a tal escolha amorosa.

*... a escolha objetal é efetuada numa base narcisista, de modo que a catexia objetal, ao se defrontar com obstáculos pode retroceder ao narcisismo. A identificação narcisista com o objeto se torna, então, um substituto da catexia erótica, e, em consequência, apesar do conflito com a pessoa amada, não é preciso renunciar à relação amorosa. Essa substituição da identificação pelo amor objetal constitui importante mecanismo das afecções narcisistas (p. 282).*

Este é o momento em que Freud introduz o conceito de identificação narcisista, produzindo um remanejamento teórico, já que, até este momento, havia abordado teoricamente apenas a identificação histórica. A identificação narcisista com o objeto, torna-se o substituto do investimento amoroso. Retoma ainda, a questão colocada nos *Três Ensaio*s, a respeito da identificação primária:

*Mostramos em outro ponto que a identificação é uma etapa preliminar da escolha objetal, que é a primeira forma - e uma forma expressa de maneira ambivalente - pelo qual o ego escolhe um objeto. O ego deseja incorporar a si esse objeto, e, em conformidade com a fase oral ou canibalista do desenvolvimento libidinal em que se acha, deseja fazer isso devorando-o (p. 282).<sup>(2)</sup>*

Em 31 de maio de 1897, em carta dirigida à Fliess, no *Rascunho N*, Freud já havia percebido a conexão entre a melancolia e a identificação, numa referência a compaixão pelos pais.

*Nessas ocasiões, constitui manifestação de luto recriminar-se pela morte deles (a chamada melancolia) ou punir-se histericamente, por meio da idéia de retaliação, com os mesmos estados de doença que eles tiveram. A identificação que ocorre nessas circunstâncias, como se vê, não é nada além de um modo de pensar que eles tiveram e não torna desnecessária a busca do motivo (Masson, 1985, p. 251).*

---

<sup>(2)</sup> Abraham, numa carta de 1915, dirigida a Freud, defendeu o ponto de vista de que o melancólico recusava o alimento em virtude da incorporação do objeto.



Também por volta dessa época, 1897, já havia percebido que a identificação tanto poderia aplicar-se a histeria quanto à melancolia, porém, só dezoito anos depois, pode apresentar uma diferenciação entre os dois processos.

*Se pudéssemos presumir um acordo entre os resultados da observação e o que inferimos, não hesitaríamos em incluir em nossa caracterização da melancolia essa regressão da catexia objetal para a fase oral ainda narcisista da libido. Também nas neuroses de transferência as identificações com o objeto de modo algum são raras; na realidade, constituem um conhecido mecanismo de formação de sintomas, especialmente na histeria. Contudo, a diferença entre identificação narcisista e a histérica pode residir no seguinte: ao passo que na primeira a catexia objetal é abandonada, na segunda persiste e manifesta sua influência, embora isso em geral esteja confinado a certas ações e inervações isoladas. Seja como for, também nas neuroses de transferência a identificação é a expressão da existência de algo em comum, que pode significar amor. A identificação narcisista é a mais antiga das duas e prepara o caminho para uma compreensão da identificação histérica, que tem sido estudada menos profundamente (p. 283).*

Examinando a obra de Florence (1978), pode-se notar que este propõe uma divisão na qual a identificação histérica consistiria na preservação e conservação do ego, enquanto a identificação narcisista consistiria na preservação e conservação do objeto. Na histeria, a relação com o objeto se mantém, mas seria uma relação interdita, e só o sonho e o sintoma apresentariam o traço das pretensões inconscientes da histérica. A identificação histérica não altera radicalmente o ego, exteriormente fascinado, ela o protege da angústia frente ao aparecimento do desejo. Já a identificação melancólica, narcisista, apresenta o ego devorado pelo objeto, um objeto que o modifica, e que ele próprio não reconhece como tal.

*... ele se impõe uma clivagem dolorosa, a instalação de um tribunal interiorizado com o veredicto da imperdoável culpabilidade do eu (p. 145).*

Segundo Florence, Freud afirmava que a identificação narcisista era mais profundamente estudada, em virtude de que nela estava englobada, a teoria da escolha de objeto, a postulação de um estado originário de narcisismo primário ou seja de uma identificação como estado preliminar da escolha de objeto na fase oral canibalista da libido. Se a identificação é o estado preliminar da escolha de objeto, ou como afirmou Freud, seu protótipo, se ela é a primeira forma, ambivalente, da escolha de um objeto, onde o ego escolhe seu objeto, ela é a obra do narcisismo, pois é um ego que elege seu objeto, e isto é feito numa



equivalência entre amar e devorar. O devoramento é a forma que o ego usa para incorporar o objeto, colocá-lo para dentro, introduzi-lo.

Há entretanto, para Freud, uma outra característica que vem juntar-se ao tipo de escolha narcisista de objeto e a sua regressão ao narcisismo, é a ambivalência, presente em todas as relações amorosas. Essa ambivalência de sentimentos tem uma oportunidade impar de apresentar-se quando da perda de um objeto amoroso. Uma reação patológica a essa perda ressalta, de imediato, o caráter ambivalente da relação, criando situações obsessivas de auto-recriminações pela perda do outro. É a ambivalência que pode explicar essas auto-acusações, pois o enlutado é culpado porque, em parte, desejou essa perda. O luto patológico, principalmente do obsessivo, torna-se marcado pelos ataques e depreciações que imputa a si mesmo, apresenta-se como o único responsável pela perda, pois em virtude da divisão ego/objeto que permanece no sistema inconsciente, não se dá conta que está totalmente identificado com o objeto.

*Se o amor pelo objeto - um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja - se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento (Freud, p. 284)*

Tanto na melancolia, neurose narcisista, como na neurose obsessiva, a autotortura traz satisfação em virtude das tendências do sadismo e do ódio relacionadas ao objeto e que se voltam contra o eu. Nas duas afeções há ainda um ganho adicional, pois as autopunições são a forma de vingar-se do outro que, como disse Freud, é alguém que se encontra de alguma forma por perto. Vê-se então os dois cominhos tomados pelo investimento amoroso feito pelo melancólico:

*... parte dela retrocedeu à identificação, mas outra parte sob a influência do conflito devido à "ambivalência", foi levada de volta à etapa de sadismo que se acha mais próxima do conflito (p. 284).*

O sadismo veio elucidar a questão dos processos suicidários. A hostilidade que é dirigida ao objeto volta-se contra o próprio indivíduo, numa evidente confusão entre ele e o objeto. Esta é, na verdade, a forma original de reação do ego para com os objetos do mundo externo. Os impulsos suicidas nada mais são do que impulsos assassinos contra o outro. O suicida trata a si mesmo como gostaria de tratar o objeto de seu amor ambivalente e, como cena final da tragédia, temos a destruição do ego pela identificação, sempre inconsciente, ao objeto.

Freud ao final do trabalho traz outras questões a respeito da modificação da melancolia em mania, alegando que o fator propiciador seria a regressão da libido ao ego (que juntamente com a perda do objeto e a ambivalência seriam as pré-condições para a melancolia), pois os investimentos feitos no objeto, após certo tempo, encontram-se livres, tornando a mania possível. Em virtude do conflito dentro do ego, os contrainvestimentos devem ser proporcionais aos investimentos feitos para a manutenção do objeto. Quando esse estado doloroso passa, é possível que um estado maníaco apareça, entretanto, seria necessário adiar a conclusão do problema da mania.

Retomando a identificação por incorporação, onde o ego de forma ambivalente escolhe um objeto e amando-o, devora-o, nota-se que essa identificação canibal, relativa a fase oral, é uma identificação narcisista. O ego, por desejar o objeto, tenta incorporá-lo fazendo regredir o investimento libidinoso do objeto ao ego, ou ao narcisismo. Daí resulta também a denominação de identificação regressiva, não só para essa primeira identificação, mas para qualquer outra em que haja uma regressão da libido objetal em libido do ego. Se a identificação canibal é a primeira forma de amar um objeto, podemos dizer que amor e identificação são coincidentes, o narcisismo então seria a forma de relação do ego com ele mesmo, enquanto objeto canibalizado.

Neste texto fica claro que Freud apresentou as noções de ego e objeto como indissociáveis, partes de um mesmo conjunto. Da mesma forma que o processo identificatório não pode ser dissociado do desenvolvimento do ego e do investimento objetal. Podemos finalizar afirmando que, o problema da identificação não está mais restrito ao processo de formação de sintomas, mas suscita questões sobre a origem e o desenvolvimento do ego.

### XIII - OS LAÇOS DO AMOR

#### Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1921).

Este texto teve sua redação final feita em 1921, o trabalho anterior *Além do Princípio do Prazer* (1920), marcou uma ruptura no sistema metapsicológico, todavia, não se liga diretamente a este, mas é uma continuação das idéias desenvolvidas em *Totem e Tabu* (1912-13), *O Narcisismo, Uma Introdução* (1914), e *Luto e Melancolia* (1915-17). Dos assuntos abordados, o grupo e o ego, este último terá seu desenvolvimento apoiado nas concepções articuladas em *Além do Princípio do Prazer*, bem como terá prosseguimento com a elaboração final em *O Ego e o Id* (1923a).

No presente trabalho, pela primeira vez Freud aborda, de forma sistemática, o problema da identificação, situando-o em relação a teoria da libido. O capítulo VII foi uma tentativa de síntese, baseada numa recapitulação do que, até aquele momento, havia apresentado sobre o assunto. Encontram-se apresentadas as mesmas questões veiculadas no texto sobre o narcisismo, ou sejam, o amor e suas perversões, os destinos normais e patológicos do narcisismo e a origem e a função do ideal.

Na introdução, Freud apresenta como uma dificuldade substancial a divisão que a psicologia pretendia fazer entre o individual e o coletivo. A psicologia individual é também psicologia social, os fenômenos sociais em nada diferem dos fenômenos familiares. Haveria, na verdade, em sua concepção sobre o assunto, uma prevalência do encontro, a noção de indivíduo ou a noção de grupo perdem seu interesse, na medida em que a psicanálise está interessada no conjunto dos encontros pulsionais que ligam umas pessoas as outras. Não se poderia conceber uma pulsão social, gregária, ou uma mente coletiva, na medida que estes fenômenos são facilmente encontrados no seio das famílias.

*Nossa expectativa dirige-se para duas outras possibilidades: que o instinto social talvez não seja um instinto primitivo, insuscetível de dissociação, e que seja possível descobrir os primórdios de sua evolução num círculo mais estreito, tal como a família (p. 92).*

Freud, em seu percurso, examina as postulações apresentadas por Le Bon, McDougall, Tarde e Trotter, os quais referem-se à contágio mental, sugestão, sugestionabilidade, instinto gregário, inconsciente racial, etc..., numa tentativa de explicar o fenômeno grupal. Discordando destes eminentes psicólogos sociais, trouxe à baila a teoria da libido, que como já havia afirmado, tinha trazido boas contribuições ao estudo das

psiconeuroses, e possivelmente poderia lançar luz sobre a psicologia das massas. É a teoria da libido que, com a questão do amor, vai trazer a possibilidade de se conseguir explicar, o que os psicólogos sociais descreveram. A metamorfose do ser humano quando inserido num grupo, com comportamentos bastante diversos de quando só, foi admiravelmente descrita, entretanto, não puderam perceber que esta metamorfose, nada mais era do que a evidência do fenômeno amoroso. Fenômeno este, que aproxima o comportamento individual ao coletivo através dos laços libidinais.

*Tentaremos nossa sorte, então, com a suposição de que as relações amorosas (ou, para empregar expressão mais neutra, os laços emocionais) constituem também a essência da mente grupal. (...) Em primeira instância nossa hipótese encontra apoio em duas reflexões de rotina. Primeiro, a de que um grupo é claramente mantido unido por um poder de alguma espécie; e a que poder poderia essa façanha ser mais bem atribuída do que a Eros, que mantém unido tudo o que existe no mundo? Segundo, a de que, se um indivíduo abandona a sua distintividade num grupo e permite que seus outros membros o influenciem por sugestão, isso nos dá a impressão de que o faz por sentir necessidade de estar em harmonia com eles, de maneira que, afinal de contas, talvez o faça "ihnen zu Liebe" (p. 117-8).*

Percebe-se a clara referência que fez Freud à segunda teoria das pulsões ao enfatizar Eros como algo que mantém tudo unido. Esta pulsão de ligação traz à cena o problema da economia libidinal, tendo como lugar da troca, o indivíduo.

Seguindo em sua teorização, Freud sugeriu o exame de dois grupos, aos quais quase nenhuma atenção fora dada pelos comentaristas da época. Os grupos estudados, altamente organizados, permanentes e artificiais, foram o Exército e a Igreja. Forças externas são empregadas para evitar sua dissolução e qualquer tentativa de abandoná-lo ou contestá-lo é seguida de severa punição. Os aspectos dissimulados nos grupos de Le Bon, aparecem aí de forma clara, o que deu margem a um exame mais acurado do problema, pois, tanto no Exército, como na Igreja, a estrutura libidinal é a mesma. Há, como disse Freud, uma ilusão de que existe uma cabeça, ou seja, em um grupo Cristo, e no outro o comandante-chefe, que amam com um amor igual cada indivíduo do grupo. Todo este conjunto vai depender dessa ilusão organizadora, sem ela esse tipo de grupo não sobreviveria.

*Não há dúvida de que o laço que une cada indivíduo a Cristo é também a causa do laço que une uns aos outros. A mesma coisa se aplica a um exército. O comandante-chefe é um pai que ama todos os soldados igualmente e, por essa razão, eles são chamados de camaradas entre si (p. 120).*

Freud afirmou que o que mantém um indivíduo num grupo são os laços libidinais que nele se criam. A partir daí pode compreender o fenômeno do pânico, como o desaparecimento desses laços, cuja conseqüência é a desintegração do grupo. Na situação de pânico o indivíduo só pensa em si próprio, o que caracteriza que os laços emocionais se romperam, ocasionando uma quebra da estrutura libidinal do grupo. O perigo só pode ser enfrentado se cada um sentir-se apoiado pelos companheiros. Na verdade é o afrouxamento das relações afetivas o responsável pelo pânico no grupo e não o contrário.

A questão dos grupos torna-se mais clara a medida em que Freud avança em suas considerações. Os dois grupos artificiais até então estudados fizeram perceber que, o que os mantinham unidos era a dominância de dois tipos de laços emocionais, com o líder e com os companheiros de grupo, sendo que o laço com o líder era o mais importante dos dois. Um grupo, na verdade, caracteriza-se pela existência dos vínculos afetivos entre seus membros. Sendo essa vinculação libidinal a prova da existência do grupo. A passagem da *serialidade à fusão* (Sartre 1963), pressupõe que foram estabelecidas relações afetivas entre os participantes. A entrada do afeto caracteriza a existência do grupo.

*... uma simples reunião de pessoas não constitui um grupo enquanto esses laços não se estiverem estabelecido nele; teremos, porém, de admitir que em qualquer reunião de pessoas a tendência a formar um grupo psicológico pode muito facilmente vir a tona (p. 127).*

Entretanto, a convivência humana comumente apresenta intolerâncias e todo o tipo de dificuldades, o que faz as diferenças individuais aparecerem de forma freqüente. Aversão e hostilidade são a base das relações íntimas e não aparecem diretamente aos olhos do observador em virtude apenas da repressão. O círculo familiar é um lugar privilegiado para esse tipo de ocorrências. Freud apresentou a *teoria dos porcos-espinhos*, retirado do texto de Shopenhauer, onde no inverno os porcos-espinhos para se aquecerem tem que encontrar a exata distância para não congelar, se muito afastados, e para não espetar, se muito próximos. Assim estaria também o ser humano, tentando encontrar a justa medida da convivência com o outro - muito perto, sem liberdade, sufocado, ou muito longe, rejeitado. Freud perguntou-se por que, quando da formação de um grupo a totalidade dessa intolerância se desvanece? O que motivaria o homem a abrir mão de uma posição narcisista? A resposta é o amor, por amor o homem abre mão do narcisismo.

*O amor por si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros, o amor por objetos (p. 130).*

A psicanálise mostrou que a libido se liga à satisfação das necessidades fundamentais, e no seu desenvolvimento libidinal o homem faz seus primeiros investimentos amorosos nas

peças que tomam parte neste processo inicial. De forma semelhante, no desenvolvimento da coletividade humana, só *o amor atua como fator civilizador* (p. 130), fazendo com que o homem possa abandonar sua posição narcisista, passando de egoísta para altruísta. Este amor narcisista será posto à prova frente aos novos laços libidinais, que emergirão quando do aparecimento do grupo. Freud, todavia, quis saber de qual natureza, seriam esses laços libidinais que surgem quando se forma um grupo? Em estudos anteriores ele havia apresentado o investimento libidinal como resultante das pulsões amorosas que tinham um objetivo diretamente sexual. Num grupo, então percebeu, que havia um desvio da pulsão de seu objetivo sexual, ocorrência devida à um estado de enamoramento. Contudo, este estado de estar amando, comporta certa restrição ao ego, mas foi através da observação desse estado, que pode compreender os laços existentes no grupo. Seria, entretanto, este tipo de investimento o único tipo de laço afetivo possível? A resposta de Freud introduz a questão da *identificação*.

*Na verdade, aprendemos da psicanálise que existem realmente outros mecanismos para os laços emocionais, as chamadas identificações, processos insuficientemente conhecidos e difíceis de descrever, cuja investigação nos manterá afastados, por algum tempo, do tema da psicologia de grupo* (p. 131).

O final da resposta prepara a introdução do mais famoso texto sobre a identificação - o *Capítulo VII*. O assunto, todavia, está em várias outras partes de sua obra como temos visto, apenas aqui, Freud tenta fazer uma recapitulação e ao mesmo tempo uma síntese, sem entretanto, dar o assunto por concluído.

O *Capítulo VII* tem por título - *Identificação*, e é iniciado pela descrição de um tipo de identificação que não foi apoiada em nenhum modelo patológico, bem como um tipo de identificação que, até este momento de sua obra, não tinha sido apresentada como tal, apenas algumas inferências poderiam ser percebidas em textos anteriores.

*A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo. Um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal. Este comportamento nada tem a ver com uma atitude passiva ou feminina em relação ao pai (ou aos indivíduos do sexo masculino em geral); pelo contrário, é tipicamente masculina. Combina-se muito bem com o complexo de Édipo cujo caminho ajuda a preparar* (p. 133).



Pode-se dizer que é uma introdução curiosa, que coloca de início uma questão, ou seja, na história primitiva do complexo de Édipo o menino toma o pai como seu ideal. Ressalta que este tipo de identificação nada tem a ver com atitude passiva ou feminina em relação ao pai, marcando então uma diferença em relação ao tipo de identificação ao pai, encontrada no Homem dos Lobos e no Homem dos Ratos. Esta era a via do recalçamento de uma atitude homossexual passiva em relação ao pai, *ter* o pai e não como pretendia Freud na passagem acima, *ser* o pai. Como seria o pai colocado na posição de ideal, pois assim sendo, esse ideal já estava constituído? Questões que vão suscitar dúvidas agudas a respeito do que ele queria dizer com essa identificação primária. Dando continuidade ao texto temos:

*Ao mesmo tempo que essa identificação com o pai, ou pouco depois, o menino começa a desenvolver uma catexia de objeto verdadeira em relação à mãe, de acordo com o tipo anaclítico de ligação. Apresenta então, portanto, dois laços psicologicamente distintos: uma catexia de objeto sexual e direta para com a mãe e uma identificação com o pai que toma como modelo. Ambos subsistem lado a lado durante certo tempo, sem qualquer influência ou interferência mútua. Em conseqüência do avanço irresistível no sentido de uma unificação da vida mental, eles acabam por reunir-se e o complexo de Édipo normal origina-se de sua confluência (p. 133).*

É necessário tomar essa parte do texto para discussão assinalando que em *O Ego e o Id* (1923a), Freud propôs a correção da frase inicial, *identificação com o pai* para *com os pais*<sup>(1)</sup>, alegando um desconhecimento por parte da criança da diferença sexual. Esta modificação de Freud na verdade em nada serviu para contribuir ao esclarecimento da identificação primária, contrariamente, produz uma nova dúvida, já que retira de cena a referência mítica, uma das possibilidades para a compreensão da passagem freudiana. Percebe-se que se a identificação primária é anterior ao investimento afetivo, é então impossível poder-se falar do pai real, previamente estranho à relação mãe filho, e só aparecendo enquanto for ganhando consistência ante o desejo da mãe. Este pai real só pode ser objeto de uma identificação secundária. Vejamos ainda a continuação apresentada por Freud.

---

<sup>(1)</sup> *Talvez fosse mais seguro dizer com "os pais", pois antes de uma criança ter chegado ao conhecimento definitivo da diferença entre os sexos, a falta de um pênis, ela não faz distinção de valor entre o pai e a mãe. Recentemente deparei-me com o caso de uma jovem casada cuja história demonstrava que, após notar a falta de um pênis nela própria, imaginara que ele estivesse ausente, não em todas as mulheres, mas apenas naquelas a quem encarava como inferiores, e supusera ainda que sua mãe possuía pênis. A fim de simplificar minha apresentação, debati apenas a identificação com o pai (p. 45).*



*O menino nota que o pai se coloca em seu caminho, em relação à mãe. Sua identificação com ele assume então um colorido hostil e se identifica com o desejo de substituí-lo também em relação à mãe. A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo de afastamento de alguém. Comporta-se como um derivado de primeira fase da organização da libido, da fase oral, em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal. O canibal, como sabemos, permaneceu nessa etapa; ele tem afeição devoradora por seus inimigos e só devora as pessoas de quem gosta (pp. 133-4).*

A partir daí a situação se modifica, pois ao que parece, as alusões seguintes são relativas ao pai edípico. Rival na disputa pelo objeto materno, ele se identifica agora no sentido de que *ser o pai é ter a mãe*. A ambivalência, originada na situação mítica do pai da horda primeva, encontra agora ressonância na situação triangular, marcada pela fase oral-canibalista que dá o toque da passagem do mítico ao atual.

Alguns autores não nos ajudam muito, Dor (1989) no texto *O Pai e sua Função em Psicanálise*, não distingue claramente a identificação totêmica do que chamou de identificação por incorporação, bem como o exemplo que utiliza não refere-se a identificação primária. Apesar de podermos dizer que a identificação primária está miticamente relacionada a uma identificação por incorporação, elas não são obrigatoriamente sinônimas. As colocações de Florence (1978) chamam atenção para o fato de que o pai só pode ser devorado de forma metafórica - beber suas palavras, devorá-lo pelo olhar, etc..., não sendo o caso do leite materno, que pode ser considerado como o suporte metonímico da ingestão canibal. Talvez estas questões de Florence possam nos fazer inferir uma dúvida que se instalou em Freud, e que o teria levado a desconsiderar, na modificação feita em *O Ego e o Id* (1923a), a questão mítica. Esta suposição é feita em virtude da alusão a uma passagem clínica<sup>(2)</sup>, o que em referência a identificação primária não se aplica. É no percurso de Freud, o único tipo de identificação que ele mesmo diz não ser demonstrável.

O texto de Freud neste início tem idas e vindas, até porque, como disse, a identificação primária ajudava a preparar o caminho para o complexo de Édipo. Disto resulta por vezes que, ora refere-se a uma, ora a outra, nem sempre de forma muito clara.

*A história subsequente dessa identificação com o pai pode facilmente perder-se de vista. pode acontecer que o complexo de Édipo se inverta e que o pai*

---

<sup>(2)</sup> Ver nota de rodapé (1). Recentemente deparei-me com o caso de uma jovem casada...

*seja tomado como objeto de uma atitude feminina, objeto no qual os instintos diretamente sexuais buscam satisfação; nesse caso, a identificação com o pai torna-se precursora de uma vinculação de objeto com ele. A mesma coisa também se aplica, com as substituições necessárias, a menina (p. 134).*

Freud, nesse momento, falava da identificação canibal, que é uma identificação regressiva, narcisista, já que a ingestão é a forma de trazer o objeto para dentro do ego. Beber o leite, como metonímia de devorar o seio. Nesta passagem ele pretendeu fazer uma alusão ao que chamou de complexo de Édipo invertido, onde no caso do menino, o pai seria mantido como objeto do desejo, não havendo uma regressão a identificação. Como ele dirá em seguida, é uma questão de desejar ser ou desejar ter.

*É fácil enunciar numa fórmula a distinção entre a identificação com o pai e a escolha deste como objeto. No primeiro caso o pai é o que gostaríamos de ser; no segundo, o que gostaríamos de ter, ou seja, a distinção depende de o laço se ligar ao sujeito ou ao objeto do ego. O primeiro tipo de laço, portanto, já é possível antes de qualquer escolha sexual de objeto tenha sido feita. É muito mais difícil fornecer a representação metapsicológica clara da distinção. podemos apenas ver que a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo (p. 134).*

A passagem em que se refere a um laço ao sujeito, ou ao objeto do ego, suscita de início algumas dúvidas. Sujeito aí esta usado no sentido de pessoa, ou como propõe Florence (1978), *na identificação primária, o ideal é então o sujeito do eu (p. 186)?* Claro está que, quando Freud fala que o primeiro tipo de laço existe antes de qualquer escolha de objeto, refere-se à identificação primária, pois como veremos posteriormente, só pode haver identificação deste tipo se houver algum investimento amoroso anterior. A fase oral apresentada nos *Três Ensaio sobre A Sexualidade* (1905), propõe a ingestão de alimento como o protótipo do laço social e da identificação; entretanto, uma identificação anterior, nos remeterá ao mito do pai primevo, fundador da civilização. Florence (1978), chamou à atenção para o fato de que podia-se já perceber a função da formação do ideal, resultante dessa identificação primária, resolutive da agressão e da culpa conseqüente, o processo de luto dos filhos pela perda do pai. Todavia, não são nada mais que *restos e pedaços*, pois fica faltando uma melhor percepção da *função e da gênese do ideal (p. 186).*

Após esta obscura apresentação da identificação primária, Freud pretendeu falar de um segunda forma de aparecimento da identificação, isto é, quando ela aparece na formação de um sintoma neurótico. Vejamos:

*Desemaranhemos a identificação, tal como ocorre na estrutura de um sintoma neurótico, de suas conexões bastantes complicadas. suponhamos que uma menininha (e, no momento nos ateremos a ela) desenvolve o mesmo penoso sintoma que sua mãe, a mesma tosse atormentadora, por exemplo. Isso pode ocorrer de diversas maneiras. a identificação pode provir do complexo de Édipo; nesse caso, significa um desejo hostil, por parte da menina, de tomar o lugar da mãe, e o sintoma expressa seu amor objetal pelo pai, ocasionando realização, sob a influência do sentimento de culpa, de seu desejo de assumir o lugar da mãe: "Você queria ser sua mãe e agora você a é - pelo menos, no que concerne a seus sofrimentos". Esse é o mecanismo completo da estrutura de um sintoma histérico. Ou, por outro lado, o sintoma pode ser o mesmo que o da pessoa que é amada; assim por exemplo, Dora imitava a tosse do pai. Nesse caso, só podemos descrever o estado de coisas dizendo "que a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação" (pp. 134-5).*

Seria talvez o caso de considerar-se este tipo como identificação regressiva ou narcisista de cunho histérico, já que o ego identifica-se com o sintoma histérico do objeto, determinado tanto pelo amor como pelo ódio, pois ambos são investimentos que representam os dois lados de uma mesma moeda. Em textos anteriores foram bem exemplificados, através dos casos de Dora e da *bela açougueira*, quando nos primórdios, a teoria da identificação foi o eixo para a análise conjunta dos sonhos e dos sintomas históricos. Pode-se perguntar, se o que Freud chama de identificação histérica quando dos comentários sobre o sonho da *bela açougueira*, pode ser aqui incluído, pois ele abre sua digressão teórica lá, com a seguinte pergunta: *qual o significado da identificação histérica?* E para interpretar o sonho da açougueira, em que havia uma relação na qual ficava patente um laço libidinal, ou seja, a amizade com a amiga tinha que pressupor algum investimento amoroso, Freud apresenta o exemplo das pacientes na enfermaria de um hospital. Este exemplo será novamente apresentado neste capítulo sobre a identificação, com uma modificação apenas no cenário, que passará a ser um internato de moças, quando então explicará que, *a simpatia só surge da identificação*, não sendo a outra pessoa objeto do desejo sexual. Podemos ainda considerar dois outros fatos, a sexualidade sublimada existente em qualquer relação de amizade, bem como a questão homossexual subjacente à histérica, fatos estes que naquela passagem da *Interpretação dos Sonhos* (1900) não foram considerados por Freud. Podemos então pressupor que o que Freud quis dizer com identificação histérica refere-se a uma identificação ao sintoma histérico como representação do desejo de estar no lugar do outro. Existindo então duas categorias de identificação histérica, uma em que a identificação é posterior ao

investimento de objeto, tendo então o componente regressivo, e outra, em que, sem nenhum investimento amoroso anterior, a percepção de algo comum produz uma identificação, a simpatia é despertada, podendo então surgir um novo laço social. No exemplo dado por Freud a respeito do caso Dora ele é muito claro ao dizer que ela imitava a tosse do pai, por isso a escolha de objeto regrediu para a identificação, situação diferente da paciente do hospital, onde ele diz, *sua simpatia é despertada* (1900, p. 160), ou seja o investimento que não existia é despertado, podendo até dar início a uma relação libidinal. Nota-se que a expressão identificação histórica não foi utilizada em nenhum momento neste capítulo VII<sup>(3)</sup>.

Outra análise a ser feita refere-se a identificação que provém do complexo de Édipo. Neste caso o sintoma penoso da mãe que Dora usa como *traço* identificatório, mostra um tipo de identificação histórica, o desejo de estar no lugar da mãe, junto ao pai, a propriedade em comum é o amor pelo mesmo homem. A identificação ao pai, através da tosse, mostra que, em virtude de seu amor, o ego de Dora assume uma característica do objeto, ou seja, a identificação surgiu em decorrência da escolha de objeto, o objeto regrediu ao ego. Há uma clara diferença entre essas duas identificações, ao pai e a mãe.

Vejamos como Freud prossegue:

*Já aprendemos que a identificação constitui a forma mais primitiva e original do laço emocional; freqüentemente acontece que, sob as condições em que os sintomas são construídos, ou seja onde há repressão e os mecanismos do inconsciente são dominantes, a escolha de objeto retroaja para a identificação: o ego assume as características do objeto. É de notar que, nessas identificações, o ego as vezes copia a pessoa que não é amada e, outras, a que é. Deve também causar-nos estranheza que em ambos os casos a identificação seja parcial e extremamente limitada, tomando emprestado apenas um traço isolado da pessoa que é objeto dela (p. 135).*

A última frase é bastante significativa, pois diz respeito ao *traço* identificatório. Ele lembra que, em ambos os casos de identificação proveniente do complexo de Édipo, há uma modificação de uma parte do ego, segundo *um traço isolado* (p. 135), que servirá de suporte

---

<sup>(3)</sup> Em *Luto e Melancolia* (1915-17), na página 283, Freud apresenta a distinção: ... a diferença entre a identificação narcisista e a histórica pode residir no seguinte: ao passo que na primeira a catexia objetual é abandonada, na segunda persiste e manifesta sua influência. Talvez aqui Freud tenha querido fazer alusão ao laço que se cria. Outra passagem em que considerou a existência desses dois tipos foi na *Conferência XXVI, A Teoria da Libido e o Narcisismo*, onde na página 499 vemos: *Além da identificação narcísica, existe um tipo de identificação histórica que já conhecíamos há muito mais tempo.*

metafórico através da condensação, ou metonímico, através do deslocamento, para a relação com o objeto. Podemos então afirmar que uma identificação é sempre parcial, ela toma apenas *um traço* da pessoa. Poder-se-ia como digressão teórica opor as identificações secundárias (narcisista e históricas) apoiadas sobre um *traço* do objeto, a identificação primária, (que toma o pai como ideal), apoiada sobre o objeto total no sentido de igualá-lo, tomá-lo como modelo. Há uma outra diferenciação que é perceptível, a de que na identificação primária o objeto seria mantido como ideal, enquanto que nas identificações secundárias (apenas naquelas em que o investimento é anterior) a escolha de objeto (edípico) não pode ser mantida em função do recalque. Convém ressaltar que, entretanto, ela é mantida de forma inconsciente através da identificação. Esse tipo de distinção é entretanto problemático, tanto que Laplanche e Pontalis (1967) chamam atenção para o fato de ser difícil situar a questão da identificação primária. Ela seria referida a primeira relação com a mãe, sem distinção entre ego e alter ego. Essa relação, marcada pelo processo incorporativo, torna-se de difícil compreensão na medida em que, seria difícil estabelecer-se uma identificação num *estado absolutamente indiferenciado e anobjetal* (p. 302).

Continuemos com o exame do capítulo, onde Freud retoma uma situação já apresentada quando da *Interpretação dos Sonhos* (1900). Apesar de não citá-la como uma identificação histórica, nome que usou naquela época, dará conforme já dissemos, o mesmo exemplo de 1900, apenas passando as moças de uma enfermaria para um colégio.

*Existe um terceiro caso, particularmente freqüente e importante, de formação de sintomas, no qual a identificação deixa inteiramente fora de consideração qualquer relação de objeto com a pessoa que está sendo copiada. Suponha-se, por exemplo, que uma das moças de um internato receba de alguém de quem está secretamente enamorada uma carta que lhe desperta ciúmes e que ela reaja por uma crise de histeria. Então algumas de suas amigas que são conhecedoras do assunto pegarão a crise, por assim dizer, através de uma infecção mental. O mecanismo é o da identificação baseada na possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação. As outras moças também gostariam de ter um caso amoroso secreto e sob a influência do sentimento de culpa, aceitam também o sofrimento envolvido nele. Seria errado supor que assumem o sintoma por simpatia. Pelo contrário, a simpatia só surge da identificação e isso é provado pelo fato de que uma infecção ou imitação desse tipo acontece em circunstâncias em que é de presumir uma simpatia preexistente ainda menor do que a que costumeiramente existe entre amigas, numa escola para moças. Um determinado ego percebeu uma analogia significativa com outro sobre certo ponto, em nosso exemplo sobre a receptividade a uma emoção semelhante. Uma*

*identificação é logo após construída sobre esse ponto e, sob a influência da situação patogênica, deslocada para o sintoma que o primeiro ego produziu. A identificação por meio do sintoma tornou-se assim o sinal de um ponto de coincidência entre os dois egos, sinal que tem de ser mantido reprimido* (pp. 135-6).

Desta passagem nada há mais a comentar, esta digamos seria a mais legítima identificação histórica, a mesma de 1900, onde o investimento de objeto seria posterior a identificação e muitas vezes de curta duração. Um tipo de identificação muito facilmente verificável ao término de um filme ou peça de teatro. De certa feita pudemos apreciar um chargista que apresentara sua charge em dois momentos distintos. No primeiro vários casais estão entrando no cinema de forma, digamos, *natural*. O segundo momento apresenta esses mesmos casais saindo da sessão, e os homens com uma postura exatamente igual ao cartaz ao lado, em que aparece John Wayne saindo de um saloon. Esta é a identificação ao desejo de estar no lugar do outro, visto que no caso a apreensão inconsciente poderia ser o fato de ser tão justo e destemido como Wayne. A identificação é perceptível através da mímica inconfundível que mostra uma qualidade comum entre dois egos.

Após apresentar suas três concepções sobre a identificação, primária, regressiva e histórica, sendo que esta última não recebe neste trabalho esta denominação, sua ênfase é na ausência de investimento precedente à identificação. Sua relutância em manter a designação anterior talvez seja pela percepção que teve, através de Dora, que havia uma identificação ao sintoma histórico de caráter regressivo. Como pode-se notar, com relação a Dora e sua mãe, o que Dora desejava era o lugar de sua mãe, e o ponto de compartilhamento era o amor pelo mesmo homem. A mãe de Dora não era um objeto desinvestido, o que significa que haverá uma identificação narcísica, entretanto, acreditamos que poder-se-ia dizer também, dependendo da situação, que este é um tipo de identificação histórica. Todavia, em relação ao pai o que se vê é a situação narcisista, regressiva, a incorporação de um sintoma histórico, a tosse. Esta seria sem dúvida uma identificação regressiva, entretanto o traço tomado seria um sintoma histórico. Talvez, procurando uma maior definição conceitual, Freud tenha, na síntese que examinaremos a seguir, colocado a ênfase em relação a existência, ou não, de um desejo em relação ao objeto da identificação. Uma designação melhor poderia ser de identificações regressivas e não regressivas, ou em outra nomenclatura, identificações narcisistas e não narcisistas.

*O que aprendemos dessas Três fontes pode ser assim resumido: primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna o sucedâneo para uma vinculação*



*de objeto libidinal, por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto do instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço (p. 136).*

Esta foi a síntese que Freud apresentou na qual preferiu apenas descrevê-las. Conforme verificamos, priorizou a relação de ausência, ou presença de um laço emocional entre a pessoa e o objeto da identificação.

Neste segmento, Freud volta a questão inicial, a respeito ao grupo. Fazia-se necessário esclarecer alguns aspectos da identificação para tornar possível a compreensão do que ocorre num grupo.

*já começamos a adivinhar que o laço mútuo existente entre os membros de um grupo é da natureza de uma identificação desse tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum, e podemos suspeitar que essa qualidade comum reside na natureza do laço com o líder. Outra suspeita pode dizer-nos que estamos longe de haver exaurido o problema da identificação e que nos defrontamos com o processo que a psicologia chama de empatia [Einfühlung] o qual desempenha o maior papel em nosso entendimento do que é inerentemente estranho ao nosso ego nas outras pessoas. Aqui, porém, teremos de nos limitar aos efeitos emocionais imediatos da identificação, e deixaremos de lado sua significação em nossa vida intelectual (p. 136).*

Freud alude a identificação não regressiva, aquela que necessita da percepção de uma qualidade comum compartilhada, sendo essa qualidade, um investimento na relação com o líder do grupo. Apesar de, nesse momento, nada ter falado à respeito, o outro tipo de identificação também ocorre, pois a relação com o líder terá necessariamente que ser uma identificação de caráter regressivo. Em passagens posteriores dirá que a identificação narcisista existe, não só quando da perda do objeto, mas também, quando este é mantido. Podemos acrescentar que esta identificação sem perda do objeto, é necessária ao ser humano como uma forma de resgatar o objeto quando da sua ausência. É a ausência do objeto, não necessariamente sua perda, que faz com que a identificação seja extremamente necessária. A partir daí Freud apresenta dois casos: o do homossexualismo masculino e o da melancolia que foram discutidos, de forma surpreendente, como pertencentes ao campo das psicoses.

*A pesquisa psicanalítica, que já atacou ocasionalmente os mais difíceis problemas das psicoses, também pode mostrar-nos a identificação em alguns*



outros casos que não são imediatamente compreensíveis. Tratarei de dois deles em pormenor, como material para nossa consideração posterior.

A gênese do homossexualismo masculino, em grande quantidade de casos, é a seguinte: um jovem esteve inusitadamente e por longo tempo fixado em sua mãe, no sentido do complexo de Édipo. Finalmente, porém, após o término da puberdade, chega a ocasião de trocar a mãe por algum outro objeto sexual. As coisas sofrem uma virada repentina: o jovem não abandona a mãe, mas identifica-se com ela; transforma-se e procura então objetos que possam substituir o seu ego para ele, objeto aos quais possa conceder um amor e carinho iguais aos que recebeu de sua mãe. Trata-se de processo freqüente, que pode ser confirmado tão amíúde quanto se queira, e que, naturalmente, é inteiramente independente de qualquer hipótese que se possa efetuar quanto à força orgânica impulsora e aos motivos de repentina transformação. Uma coisa notável sobre essa identificação é sua ampla escala; ela remolda o ego em um de seus mais importantes aspectos, em seu caráter sexual, segundo o modelo do que até então constituía o objeto. Neste processo o objeto em si mesmo é renunciado, se inteiramente ou se no sentido de ser preservado apenas no inconsciente sendo uma questão que se acha fora do escopo do presente estudo. A identificação com o objeto que é renunciado ou perdido, como um sucedâneo para esse objeto - introjeção dele no ego - não constitui verdadeiramente mais novidade para nós. O processo dessa espécie pode às vezes ser diretamente observado em crianças pequenas. Há pouco tempo atrás uma observação desse tipo foi publicada no *Internationale Zeitschrift für psychoanalyse*. Uma criança que se achava pesarosa pela perda de um gatinho declarou francamente que ela agora era o gatinho e, por conseguinte, andava de quatro, não comia à mesa etc... (p. 137).

O tema da homossexualidade foi introduzido quando dos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), e discorrido em maior amplitude em *Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância* (1910). A escolha de objeto narcisista, de um outro igual a si, tem por finalidade a conservação da relação sexual com o objeto edípico. Tanto se identifica à mãe, como se identifica ao escolhido na sua posição de filho amado pela mãe. O indivíduo goza em duas posições: enquanto identificado com a mãe preserva de forma inconsciente esta relação, enquanto identificado ao outro goza do que foi para mãe. Não pode haver dúvida que Freud apontava para as questões postuladas em *Narcisismo, uma Introdução* (1914), ao chamar atenção para o componente da divisão do ego, mais perceptível na melancolia, referido às duas partes do ego em conflito que podemos perceber em alguns homossexuais. Em muitos casos

observamos que o homossexual denigre sua própria imagem com um discurso caricatural feminino. Poderia-se perguntar, se não seria a prova da existência de uma parte do ego que ataca a outra - alterada pela identificação com a mãe? O ataque mostra, que da mesma forma que na melancolia, a ambivalência em relação a mãe é posta em evidência.

*Outro exemplo de introjeção do objeto foi fornecido pela análise da melancolia, afecção que inclui entre as mais notáveis de suas causas excitadoras a perda real ou emocional de um objeto amado. Uma característica principal desses casos é a cruel autodepreciação do ego, combinada com uma inexorável autocrítica e acerbas auto censuras. As análises demonstraram que essa depreciação e essas censuras aplicam-se, no fundo, ao objeto e representam a vingança do ego sobre ele. A sombra do objeto caiu sobre o ego, como disse noutra parte. Aqui a introjeção do objeto é inequivocamente clara (pp. 137-8).*

Na melancolia, o acontecimento de maior importância reside na diminuição que o ego se impõe através de impiedosas autocríticas e autoreprovações. Essas críticas e reprovações são, na verdade, endereçadas ao objeto perdido, em vista da vertente odiosa da ambivalência existente em toda relação de amor. O objeto introjetado é alvo das mais ferozes críticas da *outra parte*. O ego dividido não é perceptível ao próprio sujeito, nem ao observador externo, pois o processo identificatório é inconsciente, daí o espanto que as vezes causa o melancólico com seu discurso auto agressivo. Ele tem necessidade disso, pois é a forma inconsciente de mostrar sua revolta contra o rejeitador.

*Essas melancolias, porém, também nos mostram mais alguma coisa, que pode ser importante para nossos estudos posteriores. Mostram-nos o ego dividido, separado em duas partes, uma das quais vocifera contra a segunda. Esta segunda parte é aquela que foi alterada pela introjeção e contém o objeto perdido. Porém a parte que se comporta tão cruelmente tampouco a desconhecemos. Ela abrange a consciência, uma instância crítica dentro do ego, que até em ocasiões normais assume, embora nunca tão implacável e injustificadamente, numa atitude crítica para com a última. Em ocasiões anteriores, fomos levados à hipótese de que no ego se desenvolve uma instância assim, capaz de isolar-se do resto daquele ego e entrar em conflito com ele. A essa instância chamamos de "ideal do ego" e, a título de funções atribuímos-lhe a auto observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência na repressão. Dissemos que ele é o herdeiro do narcisismo original em que o ego infantil desfrutava de auto-suficiência; gradualmente reíne, das influências do meio ambiente, as exigências que este impõe ao ego, das quais este não pode sempre estar à altura; de maneira que um homem, quando não pode*

*estar satisfeito com seu próprio ego, tem, no entanto, possibilidade de encontrar satisfação no ideal do ego que se diferenciou do ego. Nos delírios de observação, como demonstramos noutra lugar, a desintegração dessa instância tornou-se patente e revelou assim sua origem na influência de poderes superiores e, acima de tudo, dos pais. Mas não nos esqueçamos de acrescentar que o valor da distância entre ideal do ego e o ego real é muito variável de um indivíduo para outro e que, em muitas pessoas essa diferenciação dentro do ego não vai além da que sucede em crianças (p. 138).*

A parte do ego que se mostra tão crítica com a outra foi chamada de *ideal do ego*, a voz da consciência. Na melancolia, o objeto perdido, e como tal odiado pela frustração do prazer, é introjetado no ego, tornando-se objeto do ataque da outra parte do ego, o *ideal*. Esta é uma parte mais estável, mais sólida, diferente da outra, que a mercê dos investimentos libidinais que fluem e refluem, sofre transformações em virtude das exigências do desejo, fazendo com que o ego transformado, seja objeto do próprio ego. A relação perdida será mantida de forma narcisista, driblando dessa forma o id, como dirá Freud no texto posterior. Na melancolia, o ideal do ego se volta contra o ego transformado pela identificação, promovendo sobre este, a demolição inconsciente do objeto.

Em *Luto e Melancolia* (1915-17), Freud postulou as instituições do ego - a consciência moral, a censura da consciência e a prova de realidade, entretanto, no capítulo que ora examinamos amplia as funções do ideal do ego, acrescentando a auto observação e a influência na repressão. Estas funções são, na verdade, o resultado do discurso exigente das autoridades externas. Essa temática do ideal do ego liga-se com a identificação, já que não se pode desconsiderar a importância das relações que esta instância ideal mantém com os objetos perdidos, e recuperados no interior do ego. Freud percebeu a importância da questão, tanto que, no capítulo III de *o Ego e o Id* (1923a), abordará amplamente o tema. O término do capítulo apresenta uma curiosa nota de rodapé.

*Antes que possamos empregar este material, a fim de compreender a organização libidinal dos grupos, devemos, contudo, tomar em consideração alguns outros exemplos das relações mútuas entre o objeto e o ego (neste ponto foi inserida a nota de rodapé que segue).*

*Estamos cientes de que não esgotamos a natureza da identificação com esses exemplos tirados da patologia e de que, conseqüentemente, deixamos intata parte do enigma das formações de grupo. Uma análise psicológica muito mais fundamental e abrangente haveria de intervir nesse ponto. Um caminho, por via da imitação, conduz da identificação a empatia, isto é, à compreensão do*

*mecanismo pelo qual ficamos capacitados para assumir qualquer atitude em relação a outra vida mental. Além disso, ainda existe muito a explicar na manifestação das identificações existentes. Estas resultam, não unicamente, de uma pessoa limitar sua agressividade para com aqueles com quem se identifica, e de poupá-los e prestar-lhes auxílio. O estudo dessas identificações, como por exemplo, as encontradas na raiz do sentimento de clã, conduziu Robertson Smith (kinship and Marriage, 1885) à surpreendente descoberta de que elas repousam no reconhecimento da posse de uma substância comum [por parte dos membros do clã] e podem mesmo ser criadas por uma refeição ingerida em comum. Este aspecto torna possível vincular este tipo de identificação à primitiva história da família humana que elaborei em Totem e Tabu (p. 139).*

É interessante a nota de rodapé com que Freud terminou este capítulo sobre a identificação. Ele discorreu sobre a *identificação* que leva, através da empatia ao laço social, à composição dos grupos sociais, através do amor como um acordo entre os seres humanos, para sublimar a rivalidade fraterna, fruto de um insuplantável narcisismo. Esta é a base da fundação do clã totêmico e de toda a psicologia social. Comer e beber foram, em todas as épocas, um meio de reforçar a comunidade social e religiosa.

Prosseguindo no exame destes textos de 1921, chegamos a um outro interessante tema, que vai ligar a identificação ao amor e à hipnose, tornando possível dar um passo a mais, na compreensão da constituição do ego e do ideal do ego.

Amor é um nome dado a numerosos tipos de encontros amorosos. Pode ser um simples desejo sexual que após satisfeito fomente um desinteresse, como pode também fazer surgir um desejo de revivê-lo de forma mais freqüente. Essa necessidade de retomar o objeto amoroso, de gozar muitas vezes desse encontro de amor, fez, como disse Freud, o homem investir de forma duradoura no ser amado, *para amá-lo também nos intervalos desapaixonados* (p. 141)

No curso da vida erótica, o ser humano, em virtude do interdito incestuoso, deverá modificar seus desejos sexuais em relação aos pais, transformando-os em sentimentos afetuosos. Na puberdade poderá surgir um deleite por mulheres a quem respeita, no caso dos homens, mas que não o excitam, mostrando-se sequioso de sexo com as que não ama. Na esfera do amor verifica-se uma conjugação das correntes sensuais com as afetuosas, podendo-se medir a seriedade do amor pelo exame da parte das pulsões sexuais, inibidas em seu objetivo. Nas questões do amor, a idealização do objeto estará sempre presente - livre de toda crítica o objeto é puro, é desejado pelos valores espirituais que possui, a sensualidade fica, em

muitos casos, francamente escamoteada. A idealização do objeto aponta para uma conjugação do ego com o objeto.

*Vemos que o objeto está sendo tratado da mesma maneira que nosso próprio ego, de modo que, quando estamos amando, uma quantidade considerável de libido narcisista transborda para o objeto (p. 143).*

Entretanto, em virtude da estrutura clivada do ego, vê-se muitas vezes como uma parte do ego torna-se desprendida, modesta, empurrando para o objeto todas as qualidades e valores, numa completa limitação narcisista. As reivindicações sexuais ao objeto não podem ser intensas, ele está acima desses prazeres mundanos, quase tudo o que faz, faz bem. Esta percepção de um ego clivado, dividido, pode mostrar como a idealização do objeto, na verdade, refere-se a uma forma indireta pela qual o próprio ego, através do objeto, pode encontrar uma satisfação narcisista. Os valores do objeto, são os valores ideais que o ego quer para si neste encontro amoroso, ego e objeto são um só, estão *identificados*. A consciência crítica, uma das funções do ideal do ego, deixa de funcionar, *o objeto foi colocado no lugar do ideal do ego* (p. 144).

*É fácil agora definir a diferença entre a identificação e esse desenvolvimento tão extremo do estado de estar amando, que podem ser descritos como "fascinação" ou "servidão" (p. 144).*

Essa aparente contradição, entre um enriquecimento e um empobrecimento do ego, em termos econômicos nada mais é do que uma introjeção do objeto no ego. A explicação de Freud se faz através o mecanismo da identificação.

*No caso da identificação, o objeto foi perdido ou abandonado; assim ele é novamente erigido dentro do ego e este efetua uma alteração parcial em si próprio, segundo o modelo do objeto perdido. No outro caso, o objeto é mantido e dá-se uma hipercatexia dele pelo ego e às expensas do ego. Aqui, porém, apresenta-se nova dificuldade. Será inteiramente certo que a identificação pressupõe que a catexia de objeto tenha sido abandonada? Não pode haver identificação enquanto o objeto é mantido? E antes de nos empenharmos numa discussão dessa delicada questão, já poderá estar alvorecendo em nós a percepção de que mais outra alternativa abrange a essência real da questão, ou seja, se o objeto é colocado no lugar do ego ou do ideal do ego (p. 144).*

Neste ponto, Freud consegue dar uma solução para algo que, na prática, era facilmente perceptível. Quando se via dois amantes juntos, percebia-se um incontável número de expressões e posturas comum a ambos. Evidenciava-se uma identificação, entretanto, o objeto não estava perdido, estava mais presente do que nunca! O ego quando ama também trás

para dentro de si o objeto amado, e através de sua divisão mantém uma estreita relação com ele. O ego fica hipnotizado, siderado pelo objeto. A identificação do estado amoroso é uma forma do ego assimilar completamente o objeto ao ideal, é uma identificação que não suprime o objeto. É no estado de sideração, de hipnotizado pelo outro, que a sexualidade entra em uma espécie de suspensão e a tarefa de verificação da realidade fica nesses casos totalmente prejudicada. Como disse Freud, o hipnotizador (o objeto) toma o lugar do ideal do ego, fazendo com que a relação em virtude disso seja uma espécie de grupo de dois.

O grupo, para Freud, não pode ser caracterizado sem se levar em conta, fundamentalmente, a questão do líder. Sabemos que a constituição de um grupo dar-se-á pelo o aparecimento de uma *empatia* entre seus participantes, pela percepção de terem algo em comum, que nada mais seria do que todos terem colocado uma mesma pessoa no lugar de ideal do ego. Insere ainda, a importância da subtração da sensualidade, como causadora da formação de um laço mais durável, pois o destino da pulsão sexual é extinguir-se depois de atendida. No amor duradouro deve haver uma composição entre as pulsões sexuais inibidas e as desinibidas em seus objetivos. Freud chega a uma definição da fórmula para a constituição dos grupos com um líder:

*O grupo primário desse tipo é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego (p. 147).*

A questão do instinto gregário foi a temática abordada a seguir, onde, discordando da idéia de Troter, a cerca da existência de um *gregariousness*, afirmou que o homem era um animal de horda. Todavia, para Freud continuava uma interrogação a respeito da influência da sugestão, já que esta era exercida não só pelo líder, mas também, pelos participantes de um grupo entre si. Ficou, contudo, sempre muito claro que seria impossível entender-se a natureza de um grupo, se não se considerasse a questão da liderança.

Ao longo da argumentação freudiana vai surgir a idéia da fraternidade, que não será mais considerada como algo intrínseco ao ser humano, mas uma transformação, um acordo social, uma formação reativa. Na percepção de crianças em seu ambiente familiar, num quarto de jogos, ou numa sala de aula, a inveja e o ciúme surgem como a tônica dessa disputa pela atenção dos pais e posteriormente dos professores.

*O filho mais velho certamente gostaria de ciumentamente pôr de lado seu sucessor, mantê-lo afastado dos pais e despojá-lo de todos os seus privilégios; mas, à vista de essa criança mais nova (como todas as que virão depois) ser amada pelos pais quanto ele próprio, e em conseqüência da*



*impossibilidade de manter sua atitude hostil sem prejudicar-se a si próprio, aquele é forçado a identifica-se com as outras crianças (p. 152).*

É daí que surge o sentimento de grupo, de comunidade, onde como contrapartida, devem os pais, professores, artistas famosos, tratar seus filhos, alunos, fãs, de forma igual, pois o tratamento diferenciado modifica, rompe com o grupo. Ninguém pode ter um lugar de privilégio, pois novamente a rivalidade e o ciúme retornariam impedindo o acordo, a união, o sentimento comunal. O sentimento de fraternidade, tão decantado em prosa e verso, é originariamente inveja e ódio. Percebida esta impossibilidade de convivência nestes termos, o homem, por formação reativa, fez entrar em cena a fraternidade.

*Originariamente rivais, conseguiram identificar-se umas com as outras por meio de um amor semelhante pelo mesmo objeto (p. 153).*

Assim, o homem conseguiu organizar seu desejo narcisista de exclusividade, de ser único para o outro, através de uma identificação, estabelecendo laços sociais sobre aquilo que originariamente foi ódio e inveja. Esta é a estrutura da justiça social, a exigência de uma igualdade que leva o ser humano à idéia de dever para com o outro, e à consciência social.

*O sentimento social, assim, se baseia na inversão daquilo que a princípio constituiu um sentimento hostil em uma ligação de tonalidade positiva, da natureza de uma identificação (p. 153).*

Juntamos então três questões como necessárias ao exame da estrutura de um grupo, a dos membros, a do líder e a da identificação. Dentro do grupo os membros têm que em princípio amar o líder (colocá-lo no lugar do ideal), em virtude de cada um querer exclusividade amorosa e isto ser impossível, tem que haver um acordo entre todos, inclusive com o líder, de que ninguém será privilegiado, reforçando assim os laços libidinais (de preferência inibidos em seus objetivos), entre os participantes, e com o líder. O único diferente, todavia, é o líder, que deverá permanentemente ratificar a asserção de que todos são igualmente amados, mantendo assim a evidência anotada por Freud:

*Todos os membros devem ser iguais uns aos outros, mas todos querem ser dirigidos por uma só pessoa. Muitos iguais, que podem identificar-se uns com os outros, e uma pessoa isolada superior a todos eles... (p. 154).*



E Freud conclui, de forma enfática, o capítulo sobre o instinto gregário contestando o argumento de Troter de que o homem era um animal gregário. Para Freud o homem era um animal que vivia em pequenos grupos, em hordas.<sup>(4)</sup>

*... um animal de horda, uma criatura individual numa horda conduzida por um chefe* (p. 154).

No capítulo seguinte a temática do grupo se desdobra, examina a composição do grupo traçando um paralelo com a horda primeva já abordada em *Totem e Tabu* (1912-13), onde a formação da sociedade estava intimamente ligada ao assassinato do pai. Um assassinato fundador não só da organização social, mas da religião, da moral e da culpa. O pai primevo que condenava os filhos à abstinência, facilitava deste modo a instalação de laços emocionais com ele pai, e entre eles, criando assim a psicologia de grupo. Há também um adendo apresentado por Freud já em *Totem e Tabu* (1912-13, p. 173), numa nota de rodapé, à respeito da passagem de uma identificação para um amor homossexual.

*Talvez se possa também presumir que os filhos, quando foram expulsos e separados do pai, passaram da identificação uns com os outros para o amor homossexual de objeto e, dessa maneira, conseguiram liberdade para matar o pai* (p. 157).

Uma formação grupal teria suas origens nessa horda primitiva, onde o pai, todo poderoso e temido, regia a todos de modo autoritário e despótico. Tanto a hipnose quanto a sugestão, esta considerada apenas uma manifestação parcial da hipnose, estão presentes em um grupo e remontam sua origem à horda primitiva. Como se sabe, nada mais afrodisíaco que o poder, daí o pai temido ser também admirado. Disso Freud retoma suas considerações sobre a análise do ego, lembrando que, tanto numa família, como na antiga horda, o pai é colocado no lugar do ideal do ego, e então daí, dirige a outra parte do ego. Temos então duas definições: a hipnose seria um grupo formado por duas pessoas, e a sugestão seria a consequência de uma relação amorosa. É interessante lembrar que para Freud o estado de estar amando estava em conexão com a hipnose, bem como, a sugestão em conexão com a identificação.

Na linha da análise do ego, temos um capítulo dedicado a este tema, *Uma gradação diferenciadora no ego*. Um indivíduo é o resultado da internalização de vários modelos, produto de sua participação em inúmeros grupos durante todo o seu percurso vital, por conseguinte de inúmeras identificações.

---

<sup>(4)</sup> Em *Totem e Tabu* (1912-13), Freud utilizou *horda*, com o significado de uma reunião relativamente pequena de pessoas.

*Cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos, acha-se ligado por vínculos de identificação em muitos sentidos e construiu seu ideal do ego segundo os modelos mais variados (p. 163).*

Neste capítulo, entretanto, a questão do grupo é na verdade utilizada como um preâmbulo à montagem da segunda tópica. Freud vai pautando, através de paralelos com a situação grupal, as relações do ego com o ideal do ego. O indivíduo no grupo, substitui seu ideal pelo do grupo, tal como o seria apresentado pelo líder. Entretanto, a introjeção do ideal do grupo, será maior ou menor dependendo da maior ou menor *autocomplacência narcisista* que tem o indivíduo. Esta introjeção, do ideal do grupo é facilitada pelo efeito sugestivo, não só do líder, mas dos membros entre si. Ou de outro modo, o efeito sugestivo sobre um membro, pode levar, por efeito identificatório a este membro, a uma completa sideração pelo líder.

*Os outros membros do grupo... são então arrastados com os demais por "sugestão", isto é por meio da identificação (p. 164).*

Todavia, a gradação diferenciadora que Freud pretendeu fazer, dizia respeito a essa parte do ego, que foi nessa época chamada de ideal do ego. Uma distinção, não só, entre as duas partes do ego, mas em relação aos tipos de vínculo que estabeleciam.

*... reconduz à distinção entre o ego e o ideal do ego e à dupla espécie de vínculo que isso possibilita: a identificação e a colocação do objeto no lugar do ideal do ego (p. 164).*

Foi então, passo a passo, sendo montada a estrutura do aparelho psíquico, e através, não só dos efeitos de grupo, como de situações patológicas, pode Freud compreender o funcionamento do ego, que é sempre um ego dividido. Uma parte com certa coerência, convivendo com outra parte, inconsciente e reprimida, sendo que a parte coerente, muitas vezes, não se dá conta do que se passa na outra. Essa parte inconsciente do ego, permanece afastada da parte consciente. Ela freqüentemente *bate aos portões em busca de admissão* (p. 165), entretanto, existem poderosas guardiãs dos portões, as resistências. Essa separação entre o ego e seu ideal em algumas circunstâncias não são mantidas, fazendo com que as renúncias que o ego tem que fazer fiquem temporariamente suspensas. Como disse Freud, uma infração periódica a regra é necessária, e para isto o homem criou os festivais, o excesso legalizado, instaurador de um alívio pulsional e de alegria. O montante de proibições que o ideal do ego impõe ao ego, quando suspensas, criam uma sensação de prazer intenso, de triunfo, da mesma forma que ocorre quando no ego algo corresponde as exigências do ideal.

Freud, então, dá continuidade ao estudo da análise do ego, das relações internas do ego utilizando-se do quadro da melancolia, que na época de *Luto e Melancolia* (1915-17) havia ficado inacabado. Um dos aspectos interessantes que apreendeu foi a diferenciação entre a mania e a melancolia, através das relações do ego com o ideal do ego. Num quadro maníaco o ego e o ideal do ego encontram-se em perfeita harmonia, a autocrítica está ausente, as inibições inexitem nesse momento - *ego e o ideal do ego se fundiram* (p. 167). Na melancolia ocorre o oposto, as duas partes entram em franco conflito, com o ideal do ego atacando, diminuindo, censurando o ego. Esta percepção fez Freud modificar, ou melhor, clarificar a dinâmica da melancolia.

*... o objeto é abandonado porque mostrou ser indigno de amor. Ele é então, novamente erigido dentro do ego, mediante identificação, e severamente condenado pelo ideal do ego. As censuras e ataques dirigidos ao objeto vem à luz sob a forma de autocensuras melancólicas* (p. 167).

*... o ego seria incitado à rebelião pelo mau tratamento por parte de seu ideal, mau tratamento que ele encontra quando houve uma identificação com o objeto rejeitado* (p. 168).

Freud, neste momento, de forma explícita, apresentou o problema da divisão do ego através do processo melancólico. Como toda identificação é inconsciente, o ego, quando identificado com o objeto, não se dá conta disso, fazendo com que o ideal possa atacá-lo, condená-lo, impiedosamente.

Ao final do trabalho, Freud retoma vários caminhos laterais, que como disse tinham sido deixados de lado. O primeiro a ser examinado, foi a diferença entre *a identificação do ego com um objeto e a substituição do ideal do ego por um objeto* (p. 169). Esta diferenciação foi proposta tomando como exemplo o Exército e a Igreja.

*... um soldado toma o seu superior, que é, na realidade, o líder do exército, como seu ideal, enquanto se identifica com seus iguais... Mas se tenta se identificar com o general torna-se ridículo. É diferente na Igreja católica. Todo cristão ama Cristo como seu ideal e sente-se unido a todos os outros cristãos pelo vínculo da identificação. Mas o Igreja exige mais dele. Tem também que identificar-se com Cristo e amar todos os outros cristãos como Cristo os amou* (p. 169).

O exemplo dado por Freud cria uma certa confusão, pois poder-se-ia supor que o fato de ser *ridículo* impediria a identificação, o que não pode ser verdadeiro porque o processo identificatório é inconsciente. Talvez o que Freud tenha querido dizer, por exemplo, em relação a exigência de identificar-se a Cristo, seja no sentido de imitar suas ações. A

identificação do ego com um objeto, diferenciada da substituição do ideal do ego por um objeto, apenas poderia ser demonstrada como uma diferença onde incide a identificação, se no ego, ou se em sua gradação diferenciadora, o ideal do ego. Este tema remonta a dúvida de Freud, se não poderia haver identificação, enquanto o objeto era mantido? Nas questões do amor, sempre, de uma forma ou de outra, a identificação está presente, se amamos vamos apreender traços do amado. Tanto o objeto idealizado e mantido, como o perdido, vão ser objeto de identificação. O objeto idealizado é absorvido pelo ideal do ego, fazendo com que, a outra parte do ego, procure se comportar de acordo com esse modelo de virtude, ao qual o ideal do ego está identificado. A frase de Freud, a substituição do ideal do ego por um objeto, pode ser assim apresentada, a identificação do ideal do ego com um objeto idealizado. O importante ao que parece é a noção de escolha de objeto indissolúvelmente ligada a identificação, como se depreende da passagem abaixo:

*Há que acrescentar a identificação ali onde a escolha objetal já se realizou e o amor objetal onde há identificação (pp. 169-70).*

Uma segunda questão abordada é a do primeiro poeta épico, que ao aspirar o lugar do pai fundava o primeiro ideal do ego, daí passando para o mito do herói em suas relações com a mãe. O contar histórias revela-se assim uma forma de fazer com que os ouvintes identificados com o herói, passam simbolicamente a reviver sua luta contra o pai primevo.

*Seus ouvintes, porém, entendem o poeta e, em virtude de terem a mesma relação de anseio pelo pai primevo, podem identificar-se com o herói (p. 172).*

Um terceiro problema discutido foi referente as pulsões sexuais e as pulsões sexuais inibidas em seus objetivos, sendo que, correlacionada diretamente com a identificação temos o desvio dos objetivos diretamente sexuais, a sublimação. O problema da sublimação vai ser abordado em textos posteriores ligado ao processo identificatório.

O quarto e penúltimo tema apresentado deu continuidade as pulsões sexuais inibidas, como mantenedoras da formação de grupo. A pulsão sexual presente de forma permanente no ser humano, impõe-se de tal forma que: se for recalcada de forma inadequada ou se retornar ao objetivo reprimido, este indivíduo não encontrará espaço nos grupos sociais. Também, o estar amando torna, temporariamente, o indivíduo impossibilitado de se agrupar. A formação de grupo é todavia, um fator terapêutico na sua função de manter laços duradouros, na medida em que seus objetivos diretamente sexuais encontram-se inibidos, facilitando assim o desenvolvimento da comunidade. Freud, no entanto, afirmava que é necessário examinar a correlação entre as pulsões diretamente sexuais e as pulsões inibidas em seus objetivos.

Ao final de seu *Pós-escrito* faz uma comparação entre: o estar amando, a hipnose, a formação de grupo e a neurose, sob o ponto de vista da teoria da libido. Freud correlaciona todos estes aspectos com os movimentos do ego e do ideal do ego. Utiliza ainda, *substituição do ideal do ego pelo objeto* para falar do que podemos chamar de identificação do ideal do ego com o objeto. Vejamos:

*O grupo multiplica esse processo; concorda com a hipnose na natureza dos instintos que o mantém unido e na substituição do ideal do ego pelo objeto, mas acrescenta a identificação com outros indivíduos, o que foi talvez, originalmente, tornado possível por terem eles a mesma relação com o objeto (pp. 178-9).*

A questão central e da qual tinha título uma parte do trabalho - *Análise do Ego*, abriu as portas para um exame mais detalhado das neuroses, das relações conflitivas entre o ego e seus objetos, e entre o ego e o ideal do ego. Esta problemática levará Freud a escrever *O Ego e o Id* em 1923.

#### XIV - O SILENCIOSO E O PROMOTOR DE DESORDENS

##### O Ego e o Id (1923a).

*O Ego e o Id* apareceu no Internationaler Psychoanalytischer Verlag em 1923, apesar do tema já ter sido apresentado por Freud em 1922, no VIIº Congresso. Considerado o seu último grande trabalho teórico, esta segunda tópica marcará todos os textos posteriores pela tentativa de articular a nova teoria das pulsões com a estrutura do ego. O tema da identificação vai surgir como uma questão intimamente ligada ao complexo de Édipo. Já no prefácio do texto, adianta que pretende desenvolver o que havia apresentado em *Além do Princípio de Prazer* (1920), vinculando fatos fornecidos pela clínica psicanalítica, afastando-se da biologia. Trata-se então, de uma obra mais psicanalítica, uma síntese, um esboço, não uma especulação. Surge aí uma nova formulação do inconsciente, a primeira tópica é ligada à teoria do ego, produzindo então uma segunda tópica, onde a problemática do ideal aparece com novos contornos. A questão pulsional é reorganizada dentro de uma nova economia, fazendo com que a teoria da identificação remeta aos conceitos de idealização, dessexualização e sublimação.

O capítulo III, intitulado *O Ego e o Superego (Ideal do Ego)*, o capítulo IV, *As Duas Classes de Instintos* e o capítulo V, *As Relações Dependentes do Ego*, são os que mais nos interessam a respeito da doutrina da identificação. É aqui que vamos ver as questões sobre a origem e as diferenciações do ego. Paralelamente surge um novo componente da estrutura, o superego, equivalente ao ideal do ego. Já aí, podemos adiantar a existência de duas linhas distintas, a do modelo, do ideal e a da autoridade, da hierarquia.

O capítulo III se inicia por uma proposta de Freud de *complicar* a noção de ego. Ele não seria somente uma parte do id influenciada pela percepção, ou o representante psíquico do mundo externo, seria também um pouco mais. Aparentando uma sinonímia, ele reafirma<sup>(1)</sup> a existência de uma gradação no ego, chamada ideal do ego ou superego, e que, como novidade, apresentaria o fato de ter uma parte inconsciente. As concepções são as apresentadas nos textos anteriores de 1914 e 1921, com uma ressalva, através de uma nota de rodapé - a função de teste da realidade não seria uma função do superego e sim do ego.

---

<sup>(1)</sup> Note-se que em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921), o capítulo XI tem por título, *Uma Gradação Diferenciadora no Ego*.

Como em toda sua obra, o recurso a psicopatologia é utilizado para obter informações mais detalhadas sobre os processos da mente, sendo, o problema da melancolia retomado para introduzir a identificação.

*Alcançamos sucesso em exemplificar o penoso distúrbio da melancolia supondo [naqueles que dele sofrem] que um objeto que fora perdido fora instalado novamente dentro do ego, isto é, que uma catexia do objeto foi substituída por uma identificação (p. 42).*

Anteriormente, Freud não havia percebido claramente o quão comum era essa substituição, e que, mais importante ainda, era o fato de que ela contribuía de forma decisiva para a formação do caráter de uma pessoa. Como argumento inicial ele retoma as concepções de *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921).

*A princípio, na fase oral primitiva do indivíduo, a catexia de objeto e a identificação são, sem dúvida, indistinguíveis uma da outra (p. 43).*

Entretanto, os investimentos de objeto procedem do id, são necessidades sexuais imperiosas que transtornam o ego débil da criança, fazendo com que esse ego se submeta ao id, ou tente desviar esses desejos pelo recalçamento. Aqui, através de uma nota de rodapé, Freud toma o concurso do exposto em *Totem e Tabu* (1912-13):

*Um paralelo interessante à substituição da escolha de objeto pela identificação pode ser encontrado na crença dos povos primitivos, e nas proibições que nela se baseiam, de que os atributos dos animais persistem como parte do caráter daqueles que os comem (p. 43).*

A melancolia serve para mostrar que, quando um objeto é perdido cria-se um artifício de mantê-lo vivo dentro do ego. Estabelece-se assim, uma alteração interna idêntica ao mecanismo regressivo da fase oral. O ego incorpora o objeto para não perdê-lo e assim manter o id satisfeito. A identificação será a forma encontrada pelo ego para *driblar* as imposições do id. O objeto perdido no mundo externo terá existência no mundo interno.

*Pode ser que essa identificação seja a única condição em que o id pode abandonar os seus objetos (p. 43).*

Processo freqüente nas fases primitivas do desenvolvimento, poder-se-ia dizer que ao longo da vida, este processo vai se realizando, tanto que, a concepção de caráter do ego só pode ser entendida como um processo dinâmico, em movimento permanente, apesar de marcado, profundamente, pelas primeiras experiências amorosas.

*... o processo, especialmente nas fases primitivas de desenvolvimento, é muito freqüente, e torna possível supor que o caráter do ego é um precipitado de*



*catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto (p. 44).*

Há uma passagem que normalmente fica despercebida, que é a da conjugação do objeto amoroso, mantido externamente, ao mesmo tempo que são tomados traços dele através da identificação. Este caso, de *catexia do objeto e identificação simultânea* (p. 44), percebe-se em muitos casais apaixonados que ambos adotam traços do outro, através do modo de falar, de expressões, de posturas, etc... Como disse Freud, essas alterações no ego, no caráter, têm o sentido de conservar o objeto, podendo fazer com que pensemos que essas atitudes têm também a finalidade de reforçar a relação com o objeto. O mesmo teria uma dupla existência, não só no mundo externo, mas também, no mundo interno. Uma espécie de *garantia*. O ego se anteciparia a um possível desenlace de um investimento importante do id. Esses traços identificatórios são freqüentes, mormente em relações de amor intenso.

Entretanto, qualquer alteração do ego constitui uma forma de relação com o id, pois é assim que o ego pode exercer controle sobre o id, que todavia, em contrapartida, tenta submeter o ego a suas exigências. Neste jogo o ego se apresenta com a máscara do objeto:

*Olhe, você também pode me amar; sou semelhante ao objeto (p. 44).*

A identificação é o meio pelo qual, a economia psíquica recorre, para conservar ou reforçar o objeto para o id. O ego está então, em caso de falta do objeto, pronto a se apresentar como um substituto à altura. A libido do objeto transforma-se em libido narcísica, uma manobra operada pelo ego, uma regressão narcísica de tipo oral. A identificação produz, quando da perda do objeto, um abandono do alvo sexual. Como disse Freud, isto é uma dessexualização do objeto, e como tal uma sublimação. Não seria esse o caminho universal para se chegar a sublimação, ou seja, o ego produz a transformação regressiva de libido objetal erótica em narcísica, e a partir daí oferece outro objetivo? Como lembra Florence (1978), a sublimação aparece aqui como um recalque bem sucedido, evitando assim o retorno do recalado, já que o recalamento seria um desligamento da libido de objetos ou coisas que haviam sido amadas antes. Como sabemos o homem jamais renuncia de bom grado a um objeto, ele sempre encontra substitutos, e para um objeto perdido, nada melhor que outro objeto, e na falta deste o ego se apresenta em seu lugar.

Em seu trabalho sobre o narcisismo, Freud havia dito que poderia se fazer uma diferenciação entre o ego e o id, pois era possível dizer que o reservatório de libido estava no id, e não no ego. O narcisismo primário seria um estado libidinal anterior a separação ego-id, um estado de amor próprio absoluto, onipotente. O próprio ideal narcísico da criança seria a projeção do ideal de onipotência que os pais depositariam nela. Conforme aponta Laplanche

(1980), tanto se pode afirmar que o narcisismo dos pais é uma revivescência do próprio narcisismo infantil, pois este nada mais é do que uma identificação por parte da criança com seus pais, como também seria uma projeção, sobre esta criança, do próprio ideal narcisista de seus pais. Esse narcisismo primário deverá se deslocar para a instância ideal, lugar de todas as perfeições.

*A libido que flui para o ego devido as identificações acima descritas ocasiona o seu "narcisismo secundário" (p. 44).*

Depreende-se então, que é através de um processo identificatório estruturante que se faz o movimento de separação que estabelece um ego dotado de caráter.

Freud volta à patologia do ego para poder examinar a questão das identificações que se tornam incompatíveis entre si. Eis o comentário sobre *às identificações objetais do ego* (p. 45) que entram em conflito umas com as outras:

*Pode ocorrer uma ruptura do ego, em consequência de as diferentes identificações se tornarem separadas umas das outras através de resistências; talvez o segredo dos casos daquilo que é descrito como "personalidade múltipla" seja que as diferentes identificações apoderem-se sucessivamente da consciência. Mesmo quando as coisas não vão tão longe, permanece a questão dos conflitos entre as diversas identificações em que o ego se separa, conflitos que, afinal de contas, não podem ser descritos como inteiramente patológicos (p. 45).*

A consequência das identificações iniciais aos objetos perdidos é a formação do caráter, todavia, este não se modifica facilmente, resiste a novas identificações. Pode-se então, falar de um núcleo de resistências que assim evitariam um incômodo ao ego.

*Entretanto, seja o que for que a capacidade posterior do caráter para resistir às influências das catexias objetais abandonadas possa tornar-se, os efeitos das primeiras identificações efetuadas na mais primitiva infância serão gerais e duradouros. Isso nos conduz de volta à origem do ideal do ego; por traz dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal.<sup>(2)</sup> Isso aparentemente não é, em primeira instância, a consequência ou resultado de uma catexia do objeto; trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia de objeto. Mas as escolhas objetais pertencentes ao primeiro período sexual e relacionadas ao pai e a mãe parecem*

---

<sup>(2)</sup> É nesta parte do texto que Freud introduz a olêmica nota de rodapé, que para a precisão deste trabalho reproduzimos adiante.

*normalmente encontrar seu desfecho numa identificação desse tipo, que assim reforçaria a primária (pp. 45-6).*

É necessário assinalar a nota de rodapé apresentada por Freud, e que na verdade, não esclareceu muito a respeito da questão da identificação primária.

*Talvez fosse mais seguro dizer "com os pais", pois antes de uma criança ter chegado ao conhecimento definitivo da diferença entre os sexos, a falta de um pênis, ela não faz distinção de valor entre o pai e a mãe. Recentemente deparei-me com o caso de uma jovem casada cuja história demonstrava que, após notar a falta de um pênis nela própria, imaginara que ele estivesse ausente, não em todas as mulheres, mas apenas naquelas a quem encarava como inferiores, e supusera ainda que sua mãe possuía pênis. A fim de simplificar minha apresentação, debatorei apenas a identificação com o pai (p. 45).*

O problema da identificação primária retorna, devido a seqüência do texto freudiano, entretanto, essa problemática foi discutida no capítulo anterior dedicado ao exame dos grupos.

Seria interessante acrescentar a observação feita por Laplanche (1980) que considerou a nota de rodapé como uma denegação de Freud, apresentando comentários já examinados como: a identificação primária não é a relação ao seio, isto parece todos estão de acordo, entretanto, diz Laplanche que essa passagem de Freud deveria ser tratada como um *sintoma*, não numa tentativa de desvalorizar, mas sim de interpretar. Seria o surgimento das contradições, racionalizações, ou arrependimentos freudianos. Laplanche apenas levanta a questão, sem nada também concluir, propõe extrair fragmentos através do que chamou de uma *escuta interpretativa*. Eis a passagem:

*"Antes do Édipo" (estamos antes do Édipo, isso é explicitamente indicado), existe uma "pré-história pessoal" (com todo o enigma dessa expressão, pois geralmente Freud emprega pré-história para designar a pré-história "coletiva" em relação ao indivíduo - a do Édipo da humanidade. Ora, aí falamos de uma pré-história "pessoal". Onde se situa? É a primeira infância que assim se designa? Por que não "história"? Será que apenas designa, então, o que se inscreve da história pessoal antes de sua história?). Há, portanto, uma pré-história pessoal em que está presente, sob certa forma, o pai, ou ainda: pré-história que se passa antes do "conhecimento certo da diferença dos sexos", mas em que, não obstante, há uma certa "pregnância" do pênis; sem que este entre numa categorização dos sexos (o que é muito difícil de conceber) mas como marca de uma certa idealização; talvez como símbolo de potência? Vocês estão vendo que não avançamos muito com Freud, mas que, não obstante, temos aí um*

*certo número de indícios que poderiam permitir - com a ajuda de outros analistas - pressentirmos o que aí procurava exprimir-se (pp. 319-20).*

Pensamos, entretanto, que a melhor posição seria a referência mítica, sendo que a nota de rodapé seria utilizada como uma possibilidade de se explicar a identificação primária a uma mãe que tem incorporada a lei paterna, ou seja, seria uma identificação a um pai (morto), intermediado pelo ser maternal. O *aos pais* da nota de rodapé não poderia ser entendido, senão, da perspectiva de uma mulher barrada pela castração (aqui entendida como um ser maternal), alguém que tem introjetado a lei da cultura. Uma lei criada por um acordo social, para que os seres humanos pudessem lidar de forma melhor com a sexualidade e a agressividade. Esta alusão, também implícita na referida nota, aparece na referência a questão da castração, ter ou não ter pênis (no sentido fálico). Como se sabe é uma discussão que impossibilita sua apreensão pela vertente da patologia, processo ao qual recorreu Freud para validar as identificações secundárias. Esta identificação primária refere-se a uma inserção imediata no mundo dos homens, que ao darem um nome a criança passam a falar dela e com ela. E, esta percepção de ser, um ser no mundo, lhe será oferecida pelo ser maternal como membro de uma comunidade sujeita a leis e interdições.

Freud achava esta questão muito difícil, principalmente, devido a dois fatores que considerava como capitais nesse encontro da identificação primária com as secundárias, ou sejam, o triângulo edípico e a bissexualidade constitucional do ser humano. Vejamos como descreveu a situação edípica de um menino.

*Em idade muito precoce o menininho desenvolve uma catexia objetal pela mãe, originalmente relacionada ao seio materno, e que é o protótipo de uma escolha de objeto segundo o modelo anaclítico; o menino trata o pai identificando-se com este. Durante certo tempo, esses dois relacionamentos avançam lado a lado, até que, os desejos sexuais do menino em relação a mãe se tornam mais intensos e o pai é percebido como um obstáculo a eles; disso se origina o complexo de Édipo. Sua identificação com o pai assume então uma coloração hostil e transforma-se num desejo de livrar-se dele, a fim de ocupar o seu lugar junto à mãe. Daí por diante, a sua relação com o pai é ambivalente; parece como se a ambivalência, inerente à identificação desde o início, se houvesse tornado manifesta. Uma atitude ambivalente para com o pai e uma relação de tipo unicamente afetivo com a mãe constituem o conteúdo do complexo de Édipo positivo simples no menino (p. 46).*

A identificação ao pai da pré-história, segundo nossa interpretação, preexiste intermediada pela mãe, em relação a qual desenvolve uma catexia de objeto através do seio.

Como lembrou Freud, é o protótipo da relação por apoio ou anaclítica. As pulsões sexuais são incrementadas em direção à figura da mãe, surgindo então a figura paterna como aquele que vem atrapalhar esta relação idílica, fazendo eclodir a ambivalência pré-existente em relação ao pai. Entretanto, em sua tentativa de organização edípica o investimento sexual na mãe tem que ser sublimado, dessexualizado, sem entretanto ter que abandonar o objeto, diferentemente de uma identificação melancólica, o objeto será mantido. Como disse Freud, o resultado esperado do Édipo de um menino seria uma relação afetiva em direção à mãe e uma intensificação da identificação ao pai, reforçando assim a masculinidade no caráter do rapaz, entretanto, por vezes surge um incremento da identificação com a mãe, como no caso da homossexualidade. Em relação ao abandono do investimento sexual na mãe propôs dois caminhos:

*O seu lugar pode ser preenchido por uma de duas coisas: uma identificação com a mãe ou uma intensificação de sua identificação com o pai (p. 46)*

Neste momento, Freud apresentou o desfecho do Édipo feminino como precisamente análogo ao Édipo masculino, onde a menina teria um desfecho através de uma *intensificação de sua identificação com a mãe* (p. 47) ou como uma outra possibilidade o surgimento de *tal identificação pela primeira vez* (p. 47). Este equívoco só será desfeito no texto de 1925, *Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos*.

Freud percebe que o modelo teórico ao qual recorreu para entender o processo melancólico parece não funcionar muito bem nos casos acima.

*Essas identificações não são o que esperaríamos [pela descrição anterior], visto que não introduzem no ego o objeto abandonado... (p. 47).*

Prosseguindo em suas investigações, percebe na mulher, através da análise, a evidência de um ideal masculino, uma identificação ao pai, objeto de amor abandonado. Um resultado esperado será também um desenvolvimento das disposições masculinas:

*... após ter de abandonar o pai como objeto de amor, colocará sua masculinidade em proeminência e identificar-se-á com seu pai (isto é, com o objeto que foi perdido), ao invés da mãe (p. 47).*

Surge o problema das disposições bissexuais, intervindo no sentido de qual destino terá o Édipo, se será *uma identificação com o pai ou com a mãe* (p. 47). O complexo de Édipo dito simples, não seria o mais comum, e um exame mais profundo do problema revelou um Édipo mais completo. Em virtude das disposições bissexuais, o complexo se apresentaria de forma tanto positiva como negativa, justificando sentimentos ambivalentes, bem como, escolhas objetivas em relação a ambos os pais. A questão da bissexualidade é, como disse

Freud, o elemento complicador para ter-se uma percepção mais ampla *dos fatos em vinculação com as primitivas escolhas de objeto e identificações* (p. 48). Surgiu então a dúvida se a ambivalência em relação aos pais era um produto da bissexualidade, e se ela teria um desenvolvimento a *partir da identificação em consequência da rivalidade* (p. 48)?

Como sabemos foi através da prática psicanalítica com seus pacientes que Freud foi construindo o corpo teórico da psicanálise, daí pode perceber que a maioria dos neuróticos apresentava o que chamou de complexo de Édipo completo. Disso resulta uma série onde, de um lado, surge o complexo positivo normal e em outro, o negativo invertido, sendo que, os intermediários apresentam a forma completa com a incidência de um, ou outro aspecto. Quando então chegasse o momento em que, segundo ele, o Édipo se dissolvesse, haveria portanto uma reunião dessas quatro tendências.

*Na dissolução do complexo de Édipo, as quatro tendências em que ele consiste agrupar-se-ão de maneira a produzir uma identificação paterna e uma identificação materna. A identificação paterna preservará a relação de objeto com a mãe que pertencia ao complexo positivo e, ao mesmo tempo, substituirá a relação de objeto com o pai, que pertencia ao complexo invertido; o mesmo será verdade, mutatis mutandis, quanto a identificação materna. A intensidade relativa das duas identificações em qualquer indivíduo refletirá a preponderância nele de uma ou outra das duas disposições sexuais* (p. 49).

Freud consegue, num passo final, organizar a questão das identificações no Édipo. Ressalte-se que, apesar de não estar claro no texto freudiano, persistem em qualquer indivíduo, identificações e investimentos de objeto simultâneos. A diferenciação dar-se-á apenas em relação à intensidade. Um rapaz do sexo masculino identificar-se-á com seu pai e manterá sua mãe como objeto de amor, entretanto, com menor intensidade também identificar-se-á com sua mãe e manterá seu pai como objeto de amor. Com a moça a mesma coisa se dará, ou seja, haverá uma preponderância da identificação à mãe e uma escolha de objeto em relação ao pai, e em menor intensidade uma identificação ao pai e uma escolha de objeto direcionada à mãe. Freud deixa entrever isto, numa passagem em que ele mesmo grifa:

*O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomada como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego* (p. 49).

Esta frase final remete-nos a questão da origem do ideal como um tipo especial de ligação com o pai pré- edípico, uma introjeção narcísica, um ideal herdeiro do narcisismo



original perdido ante a total impotência do neonato. O advento do Édipo vem marcar de forma definitiva essas identificações primárias desse casal ideal<sup>(3)</sup> os novos investimentos produzem novas identificações que vem consolidar o caráter masculino ou feminino, ou como disse, vem reforçar uma masculinidade ou feminilidade pré existentes no caráter.

Freud procurou apresentar a função do ideal como a origem do superego, onde o ideal do ego provém de uma identificação primária ao pai da pré-história pessoal e o superego surge do reforço desta identificação primária pelas identificações secundárias vindas da regressão ao ego, ao narcisismo, dos investimentos de objeto. Toda a questão do ideal como origem do superego reside na controvertida identificação primária, em o que seria de fato, o pai da pré-história pessoal? Surge então, à partir daí, uma discussão mais ampla à respeito do superego, que foi apresentado como uma instância que não era um mero resíduo dos primeiros investimentos objetais do id, funcionava também como uma vigorosa formação reativa contra esses investimentos do id.

*O superego parece nascer de uma transformação dos primeiros investimentos do id, bissexuais, que serão desenvolvidos independentemente no curso de uma certa pré história, que o complexo de Édipo vem atar, combinar, exacerbar, e que, finalmente, as identificações vem "destruir" substituindo-os* (Florence, 1976, p. 214).

Frente a certas escolhas do id a reação do ego se apresenta, não mais apontando um modelo ideal a ser seguido, mas também proibindo, interditando, o *você deveria ser*, inclui também o *você não pode ser*, ou de outra forma, você deve ser como seu pai, mas não pode fazer tudo que ele faz! Essa instauração do superego, que traz o modelo e a proibição, surge da necessidade do ego de recalcar os impulsos originários do Édipo. Isto aponta para a função de recalque que tem a identificação, função de acalmar as imposições do id - solução ideal utilizada pelo ego para conservar um objeto a despeito de seu desaparecimento ou interdição. Entretanto, o ego infantil não tem forças suficientes para reprimir os desejos edípicos, vai buscá-las no pai, tomando emprestado sua força. Curioso paradoxo, pois aquele que lhe barra o caminho do desejo é aquele a quem o ego infantil vai pedir um empréstimo. Assim, o superego conserva o caráter do pai e, como comentou Freud, quanto mais intenso for o Édipo e mais rápido for o recalçamento, maior será o poder do superego sobre o ego. O processo

---

<sup>(3)</sup> No estudo psicológico que fez sobre o presidente Wilson por volta de 1930, Freud novamente referiu-se a identificação primária nos seguintes termos: *As formações reativas contra os impulsos pulsionais recalçados desempenham um papel tão importante na construção do caráter quanto as duas identificações primárias com o pai e com a mãe* (Freud & Bullitt, 1938-66, p. 60).



educacional, o ensino religioso, que funcionam debaixo do exercício da autoridade, serão os que vão intensificar esse recalçamento, aumentando o poder e o rigor do superego sobre o ego, através da consciência severa e do sentimento inconsciente de culpabilidade. É importante acrescentar que o rigor do superego não está diretamente correlacionado ao rigor do pai, mas ao poder das pulsões edípicas, ainda que, em outros textos, a figura do pai tenha sido considerada elemento incrementador do rigor do superego.

Retomando a questão da origem do superego, vemos que este foi apresentado como o resultado de dois fatores, um biológico e outro histórico. O biológico como o longo tempo em que o ser humano encontra-se dependente de um outro, e o histórico relativo ao complexo de Édipo. Em virtude de sua prematuridade o neonato necessita da presença constante dos pais, assim como, em virtude do desenvolvimento da humanidade foram necessários acordos sociais para a vida em grupo. A divisão interna do ego, entre um ego e um ideal do ego ou superego, não existe ao acaso, ela é o produto do desenvolvimento do ser humano e de sua espécie.

Freud contestou os críticos, que o acusavam de ignorar as questões relativas ao lado *mais elevado* da natureza humana. Ao responder aos acusadores da psicanálise, lembrou que a função de incentivar o recalque sempre havia sido atribuída às tendências morais e estéticas do ego, bem como, só através da análise do ego é que se poderia apresentar um exame mais detalhado a respeito dos aspectos morais, dessa *essência superior* do homem. Esses aspectos superiores, essas naturezas mais elevadas, surgem através do ideal do ego ou superego, que vem representar o que foram as relações dos filhos com seus pais. As crianças quando pequenas ficam impressionadas com esses ideais elevados, elas os temem e admiram, e posteriormente tentam colocá-los em si.

*O ideal do ego, portanto, é o herdeiro do complexo de Édipo, e, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do id. Erigindo esse ideal do ego, o ego dominou o complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, colocou-se em sujeição ao id. Enquanto que o ego é essencialmente o representante do mundo externo, da realidade, o superego coloca-se em contraste com ele, como representante do mundo interno, do id. Os conflitos entre o ego e o ideal, como agora estamos preparados para descobrir, em última análise refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno (p. 51).*

Esse ideal do ego, que se torna no interior do ego o representante do mundo interno, é formado pela realidade dos destinos pulsionais do homem, um percurso em que as heranças arcaicas se ligam a herança individual. O ideal é o resultado do que a biologia e as contingências da raça humana estabeleceram no id e aquilo que o ego assume e reexperimenta

em relação a si. Os impulsos mais terríveis são transformados através da formação do ideal do ego em sentimentos elevados, em posições altruístas. O ideal do ego vai então poder dar conta, de toda a expectativa em relação aos mais elevados sentimentos do homem. Entretanto, dentro do aparelho psíquico freudiano é impossível encontrar um lugar comparável ao do ego, ou do id.

Freud retoma o problema da religião o qual coloca sob a ótica de um anseio pelo pai. As contundentes críticas que o indivíduo se faz vêm demonstrar a insatisfação do ego frente ao ideal, fomentando assim um sentimento de piedosa humildade. As autoridades, professores, preceptores, são os legítimos representantes do pai, seus discursos, exortações e proibições permanecem no ideal do ego e vão examinar muito criticamente as realizações do ego, são os problemas de consciência gerando os sentimentos de culpa, ingrediente extremamente necessário ao bom funcionamento do processo religioso.

*A tensão entre as exigências da consciência e os desempenhos concretos do ego é experimentada como sentimento de culpa. Os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, na base de possuírem o mesmo ideal do ego (p. 52).*

Nos fundamentos da natureza superior do ser humano encontramos a religião, a moralidade, os sentimentos sociais, a ciência e a arte. Freud deixou estas duas últimas de lado, e tentou mostrar que as três primeiras tem uma origem comum. As hipóteses teóricas postuladas em *Totem e Tabu* (1912-13), onde estas três formas culturais foram apresentadas, são retomadas. Elas foram adquiridas pela filogênese através do complexo paterno, ou seja, a religião e a moralidade ligadas a repressão do Édipo e os sentimentos sociais como uma formação reativa a hostilidade fraterna.

*Mesmo hoje os sentimentos sociais surgem no indivíduo como uma superestrutura construída sobre os impulsos de rivalidade ciumenta contra seus irmãos e irmãs. Visto que a hostilidade não pode ser satisfeita desenvolve-se uma identificação com o rival anterior. O estudo de casos brandos de homossexualidade confirma a suspeita de que também neste caso a identificação constitui substituto de uma escolha objetal afetiva que ocupou o lugar da atitude hostil, agressiva (p. 52).*

A religião é uma formação substitutiva de um anseio nostálgico pelo pai, a moralidade é a introjeção da autoridade paterna, de suas ordens e proibições, e o sentimento social, o espírito de grupo, a simpatia e a piedade, a transformação do ódio fraterno frente a preferência do pai. A identificação vem modificar esta hostilidade ao erigir no ego de cada um dos rivais, o mesmo objeto ideal, criando então a simpatia e a solidariedade. Freud, entretanto, se vê diante

da questão de saber se foi o ego, ou o id do homem primitivo que adquiriu a religião e a moralidade nos tempos passados, a partir do complexo paterno. A resposta à sua própria dúvida vem através de algumas percepções: a diferença entre o ego e o id é facilmente perceptível, até mesmo em outras espécies é notada a diferença entre um mundo externo e um interno, e o superego deriva das concepções do totemismo. Todavia, nada pode ser experimentado pelo id, até porque, somente pela via do ego pode algo ser apresentado ao id, daí não se poder dizer que haveria herança direta no ego. Nesse momento Freud faz alusão às dificuldades que se encontram muitas vezes entre a teoria e a prática, o que faz com que tente dentro da sua permanente preocupação com heranças e hereditariedades, encontrar um caminho que conjugue estas questões das heranças do ego e do id. Lembrando que *o ego é na verdade uma parte especialmente diferenciada do id* (p. 53), afirmou que, quando por gerações sucessivas, experiências intensas surgem para muitos indivíduos, estas experiências vividas pelo ego, podem transformar-se em experiências do id, cujas marcas podem ser preservadas através da herança. Por isso, à herança do id ligam-se restos de inúmeros outros egos, e o ego criando o superego à partir do id, pode estar talvez apenas *revivendo formas de antigos egos e ressuscitando-os* (p 53).

O surgimento do superego vem denunciar os conflitos permanentes entre o ego e os investimentos do id nos objetos, estes conflitos vão ser extensivos também ao superego, pois como exemplo, se o Édipo não foi seguramente recalçado pelas forças do ego, o retorno do recalçado fará com que surja no superego uma reação ainda maior, com vistas a conter as pulsões do id que estariam novamente em ação.

*A comunicação abundante entre o ideal e esses impulsos instintuais do Ids. soluciona o enigma de como é que o próprio ideal pode, em grande parte, permanecer inconsciente e inacessível ao ego. O combate que outrora lavrou nos estratos mais profundos da mente, e que não chegou ao fim devido à rápida sublimação e identificação, é agora continuado numa região mais alta, como a Batalha dos Hunos na pintura de Kaulbach* (p. 54).

Nas relações entre os componentes da estrutura na segunda tópica, surge ao final do texto, a importante questão da vertente inconsciente do superego, fazendo com que no diagrama da *Conferência XXXI* (1931-32) ele já surja em sua concepção definitiva.

Freud dedica o capítulo IV, *As Duas Classes de Instintos*, a examinar o funcionamento do ego frente as pulsões de vida e de morte. É, na verdade, uma tentativa de articular a segunda tópica, recém acabada, com a teoria dualista das pulsões. A identificação vai se apresentar como um processo, um trabalho do ego numa tentativa de conciliar o jogo pulsional sob as pressões do id, do superego e do mundo externo.

Teríamos então duas classes de pulsões <sup>(4)</sup> as sexuais ou Eros abrangendo,  
*... não apenas o instinto sexual desinibido propriamente dito e os impulsos instintuais de natureza inibida quanto ao objetivo ou sublimada que dele derivam, mas também o instinto autopreservativo, que deve ser atribuído ao ego...*  
 (p. 55).

Na outra classe de pulsões, difícil de precisar,  
*... viemos reconhecer o sadismo como seu representante... apresentamos a hipótese de um instinto de morte, cuja tarefa é conduzir a vida orgânica de volta ao estado inanimado...* (p. 55).

O processo pulsional estabeleceria, então, um jogo em que as duas classes de pulsões freqüentemente se fundem, se misturam, ligando-se de forma constante uma com a outra. Todavia, a fusão das pulsões admite a sua contrapartida que é a desfusão pulsional, do qual o sadismo é o seu melhor representante. Construção e destruição estariam sempre presentes no ser humano, Eros e Tanatos se aliam e se afastam num permanente movimento que representa a forma de vida do homem.

Freud vai assinalar que o componente sádico da pulsão sexual seria um bom exemplo da utilidade da fusão pulsional. O sadismo, caso surgisse de forma independente, levaria a uma perversão, caracterizando uma desfusão pulsional. Nesta perspectiva é possível obter uma compreensão sobre os diferentes graus da desfusão pulsional existente em cada situação psíquica. Podemos ver então que, na crise epilética, nas neuroses obsessivas graves, nas regressões libidinais da fase genital para a anal-sádica, o processo da desfusão das pulsões encontra-se presente e a serviço de Eros. Quanto a questão da ambivalência, processo fundamental na constituição de qualquer neurose, a probabilidade é de que ela represente, não uma desfusão de pulsões, mas uma fusão que não teria se completado.

As concepções freudianas baseiam-se nos acontecimentos do dia a dia da clínica, por isto, as vinculações entre a estrutura da segunda tópica, as pulsões, e o princípio do prazer podem ser perceptíveis. Entretanto, a distinção entre uma pulsão de vida e uma pulsão de morte não é de fácil percepção, pois na análise dos pacientes é difícil encontrar fatos que corroborem a existência da dualidade pulsional.

---

<sup>(4)</sup> No curso do texto utilizamos o termo *pulsão* ao invés de *instinto*, entretanto, nas citações será mantida a discutível tradução de *trieb* como *instinto*, conforme consta na ESB.

Retomando o apresentado em 1915, em *O Instinto e suas Vicissitudes*, Freud traz a polaridade entre o amor e o ódio, para tentar uma aproximação com o enigma da existência de Eros e Tanatos. Na vida cotidiana, bem como, na análise de pacientes, pode-se ver que o amor sempre tem o ódio como acompanhante devido a ambivalência de sentimentos que caracteriza a vida psíquica do homem. Dependendo das circunstâncias, o ódio se transforma em amor e o amor em ódio. Aqui surge o problema da identificação como a transformação a ser operada no ego, com vistas a poder organizar as questões oriundas da ambivalência. O mecanismo da paranóia nos sugere um caminho explicativo, já que o paciente desvia, através de um delírio de perseguição, uma paixão homossexual. O amado passa a ser o odiado perseguidor, contra o qual serão lançadas as maiores injúrias. A vertente do ódio (da ambivalência) surge, e é projetada no objeto. No trabalho sobre os grupos, a homossexualidade e os sentimentos sociais dessexualizados foram apresentados como tendo a acompanhá-los fortes sentimentos de hostilidade, que entretanto, deveriam desaparecer. Esta agressividade pode ser superada se, o objeto do ódio através do trabalho interno do ego, for transformado em objeto de identificação, não implicando por parte do objeto externo nenhuma alteração de comportamento.

*... após estes (as inclinações agressivas) terem sido superados, o objeto anteriormente odiado se torna amado ou dá origem a uma identificação (p. 59).*

A impossibilidade de satisfazer o ódio contra os rivais no grupo, favoreceriam o amor e a identificação. O motivo da transformação do ódio em amor seria puramente econômico, e não se daria de forma direta, pois seria incompatível com a diferença de qualidade existentes entre as pulsões de ligação e destrutivas.

Torna-se importante recorrer a contribuição de Florence (1978) para caracterizar uma diferenciação entre a identificação e a projeção.

*O recalçamento do amor homossexual, pelo eu, se opera não por uma identificação a essa pessoa, mas pela representação de um processo inverso, de uma espécie de uma des-identificação - a projeção - à favor do deslocamento da carga energética, precedentemente fixada de forma prevalente aos componentes eróticos da "mistura", sobre os componentes destrutivos (p. 233).*

Florence utiliza-se para este cotejamento o que foi apresentado em *Luto e Melancolia* (1915-17), onde Freud situou a hostilidade inconsciente do melancólico como uma raiva, não contra os que estão em volta, como na paranóia, mas contra o próprio ego.

Freud propõe a existência de, *na mente - no ego ou no id - uma energia deslocável* (p. 59). Esta energia poderia então ser conectada com a pulsão erótica ou com a pulsão

destrutiva, aumentando o poder de investimento sobre o objeto ou sobre o ego. Esta energia, uma espécie de Eros dessexualizado, provém da reserva de libido narcisista e funciona, tanto no id, como no ego. Uma espécie de Eros, porque a observação clínica tem demonstrado que as pulsões eróticas tem uma maior plasticidade, subjugadas que são ao princípio do prazer produzem os mais variados desvios e deslocamentos a fim de *neutralizar bloqueios facilitar a descarga* (p. 60). As pulsões destrutivas não conhecem esta mobilidade. As vias para a descarga são de certa forma indiferentes, no curso de uma análise as transferências eróticas não tem preferência por um objeto, elas podem se apresentar sobre qualquer objeto. Ao ego é que então ficaria o encargo de escolha do objeto, bem como, a via para a descarga.

Em virtude da principal característica do ego ser a tendência à unidade, ele se apresenta como objeto a ser investido por Eros, cuja finalidade é a união, a ligação. O ego trabalha no sentido da unidade, no sentido de impedir o processo de estagnação da pulsão destrutiva, pela transformação da pulsão erótica em libido dessexualizada, sublimada. A atividade do pensamento do ego, suprida por essa energia erótica sublimada, demonstra a grande capacidade de deslocamento dessa energia.

A sublimação da motivação erótica, como havia dito Freud anteriormente, era um trabalho feito através da mediação do ego.

*Será recordado o outro caso, em que o ego trata com as primeiras catexias objetais do id (e certamente as posteriores, também), retirando a libido delas para si próprio e ligando-as à alteração do ego produzida por meio da identificação. A transformação [de libido erótica] em libido do ego naturalmente envolve um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização* (p. 61).

Ao apoderar-se da libido dirigida aos objetos, o ego através do processo identificatório apresenta-se ao id como objeto de amor, entretanto, ao fazer isto o ego coloca-se em oposição aos interesses da pulsão erótica. Como nota Freud, isto implica em uma amplificação da teoria do narcisismo, surgindo o ego como constituído de um narcisismo secundário, originário das catexias de objeto, com os quais se identificou. O ego apodera-se das catexias emanadas do id e impõe-se a ele, id, para ser amado no lugar (identificado ao) do objeto. Na sua luta para dessexualizar, sublimar parte das pulsões de Eros, o ego auxilia o id, dominado pelo princípio do prazer, a dominar as tensões produzidas pela *libido - a força que introduz distúrbios no processo de vida* (p. 62).

O último capítulo deste ensaio, *As Dependências do Ego*, teve a pretensão de ser uma síntese, feita através do apoio na clínica psicanalítica. É o lugar onde Freud conclui a teoria da



identificação. É também o lugar do problema da culpa, da angústia e da diferença dos sexos. Vejamos a síntese com que inicia o capítulo:

*Assim, temos afirmado repetidamente que o ego é formado, em grande parte, a partir de identificações que tomam o lugar de catexias abandonadas pelo id; que a primeira dessas identificações sempre se comporta como uma instância especial no ego e dele se mantém à parte sob a forma de um superego; enquanto que posteriormente, à medida que fica mais forte, o ego pode tornar-se mais resistente às influências de tais identificações. O superego deve sua posição especial no ego, ou em relação ao ego, a um fator que deve ser considerado sob dois aspectos: por um lado, ele foi a primeira identificação, uma identificação que se efetuou enquanto o ego ainda era fraco; por outro, é o herdeiro do complexo de Édipo e, assim, introduziu os objetos mais significativos no ego (p. 64).*

O superego com o passar dos anos, mantém-se ainda aberto às influências de fora, entretanto, preserva para sempre, o caráter originado do complexo paterno, ou seja, a capacidade de manter o ego submisso e dominado. Isso nada mais é do que, a revivência da antiga submissão da criança ante as ordens paternas. Mas o superego, surgido através os primeiros investimentos objetais do id e do Édipo, apresenta-se como uma *reencarnação de antigas estruturas do ego que deixaram os seus precipitados no id* (p. 65). Então pode-se depreender que o superego encontra-se perto do id, e funciona por vezes como seu representante frente ao ego, denunciando um total afastamento da consciência.

Freud, através da prática clínica, vai observar o que denominou de reação terapêutica negativa, onde a questão do sentimento inconsciente de culpa aparece como um enigma a ser decifrado. No curso do tratamento, alguns pacientes a medida que progridem mostram desconforto e descontentamento em relação ao analista e ao seu método. Esta resistência ao bom andamento da análise, esta força contrária ao restabelecimento, mantém o paciente firmemente aferrado ao seu sintoma, denunciando a existência de um perigo desconhecido. Nota-se então a existência de um sentimento de culpa, que através da manutenção do sintoma, que acarreta sofrimento e dor, encontra satisfação. O sentimento culpógeno permanece inconsciente e apenas percebe-se os seus efeitos - a resistência ao tratamento e a melhora. As dificuldades para a superação de tal reação negativa por parte do paciente são muito grandes, pouco se pode fazer a não ser tentar, pouco a pouco, desvendar as origens recalçadas e trazê-las à consciência. Freud apresenta uma possibilidade de sucesso:

*Tem-se uma oportunidade especial para influenciá-lo quando esse sentimento de culpa lcs. é "emprestado" - quando é produto de uma identificação*



*com alguma outra pessoa que foi outrora objeto de uma catexia erótica. Um sentimento de culpa que foi dessa maneira adotado, freqüentemente constitui o único traço remanescente da relação amorosa abandonada e de modo algum é fácil reconhecer como tal (p. 66).*

Este processo é idêntico ao da melancolia, e toda a questão se resume em descobrir à quem o paciente, no passado, dirigiu seu amor. Este objeto amoroso perdido, e como tal introjetado por uma identificação, é o motivo da culpa, que por ser inconsciente lhe escapa a percepção. A análise visaria então trazer a tona essa antiga identificação, a qual pela vertente do ódio referido a ambivalência de sentimentos, produziu uma sensação de culpa. Como frisou Freud, o sentimento de culpa consciente, o escrúpulo de consciência é facilmente percebido, ele se origina de um conflito entre o ego e a instância ideal que o critica. Pode ser visto de forma clara, tanto na melancolia, quanto como na neurose obsessiva, quando o ideal do ego, de forma sádica, imputa ao ego culpa. Entretanto, o obsessivo tenta junto ao analista recursos para negá-la, apesar de nada conseguir, pois os fatores que levam o ideal a julgá-lo, permanecem inconscientes. Diferentemente age o melancólico, o qual encontra no mundo externo uma justificativa para sua culpa, daí submeter-se ao castigo imposto pelo superego de forma resignada.

*Na neurose obsessiva, o que estava em questão eram impulsos censuráveis que permaneciam fora do ego, enquanto que na melancolia o objeto a que a ira do superego se aplica foi incluído no ego mediante uma identificação (pp. 67-8).*

Na neurose o ego se revolta contra a imputação da culpa, ignora sua origem, mas não se cala. É como se o superego estivesse resignado às pulsões recalçadas e o ego não. Na melancolia, o ego se sente verdadeiramente culpado, ele é devorado pela culpa em virtude de uma identificação com o objeto da pulsão destrutiva.

Na histeria, o sentimento de culpa é inconsciente pois as críticas do superego ao ego, fazem com que este último se defenda de uma percepção penosa, da mesma forma que o faz, quando frente a uma catexia objetal insuportável - ele recalca. A responsabilidade, neste caso, de o sentimento de culpa permanecer inconsciente, é do ego. Como assinala Freud, o ego muitas vezes efetua recalcamientos a serviço e por ordem do superego, entretanto, na histeria ele se volta contra seu senhor. Ele mantém afastado aquilo que lhe gera culpa.

O sentimento de culpa se origina das pulsões geradoras do complexo de Édipo, sendo o seu recalçamento o responsável pelo aspecto inconsciente da culpa. A consciência vincula-se ao Édipo, o qual permanece inconsciente. A intensidade desses sentimentos pode levar um

homem ao crime. O crime é o meio pelo qual o homem pode dar forma real, à uma angústia de culpa inconsciente, insustentável.

*É como se fosse um alívio poder ligar esse sentimento inconsciente de culpa a algo real e imediato (p. 69).*

Estas manifestações atestam a autonomia do superego frente ao ego consciente, e a estreita ligação existente com o id. O superego é uma diferenciação do ego que entretanto, mantém uma explosiva proximidade com o id. Freud chama a atenção para que, tanto o superego, como o ego, não podem negar a influência dos resíduos verbais pré-conscientes. O superego como uma parte diferenciada do ego é afetado pela consciência pela via do discurso, entretanto, é o id que fornece a energia para o investimento nesses discursos oriundos da educação e da leitura. Esta é a dupla origem do superego interior e exterior. É o herdeiro do complexo de Édipo, bem como, encontra também sua origem nos ditos e interditos dos pais. Vejamos a passagem de Florence (1978):

*Interiorização da instância parental, da força dos interditos, onde a severidade é sustentada pela importância da ameaça de castração, o superego tira assim sua força de investimento do id. (...) é a complexidade do processo de identificação onde ninguém contesta que ele é o mecanismo produtor do superego. Processo intermediário entre o exterior (a instância parental, as vozes, a sociedade) e o interior (investimento pulsional, as pulsões de vida, as pulsões de morte, masoquismo, sadismo) (pp. 239- 40).*

O processo identificatório é um processo transformador, transformador do afeto, das representações e das pulsões. Enquanto transformador do afeto, tanto pode espalhar ou precipitar a angústia, enquanto transformador das representações, associa os significantes referidos aos interditos paternos a voz da consciência, e finalmente enquanto transformador das pulsões, fica referido ao recalçamento, a dessexualização e a sublimação.

Na seqüência do texto, Freud vai abordar a questão do sadismo do superego e do masoquismo do ego. Ele se pergunta qual é a relação entre a crítica do superego e o sentimento de culpa no ego, pois o sentimento de culpa seria a sensação resultante desta crítica, por vezes extremamente severa, por parte do superego. As duas enfermidades em que a culpa tem um papel predominante ajudam a elucidar certas questões. Na melancolia podemos ver um superego poderoso frente a um ego fragilizado e submetido. O superego apoiado na realidade se apossa de todas as possibilidades sádicas da pessoa em questão, fazendo com que o ego seja impiedosamente massacrado através de ininterruptas imputações de culpa. O sadismo é na verdade como percebeu Freud, o mais legítimo representante da pulsão destrutiva, daí se pode dizer que o que domina o superego do melancólico é a pulsão de morte.

Pulsão que é capaz de incentivar o ego à morte, que só se livra dela, se conseguir através da transformação em mania, livrar-se a tempo de seu feitor.

É necessário aqui recorrer ao texto *O Problema Econômico do Masoquismo*, escrito no ano seguinte, 1924, onde Freud esclarece a ligação do superego com o ego, na parte dedicada ao masoquismo moral. O sadismo do superego é da ordem do consciente, enquanto o masoquismo do ego permanece inconsciente, e só se tem acesso a esse masoquismo através de inferências. A importância do Édipo fica ressaltada na medida em que lança no ego a instância paterna, o casal parental com suas exigências e punições. A sublimação das pulsões edípicas favorece o surgimento do superego, entretanto, provoca também de forma perigosa uma des fusão das pulsões. Como conclusão, Freud dirá que, o masoquismo moral é o legítimo representante de existência da fusão da pulsão. Entretanto há um perigo, pois ele é originário da pulsão de morte e corresponde a parte que não foi colocada no mundo externo, permanecendo no superego. Porém, ela também apresenta uma vertente erótica, daí haver uma satisfação libidinal na própria destruição.<sup>(5)</sup>

Quanto as doenças da culpa, vemos que o obsessivo também se atormenta e se angustia com a sensação de culpa, entretanto, diferentemente do melancólico ele não dá o passo ao suicídio. Ele não se submete facilmente a esse superego sádico, ele luta, ele se revolta contra ele. Como se sabe, a segurança do ego deve-se ao investimento no objeto. No melancólico o objeto é introjetado mediante uma identificação, na neurose obsessiva há uma des-identificação, uma formação reativa. Há uma regressão à fase anal-sádica do obsessivo que transforma o amor ao objeto em ódio, ódio desconhecido do ego, mas bem evidente ao olhar do superego. A pulsão de morte livre tenta destruir o objeto. Estabelece-se uma luta na qual o ego não aceita como seu, o desejo destrutivo, ele luta através de *formações reativas e medidas precautórias* (p. 70). O superego, entretanto, atua sobre o ego como se este fosse o responsável pela destruição, pune o ego, não admitindo que a regressão produziu um efeito de transformação de amor em ódio. As conseqüências percebidas são que o ego tenta, em vão, livrar-se da pressão do id assassino e do superego punitivo. Na verdade o que consegue apenas é livrar-se das ações mais grosseiras, todavia, inflige um interminável suplício a si, bem como, sistematicamente tortura o objeto.

Vejamos a conclusão de Freud a respeito da forma com que são tratadas as pulsões destrutivas pelo homem:

---

<sup>(5)</sup> Freud discorreu extensamente sobre o masoquismo moral no texto sobre *O Problema Econômico do Masoquismo* (1924, pp. 210-12).

*... em parte são tornados inócuos por sua fusão com componentes eróticos; em parte são desviados para o mundo externo sob a forma de agressividade; enquanto que em grande parte continuam, sem dúvida, seu trabalho interno sem estorvo (p. 70).*

Tomando a questão da moral pela vertente pulsional, pede-se dizer que o id é amoral, o ego tenta ser moral e o superego supermoral, tão cruel quanto o id pode ser. Quanto mais o ser humano consegue um controle sobre sua agressividade, mais agressivo ele se torna em relação ao seu ego, é um deslocamento da agressividade. Mesmo a moral comum implica numa boa dose de restrições, de proibições, criando também, por projeção, um ser superior, um superego que impõe os castigos de forma premente.<sup>(6)</sup>

Vejamos mais uma vez a questão do surgimento do superego a partir de uma identificação ao modelo paterno.

*O superego surge, como sabemos, de uma identificação com o pai tomado como modelo. Toda identificação desse tipo tem a natureza de uma dessexualização ou mesmo de uma sublimação. Parece então que, quando uma transformação desse tipo se efetua, ocorre ao mesmo tempo uma desfusão instintual. Após a sublimação, o componente erótico não mais tem o poder de unir a totalidade da agressividade que com ele se achava combinada, e esta é liberada sob a forma de uma inclinação à agressão e à destruição. Esta desfusão seria a fonte do caráter geral da severidade e crueldade apresentado pelo ideal - o seu ditatorial "farás" (p. 71).*

Essa desfusão das pulsões faz com que os componentes sexuais investidos no objeto, através o processo identificatório, tornam-se investimento narcísico, libido do ego. Não podem então imobilizar a pulsão destrutiva com as quais estavam originalmente fusionados. A duplicidade existente no superego, *seja como ele - não seja como ele*, encontra apoio nessa dissociação de Eros e Tanatos, contida no investimento primordial dos pais. Disso temos toda a agressividade do *imperativo categórico de Kant - tu deves*.

Como foi visto no obsessivo, a desfusão não foi operada pelo ego, mas foi estabelecida no id por meio de uma regressão à fase anal-sádica. O processo, entretanto, alcançou o superego que, munido da pulsão destrutiva ataca o ego. Todavia, da mesma forma que na melancolia, o ego, pela identificação, consegue controlar a libido, sendo então atacado pelo superego através da pulsão de morte que se desprende de Eros.

---

<sup>(6)</sup> Este assunto foi amplamente debatido em *O Mal-Estar na Civilização* (1930).

*Pareceria, contudo, que nesse caso (neurose obsessiva), não menos que no da melancolia, o ego, tendo ganho controle sobre a libido por meio da identificação, é punido pelo superego por assim proceder, mediante a instrumentalidade da agressividade que estava mesclada com a libido (pp. 71-2).*

Freud apresenta o ego como uma instância com forças e fraquezas. Em relação a sua parte forte, o ego tem o poder de, ordenar temporalmente e submeter ao teste de realidade, o que foi percebido, podendo assim adiar descargas motoras e controlar a motilidade. O ego é enriquecido por tudo que vem, não só do mundo externo, como do id, o qual ele tenta colocar sob seu domínio. A libido é retirada do id, bem como, as catexias objetais são transformadas em estruturas do ego. O superego se vale das situações arcaicas armazenadas no id. As pulsões do id penetram no ego de forma direta ou intermediadas pelo superego. O ego percebe as pulsões e as controla, obedece ou inibe. Uma grande parte dessas pulsões é utilizada pelo ideal do ego, que constitui uma formação reativa contra elas. Em relação a suas fraquezas, o ego submete-se a três senhores, *o mundo externo, a libido do id e a severidade do superego* (p. 72-3). Esta obediência ocasiona uma angústia que assume três diferentes formas. Em relação ao id o ego tenta mostrar-se cordato, por meio da sua atividade tenta atender as exigências do id, colocando-se muitas vezes como objeto a ser amado, tal como podemos ver nos processos identificatórios relativos a uma perda. Entretanto ele não é só isso.

*Ele não é apenas um auxiliar do id; é também um escravo submisso que corteja o amor de seu senhor (p. 73).*

A posição do ego segundo Freud é *a meio caminho entre o id e a realidade* (p. 73), ele tenta harmonizar as imposições do id com a premência da realidade, bem como, arbitrar os conflitos do id com o superego.

*... muito freqüentemente se rende a tentação de tornar-se sicofanta, oportunista e mentiroso, tal como um político que percebe a verdade, mas deseja manter seu lugar no favor do povo (p. 73).*

Em relação as pulsões, o ego toma medidas que o auxiliam a conviver com essas forças oriundas do id.

*Mediante seu trabalho de identificação e sublimação, ele ajuda os instintos de morte do id a obterem controle sobre a libido, mas, assim procedendo, corre o risco de tornar-se objeto dos instintos de morte e de ele próprio perecer. A fim de poder ajudar desta maneira, ele teve que acumular libido dentro de si; torna-se assim o representante de Eros e, doravante, quer viver e ser amado (p. 73).*

As pulsões destrutivas arrebatadas pelo superego podem entretanto, levar ao aniquilamento do ego. Na sua tentativa de atender ao id, o ego é fortemente atacado pelo superego. Freud coloca o ego como o lugar da angústia, como resultado de sua constante fuga dos perigos oriundos do id, do mundo externo e do superego. Todavia, é do superego que vem o maior temor, o medo da voz da consciência talvez seja o que lhe causa maior angústia. Medo este, que surge em associação ao ser superior de outrora que o ameaçava de castração, este é o núcleo junto ao qual vem se agrupar o temor da consciência.

Em relação ao medo da morte, este só pode ser compreendido tendo-se em vista a relação do ego com o superego. Freud mais uma vez busca apoio na melancolia para entender este encontro do ego com o superego. Para o ego a razão de sua existência é ser amado, se por acaso se sente odiado, desprezado, se abandona e se deixa aniquilar. Ser amado, é ser amado pelo superego, que aqui funciona como um representante do id, é a instância do ideal pela qual se mede o ego, que dá a justa medida do seu valor. Se esta instância, como no caso do melancólico, o vilipendia, o maltrata, nesta identificação com o objeto (para agradar o id), o ego perece. As funções de proteção no passado atribuídas ao pai, posteriormente a providência divina, foram encampadas pelo superego. Contudo, se o ego não tem a que recorrer, se não tem quem o proteja está fadado a morte. Então o medo da morte, tanto como o medo da consciência é o antigo temor à castração.

No id, Eros e Tanatos se degladiam, a silenciosa pulsão de morte que quer levar o organismo de volta ao inorgânico, à ausência total de energia, luta contra *Eros, o promotor de desordens* (p. 76).



## XV - A CULPA FRENTE AO PAI

Dostoievski e o Parricídio (1927-28).

O ensaio foi escrito em 1927 destinado a ser uma introdução para *A Versão Original de Os Irmãos Karamassovi*, publicado no outono de 1928. Neste texto Freud faz um exame das crises histéricas, associando-as à epilepsia, mostra o sentimento de culpa e o conseqüente desejo de punição como decorrentes do complexo de Édipo. Deste trabalho limitar-nos-emos a assinalar as questões da identificação relativas ao masoquismo do ego e ao sadismo do superego.

O tema do parricídio está presente associado ao desejo edípico, onde, no íntimo de qualquer ser humano há um desejo de morte do pai, ou seja, todo ser humano é, na verdade, um parricida em potencial. Dostoievski, segundo Freud, sofria de uma histeroepilepsia, isto é, uma histeria grave, ou em outra denominação, uma epilepsia afetiva. As crises do escritor russo são interpretadas por Freud como punições e ataques de morte.

*Conhecemos o significado e a intenção dessas semelhantes à morte. Significam uma identificação com uma pessoa morta, seja com alguém que está realmente morto ou com alguém que ainda está vivo e que o indivíduo deseja que morra. O último caso é o mais significativo. A crise possui então o valor de uma punição. Quisemos que outra pessoa morresse; agora somos nós essa outra pessoa e estamos mortos. Nesse ponto, a teoria psicanalítica introduz a afirmação de que, para um menino, essa outra pessoa é geralmente o pai, e de que a crise (denominada histérica) constitui assim uma autopunição por um desejo de morte contra um pai odiado (p. 211).*

Conforme atestou Freud em *Totem e Tabu* (1912-13), o parricídio é o crime primordial e como tal fonte de todo o sentimento de culpa do homem. Esta culpa gera uma necessidade de punição, de expiação. Em virtude da ambivalência de sentimentos em relação ao pai, tanto o deseja, quanto gostaria de estar em seu lugar, ao lado da mãe.

*As duas atitudes mentais se combinam para produzir uma identificação com o pai; o menino deseja estar no lugar do pai porque o admira e quer ser como ele, e também por desejar colocá-lo fora do caminho (p. 212).*

Entretanto, a tentativa de rivalizar com o pai pode leva-lo a castração, a morte, que podem ser a indiferença e o desamor. Contudo, este sentimento parricida permanece inconsciente e constitui a base da culpa. Essa situação edípica sofre um processo de



recalcamento e com isso deixa marcas, que apesar de inconscientes, atuam permanentemente no ego.

*Há algo de novo a ser acrescentado, a saber: que, apesar de tudo a identificação com o pai finalmente constrói um lugar permanente para si mesma no ego (p. 213)*

A parte do ego alterada pela identificação ao ideal é o superego, como afirmou anteriormente, o herdeiro do complexo de Édipo. O superego assume o caráter do pai, adota freqüentemente uma atitude sádica para com o ego que se apresenta masoquista, totalmente passivo. O ego ao depender do superego, se oferece como uma vítima masoquista que goza dos maus tratos infligidos pelo outro. É de Freud a afirmação de que o castigo é na verdade uma forma de castração, uma reedição da antiga passividade frente ao pai.

*Seus sintomas precoces de crises semelhantes à morte podem ser assim compreendidos como uma identificação paterna por parte de seu ego, a qual é permitida pelo superego como punição. "Você queria matar seu pai, a fim de ser você mesmo o pai. Agora, você é seu pai, mas um pai morto" - o mecanismo regular dos sintomas histéricos. E além disso: "Agora, seu pai está matando você" (p. 214).*

Quanto ao ego, a crise epileptiforme produz um gozo masoquista em relação ao desejo, *indevido*, de querer ocupar o lugar do pai. O superego se satisfaz sadicamente nesta acusação implícita ao ego, no momento da crise. A relação de Dostoievski com seu pai é reeditada numa relação do ego com o superego. *O ego e o super ego levam avante o papel de pai (p. 214)*. Como se depreende, esta posição de dependência do ego frente ao superego, faz parte das concepções examinadas em *O Ego e o Id* (1923). Dostoievski era filho de um pai cruel e violento, o que segundo Freud fez com que as fantasias edípicas se reacendessem, alimentando assim a antiga rivalidade infantil.

*As crises de Dostoievski assumiram então um caráter epilético; ainda, indubitavelmente, significavam uma identificação com o pai como punição, mas se tinham tornado terríveis, tais como a própria morte assustadora do pai (p. 215).*

A horda primeva se faz presente nesta sensação de júbilo e liberdade, a morte do pai é comemorada, *na aura da crise epilética, um momento de felicidade suprema é experimentado (p. 215)*, entretanto o castigo vem imediatamente após.

Dostoievski foi condenado pelo czar a trabalhos forçados na Sibéria. Segundo Freud, é bem possível que lá não tivesse experimentado suas crises, visto que a punição já era

suficiente. Aceitou essa injusta condenação como uma forma de espiar seu pecado contra o pai. Na verdade ele nunca se livrou da sensação de culpa frente ao desejo de matar o pai. O representante paterno, no caso o czar, ao puni-lo, reconfortou-o da culpa, tal como no caso de muitos criminosos, que buscam a punição através das instituições sociais, a fim de se livrarem de ter que, eles próprios, se infligirem a pena. Atendem ao seu superego e se poupam do trabalho.

*Difícilmente pode dever-se ao acaso que três das obras-primas da literatura de todos os tempos - Édipo Rei, de Sófocles; Hamlet, de Shakespeare; e Os Irmãos Karamassovi, de Dostoievski - tratem todas do mesmo assunto, o parricídio. Em todas três, ademais, o motivo para a ação, a rivalidade sexual por uma mulher, é posto a nu (p. 217).*

Freud nos diz que o autor russo se utiliza de alguns deslocamentos, o outro que comete o assassinato tem a mesma relação filial que tem Dimitri, bem como, a rivalidade sexual é colocada de forma aberta. A questão da epilepsia atribuída pelo autor ao personagem, era segundo Freud, uma tentativa de confessar, que ele, Dostoievski, era um parricida. A benevolência com que é tratado o criminoso, revela a posição de um herói que tomou a si o encargo de libertar os outro do castigo.

*Não há necessidade de que alguém mate, visto que ele já matou, e há de ser-lhe grato; não fosse ele, ver-nos-íamos obrigados a matar. Isso não é apenas piedade bondosa, mas ima identificação com base em impulsos assassinos semelhantes - na realidade, um narcisismo ligeiramente deslocado (p. 219).*

Esta seria então a forma do prazer proporcionado pela leitura deste tipo de texto, a identificação com o personagem que faz o que o leitor gostaria de fazer, que da mesma forma que no teatro, mobilizaria e purgaria as emoções através da identificação ao herói<sup>(1)</sup>. Freud apresenta Dostoievski como um autor dominado pela culpa frente ao pai, culpa evidentemente não percebida, que entretanto o faz ver com olhos condescendentes os criminosos. *A simpatia por identificação* (p. 219) foi a motivação para a obra do russo, que como lembra Freud, iniciou pelo criminoso comum, passou pelo criminoso político e religioso e finalmente chegou ao parricida, através de uma grandiosa obra literária. Esta foi a forma que Dostoievski utilizou para viver, penitenciando-se a cada passo. Quando aplacava seu sentimento de culpa através de castigos, como as crises, a prisão e o jogo, quando ficava sem nada, ele então se permitia escrever.

---

<sup>(1)</sup> Em 1905 ou 1906 Freud escreveu *Tipos Psicopáticos no Palco*, onde aborda a questão do teatro como um prazer derivado da identificação ao herói, permitindo com isso um alívio das emoções.

## XVI - MASCULINO E FEMININO, QUESTÃO DE QUANTIDADE

A Organização Genital Infantil (1923b), A Dissolução do Complexo de Édipo (1924), Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica (1925), Sexualidade Feminina (1931), Conferência XXXIII - Feminilidade (1932) e Esboço de Psicanálise - capítulo VII (1938).

O texto de 1923 *A organização Genital Infantil*, que como apontou Freud, é um acréscimo aos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, traz uma contribuição decisiva para a teoria da identificação - a questão do falo. Algo que marca uma diferença entre, uma organização genital infantil e uma organização genital final do adulto.

*Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo (p. 180).*

Um menino, sem dúvida, percebe uma diferença entre os órgãos genitais dos homens e das mulheres, mas não a percebe em relação ao seu órgão. Ele possivelmente pressupõe, que todos os seres, vivos ou não, tem um órgão sexual igual ao seu. Por ser altamente excitável ele domina todo o seu pensamento, levando-o a uma incessante pesquisa a respeito do órgão em causa. Esta incansável curiosidade sexual, esta pulsão de investigação - querer ver, comparar, tocar, é a expressão da futura força pulsional masculina. A percepção da falta de um pênis nas meninas produzirá uma recusa. Uma recusa que o levará a uma fantasia de que o pênis ainda surgirá, deverá crescer, e aos poucos, numa reação extremamente significativa admite uma existência anterior - ele estivera lá e foi retirado! A falta de um pênis seria o resultado de uma castração. Um pensamento desagradável instala-se no menino - o mesmo pode lhe acontecer! Vejamos a conclusão de Freud:

*Parece-me, porém, que o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia fálica for também levada em consideração (p. 182).*

Freud chama atenção para o fato de que o nascimento, a perda do seio, a entrega das fezes, não poderiam, por si só, serem consideradas como feridas narcísicas. Só após a vinculação dessas perdas ao órgão masculino é que se poderia falar de um complexo de castração.

A observação da ausência de um pênis nas mulheres, não leva a criança a uma generalização de que todas as mulheres não têm pênis. Ela fantasia que apenas algumas

mulheres, possivelmente indignas, desprezíveis, não tem pênis, e se não o tem, foi como castigo por esses atos injuriosos. Sua mãe, sem dúvida, tem pênis.

Aqui caberia um comentário, já que nesta passagem há uma nota em que Freud aponta uma semelhança com a famosa nota de rodapé acrescentada em *O Ego e o Id* (1923a), na qual Freud faz alusão a uma identificação aos pais, ao referir-se a questão da identificação primária, ao pai da pré-história pessoal. Vejamos as duas passagens, a primeira apresentada neste texto *A Organização genital Infantil* (1923b):

*Aprendi com a análise de uma jovem esposa que não tinha pai, mas diversas tias, que ela se aferrava, até muito adiante no período de latência, à crença de que sua mãe e tias tinham um pênis. uma dessas últimas, porém era oligofrênica, e ela a via castrada, como ela própria se sentia ser (p. 183).*

A segunda apresentada em *O Ego e o Id* (1923a):

*Talvez fosse mais seguro dizer "com os pais", pois antes de uma criança ter chegado ao conhecimento definitivo da diferença entre os sexos, a falta de um pênis, ela não faz distinção de valor entre o pai e a mãe. Recentemente deparei-me com o caso de uma jovem casada cuja história demonstrava que, após notar a falta de um pênis nela própria, imaginara que ele estivesse ausente, não em todas as mulheres, mas apenas naquelas a quem encarava como inferiores, e supusera ainda que sua mãe possuía pênis (p. 45).*

Segundo Freud somente mais tarde, quando a criança percebe que é das mulheres que nascem os bebês, ela acata a idéia de uma mãe sem pênis, formulando uma teoria a respeito da troca de um pênis por um bebê.

*A vagina é agora valorizada como o lugar de abrigo do pênis; ingressa na herança do útero (p. 184).*

O segundo texto da série, *A Dissolução do Complexo de Édipo* (1924), liga a questão fálica e a castração com o problema das identificações, fornecendo assim a posição sexual, tanto masculina, quanto feminina. A importância do complexo de Édipo na primeira infância é imensa, entretanto, ele sofre as influências da repressão ocasionando o advento do período de latência.

*A menina gostaria de considerar-se como aquilo que seu pai ama acima de tudo o mais, porém chega a ocasião em que tem de sofrer da parte dele uma dura punição e é atirada para fora de seu paraíso ingênuo. O menino encara sua mãe como sua propriedade, mas um dia descobre que ela transferiu seu amor e sua solicitude para um recém chegado (p. 217).*

Freud imaginava que esta satisfação das crianças ante seus pais não era duradoura, fazendo com que eles perdessem a esperança de realizarem este tipo de conluio amoroso com eles. O Édipo, impedido de realização, ia aos poucos sendo abandonado. Não foi também excluída a hipótese hereditária, Freud afirmava que havia lugar para *a visão ontogenética lado a lado com a filogenética* (p. 218).

Conforme assinala Freud, apenas o órgão sexual masculino é considerado na fase fálica. Esta fase é contemporânea do Édipo e não se desenvolve, fica como que suspensa, em estado latente. A percepção, por parte dos meninos, de uma ausência de pênis nas meninas, dá forma e representação as ameaças advindas das práticas masturbatórias, admoestações emanadas principalmente de mulheres, não obstante serem apoiadas em referências ao pai ou ao médico. Só posteriormente percebe-se os efeitos dessas ameaças, contudo, as ameaças não se prestam a por fim a masturbação. Essas ameaças vão facilitar o abandono da fase fálica, todavia a criança não aceita, ou não obedece de imediato a elas. Somente à vista dos órgãos sexuais femininos é que o menino, ao mesmo tempo em que resignifica as experiências passadas do nascimento, da perda do seio, impressiona-se com a possibilidade de ser castrado. É a excitação sexual desses encontros edipianos que promove a possibilidade das práticas masturbatórias, como a forma de descarregar esta excitação. O complexo de Édipo apresenta duas formas de satisfação, uma passiva e outra ativa.

*Ela poderia colocar-se no lugar de seu pai, à maneira masculina, e ter relações com a mãe, como tinha com o pai, caso em que cedo teria sentido o último como um estorvo, ou poderia querer assumir o lugar da mãe e ser amado pelo pai, caso em que a mãe se tornaria supérflua* (p. 220).

Estas possibilidades de satisfação, em virtude de sua percepção da castração feminina, encontram-se impossíveis de realização, pois ambas representariam um dano narcísico que não está disposto a aceitar. A posição masculina ocasionaria a perda do pênis e a feminina é a sua precondição. Do dilema entre o investimento narcísico no pênis e o desejo libidinal pelos pais, o menino abandona o Édipo, abandono este que se produz pela substituição da libido do objeto por uma identificação.

*As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma*

*identificação) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulso de afeição (p. 221).*

Se se toma as concepções apresentadas em *O Ego e o Id* (1923a), a respeito da teoria da identificação, a identificação aos pais permite a regressão da libido investida neles ao ego, reforçando assim o caráter sexual. Esta repressão - recalçamento do complexo de Édipo através do redirecionamento da libido, de uma substituição pela identificação, salvaguarda o narcisismo ligado ao falo. Ao mesmo tempo o ego recebe um órgão suplementar, um falo simbólico, instância ideal, o núcleo do superego.

*O membro fálico, lugar da masturbação e organizador dos fantasmas de sedução edipianos, torna-se o objeto de uma identificação, sustentador do narcisismo, falo psíquico (Florence, 1978, p. 259).*

Freud utilizou a denominação de repressão (recalque), embora o superego neste momento estivesse em formação, porém, ele seria o responsável pela repressões posteriores. A repressão do Édipo, no entanto, fez com que o id mantivesse o complexo, podendo (e aí é difícil uma distinção entre o normal e o patológico) reaparecer posteriormente. Não se pode deixar de apontar uma questão, que entra em choque com esta, de uma dissolução do complexo de Édipo - os desejos infantis são indestrutíveis!

Todo o processo descrito por Freud até este momento esteve centrado no complexo de Édipo masculino. Como se comporta a moça frente a ele? O sexo feminino também conhece uma organização fálica, um complexo de castração, um período de latência e um superego. A angústia frente à castração, propiciadora da formação do superego e a subtração da organização genital teriam uma origem diferente, já que como afirmou Freud,

*... a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência (p. 223).*

As soluções apresentadas por Freud nesse momento não foram de forma alguma satisfatórias, tanto que dezoito meses depois escreveu *Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos* (1925). Este texto juntamente com outros três que se seguiram, *Sexualidade Feminina* (1931), a *Conferência XXXIII - Feminilidade* (1932) e o capítulo VII de *Esboço de Psicanálise* (1938), esclarecem bem mais sobre o assunto.

Em *Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos* (1925), Freud fez uma diferenciação mais elaborada entre o Édipo masculino e o feminino. No menino o processo, em virtude da bissexualidade, funciona tanto a vertente passiva quanto a ativa, ele tanto deseja o lugar do pai como também o da mãe, como objeto do desejo do pai.



Freud também retoma a questão da identificação primária, ao referir-se à pré-história do complexo de Édipo nos meninos, voltando a utilizar a forma - *identificação ao pai* e não *aos pais*, como ele próprio havia sugerido em *O Ego e o Id* (1923).

*Sabemos que esse período inclui uma identificação de tipo afetivo com o pai do menino, identificação que ainda está livre de qualquer sentimento de rivalidade em relação à sua mãe* (p. 311).

As idas e vindas de Freud dão margem a questões, como esta da identificação primária, ainda não muito claras para os comentadores.

Neste texto, porém, a importante contribuição é a presença de uma fase pré-edípica nas mulheres. a existência de uma relação primordial da filha com a mãe. O tempo da castração se situaria antes do advento do Édipo. O reconhecimento da castração na mãe e por extensão a si própria, seria o inaugurador do complexo de Édipo feminino. Seu pai torna-se seu objeto sexual, desenvolve em relação a ele uma atitude feminina, visando que ele lhe dê um filho, como substituto do pênis. Mais adiante, abandona este desejo, porém, um desvio pode ocorrer, e o pai ser tomado como objeto de identificação.

*... a ligação da menina a seu pai pode ceder lugar a uma identificação com ele, e pode ser que assim a menina retorne a seu complexo de masculinidade e, talvez, permaneça fixada nele* (p. 318).

O complexo de Édipo feminino seria uma formação secundária, onde a castração é anterior e prepara o caminho até ele. No sexo masculino o Édipo seria destituído pela castração, enquanto no sexo feminino ele se faz possível e é inaugurado pela castração. Os efeitos desse tipo de diferença se fazem notar. Nos rapazes o complexo, como afirmava Freud, não é somente reprimido, ele é feito em pedaços! A libido objetual é abandonada, dessexualizada, os objetos regridem ao ego através da identificação, onde formam o núcleo do superego, estabelecendo uma posição sexual masculina. Neste momento Freud, em dúvida sobre a possibilidade de um desaparecimento do complexo de Édipo, corrige a frase:

*Em casos normais, ou melhor, em casos ideais, o complexo de Édipo não existe mais, nem mesmo no inconsciente; o superego se tornou seu herdeiro* (p. 319).

A demolição do Édipo feminino não se dá pela angústia de castração, ela apenas introduziu a menina no complexo. Ele vai aos poucos sendo deixado de lado, sucumbe à repressão ou poderia persistir na vida normal. Freud agrega uma passagem um tanto discutível de uma diferença fundamental entre o superego masculino e o feminino.



*Seu superego nunca é tão inexorável, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens (p. 320).*

Freud, contudo, ameniza a assertiva ao dizer que a maioria dos homens não está de acordo os ideais masculinos, bem como, todos os seres humanos, em virtude da herança cruzada e da bissexualidade, apresentam combinações de aspectos tanto masculinos quanto femininos. Masculinidade ou feminilidade puras são apenas *construções teóricas de conteúdo incerto* (p. 320).

No trabalho sobre a *Sexualidade Feminina* (1931) apareceu de forma mais detalhada a questão da fase pré-edípica feminina. A mudança a ser feita pela menina relativa, não só ao órgão sexual, mas também, à escolha de objeto. O clitóris, que havia sido seu principal órgão sexual, deveria ser substituído pela vagina, e a mãe, seu primeiro objeto de amor, deveria dar lugar ao pai. A menina se iniciaria no Édipo de uma forma negativa e só atingiria a vertente positiva após ter superado esta fase anterior de ligação com a mãe. Seu pai até a entrada no Édipo, nada mais é do que um incômodo, apesar da ressalva feita por Freud de que ele nunca chega a ser para a filha, um rival da mesma intensidade que para o filho. Nos casos em que se poderia notar uma extrema dependência de uma menina por seu pai, poder-se-ia considerar esse estado emocional como uma repetição de uma ligação amorosa com a mãe na fase pré-edípica, igualmente forte.

Essas duas questões acentuam uma diferença marcante entre o Édipo masculino e o feminino. No tocante à primeira questão, da mudança de zona erógena, observa-se que uma mulher, diferentemente de um homem, teria duas áreas sexuais, o clitóris e a vagina, sendo o clitóris análogo ao órgão masculino. A vida sexual feminina se dividiria numa primeira fase masculina e numa segunda, então, feminina. Dessas concepções freudianas surgem dois problemas: o da existência de um processo de transição e o fato do clitóris continuar, na vida adulta feminina, com o seu caráter fálico. A segunda questão, ou seja, a mudança de objeto, também apresenta seus antecedentes e conseqüências. De início, conforme sabemos, a menina que é cuidada, em virtude disso seduzida, reprimida em sua masturbação infantil, pela mãe, também se decepciona com esta, em virtude de sua posição castrada. Tudo isso incrementa uma hostilidade contra a mãe, que perdurará para o resto da vida, independente da corrente afetiva que será mantida através a identificação. Vejamos como Freud apresenta os motivos que levam ao afastamento da menina:

*... que ela falhou em fornecer a menina o único órgão genital correto, que não a amamentou o suficiente, que a compeliu a partilhar o amor da mãe com os outros, que nunca atendeu às expectativas de amor da menina, e, finalmente, que primeiro despertou sua atividade sexual e depois proibiu (p. 269).*

Freud, no entanto, assinala que apesar de tudo estes não são os motivos suficientes para a hostilidade da moça frente a sua mãe. Devido à ambivalência universal, não se pode sentir um amor intenso sem que o mesmo esteja acompanhado de um intenso ódio. Conclui-se que a ambivalência é, juntamente com os fatores anteriormente descritos, a causadora do afastamento da mãe. Impõe-se a pergunta: qual a diferença entre a relação do menino e a da menina frente a mãe?

*... os meninos podem lidar com seus sentimentos ambivalentes para com a mãe dirigindo toda sua hostilidade para o pai (p. 270).*

Um outro aspecto apresentado foi a respeito dos objetivos sexuais da menina em relação à mãe, que foram apresentados como ativos e passivos, em virtude da fase do desenvolvimento. A observação demonstrou que quando uma criança vive uma situação na posição passiva ela tende a produzir uma impressão ativa. Podemos aduzir, apesar de Freud não o ter feito, de que a criança se identifica (no sentido de querer estar na mesma posição), com o que lhe causou a dita impressão. Ou seja, a criança quando brinca utiliza-se da identificação histórica como uma forma de aliviar as angústias decorrentes das situações vividas. A maior ou menor oscilação quanto a oscilação entre a posição ativa, masculina e a passiva, feminina, dominará sua sexualidade.

O afastamento da mãe, pela mulher, apresenta uma acentuada inibição da sexualidade ativa, em prol da ascensão das atividades passivas. Como a seqüência de frustrações impostas a menina pela mãe afetaram enormemente suas tendências ativas, elas foram abandonadas pela libido. A própria supressão da agressividade que virá a favorecer o masoquismo. As tendências passivas são as que vão auxiliar a transição para o pai, *na medida em que escaparam a catástrofe* (p. 275). Apresenta-se então aberto o caminho para o desenvolvimento da feminilidade. Sabemos que Freud sugeriu a possibilidade de uma ocorrência diferente do desenvolvimento esperado. O afastamento da mãe pode levar à uma cessação de toda à atividade sexual, ou à uma ênfase da masculinidade.

Na Conferência XXXIII - *Feminilidade* (1932) o assunto é novamente debatido, o tema da bissexualidade é retomado para acentuar uma impossibilidade, a da definição de homem ou mulher.

*... como se um indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre fosse ambos - simplesmente um pouco mais de um, do que de outro (p. 141).*

O desenvolvimento sexual feminino é longamente explanado conforma as teses apresentadas no artigo anterior, a questão da fase pré-edípica feminina e as mudanças de zona erógena e de objeto. Marquemos aqui algo que foi apresentado no artigo anterior, referente a

primitiva equivalência simbólica, ao desejo de ter um bebê do pai como substituto do pênis. O desejo de brincar de bonecas. É interessante seguir a pena de Freud.

*Não nos passou despercebido o fato de que a mesma desejou um bebê anteriormente, na fase fálica não perturbada: este era, naturalmente, o significado de ela brincar com bonecas. Todavia esse brinquedo não era, de fato, expressão de sua feminilidade: serviu como identificação com sua mãe com a intenção de substituir a atividade pela passividade. Ela estava desempenhando o papel de sua mãe, e a boneca era ela própria, a menina: agora ela podia fazer com o bebê tudo o que sua mãe costumava fazer com ela (p. 158).*

Do apresentado por Freud podemos inferir que o tipo de identificação que a menina faz nesta passagem com a mãe não é uma identificação regressiva e sim histórica - o desejo de estar no lugar da mãe. É a identificação encontrada no brincar, no teatro, onde o ser humano se utiliza deste tipo de identificação como uma forma de conseguir algum controle sobre a angústia decorrente das frustrações da existência. Convém examinar a frase seguinte:

*Não é senão com o surgimento do desejo de ter um pênis que a boneca bebê se torna um bebê obtido de seu pai... (p. 158).*

A menina ao voltar-se para o pai, ou seja ao abandonar a mãe como objeto de desejo, necessariamente, fará um outro tipo de identificação, regressiva ou narcísica. É preciso considerar que, na fase pré-edípica com a mãe também está presente a identificação narcísica, pois a identificação também preserva o objeto da *fantasia da perda*, não só de uma *perda real*. O brincar da fase pré-edípica apenas põe em relevo a questão, segundo Freud, de uma ausência de feminilidade, da atividade identificatória como uma forma de superar a passividade infantil.

A descoberta da castração na mulher pode levar a uma reação, no sentido de um reforço da masculinidade, ou seja ela se recusa a aceitar tal fato.

*... exagera sua masculinidade prévia, apega-se a sua atividade clitoridiana e refugia-se numa identificação com sua mãe fálica ou com seu pai (p. 159)*

O homossexualismo feminino, contudo, não é uma continuação da masculinidade fálica, ela seguiu adiante, ingressou no Édipo e posteriormente ao enfrentar um inevitável desapontamento frente a seu pai, regressa ao estado anterior. Ela não estaria poupada desse desapontamento, entretanto, Freud considera a possibilidade de um fator constitucional ao lado do desejo de desempenhar, alternadamente, os papéis de mãe e bebê, como de marido e mulher.

Ao se casar, presume-se que o homem escolhido na verdade se faça de acordo com o modelo paterno; entretanto, a hostilidade à mãe, se alastra ao novo objeto - o marido. A luta contra seu marido, substitui a antiga rebelião contra a mãe. Após o nascimento de um filho, ao passar também a ser mãe, *pode ser revivida uma identificação com sua própria mãe* (p. 163). Este tipo de situação pode levar em muitos casos à uma reedição de um casamento infeliz como o dos pais, na medida em que toda a libido disponível é colocada na maternidade. E a diferença entre ter um filho homem ou mulher é assim colocada por Freud:

*A mãe somente obtém satisfação sem limites na sua relação com seu filho menino; este é, sem exceção, o mais perfeito, o mais livre de ambivalência de todos os relacionamentos humanos* (p. 163).

Freud leva as coisas longe, chegando inclusive a afirmar que um casamento só obtém uma certa segurança, quando a mulher conseguir colocar seu marido, na posição de filho e agir para com ele como se fosse uma mãe.

*A identificação de uma mulher com sua mãe permite-nos distinguir duas camadas: a pré-edípica, sobre a qual se apóia a vinculação afetiva com a mãe e esta é tomada como modelo, e a camada subsequente, advinda do complexo de Édipo, que procura eliminar a mãe e tomar-lhe o lugar junto ao pai* (p. 164).

Nesta passagem Freud já aponta, de forma inequívoca, a impossibilidade de superação completa dessas duas fases - sempre ficam as marcas. A fase pré-edípica é preparatória para a vida sexual, social e propiciadora do que servirá para atrair o homem, pois é o amor de um homem à sua mãe, o que ele vai buscar numa outra mulher, apesar de Freud dizer que *só o filho obtém o que o homem aspirava* (p. 164).

*É também nessa identificação (com a mãe) que ela adquire aquilo que constitui motivo de atração para um homem; a ligação edípica deste à sua mãe transfigura a atração da mulher em paixão* (p. 164).

Ao terminar este ensaio Freud recomendou que se procurasse através das observações da vida cotidiana, da consulta aos poetas ou então por maiores esclarecimentos por parte da ciência, pois o enigma da mulher persistia, era incompleto e fragmentário.

Em 1938, Freud preparou o *Esboço de Psicanálise*, no qual no capítulo VII - *Um Exemplo de Trabalho Analítico*, fez considerações sobre a identificação, as últimas considerações a respeito das relações com os objetos amorosos, antes de sua morte. Aqui encontramos a sua concepção final do Édipo.

O primeiro objeto sexual da vida do ser humano é o seio materno, onde o amor se entrelaça com a satisfação da necessidade alimentar. Há uma indiferenciação inicial entre o seio e o corpo próprio. Quando a percepção da ausência do seio se faz presente, tornando-o um objeto externo ao corpo, a criança o introjeta, o faz um objeto interno, *uma parte das catexias libidinais narcísicas originais* (p. 217). Este objeto liga-se posteriormente a figura da mãe, que conforma sabemos, alimenta, cuida e se torna seu primeiro sedutor, bem como, seu primeiro e mais forte objeto de amor. A partir daí temos que considerar separadamente o rumo tomado pelos meninos, diferente do das meninas.

Ao ingressar na fase fálica, estimulado pelas excitações oriundas de seu órgão sexual, a partir dos dois ou três anos, *ele se torna o amante da mãe* (p. 217). O despertar da masculinidade o faz desejar o lugar do pai junto à mãe e o sente como um rival. Rival entretanto admirado e invejado, não só pela força mas pela autoridade. Sua saída se dará pela identificação a este rival. Entretanto existem situações que o levam a buscar esta saída, que não é a princípio desejada por ele. As ameaças maternas a manipulação dos órgãos, muitas vezes feitas com o adendo de *chamar o pai ou o médico*, aliadas à percepção da ausência de pênis nas meninas, o levam a temer perder o seu órgão tão investido narcisicamente.

*... ele toma a sério o que ouviu e, caindo sob a influência do complexo de castração, experimenta o trauma mais sério de sua vida em início* (p. 218).

Tal fato deixa suas marcas na vida futura, afetando suas relações com o pai, a mãe e as pessoas em geral. A proibição ficará para sempre como um registro em sua sexualidade. Se as tendências passivas, femininas estiverem muito presentes, a inibição da masculinidade será incrementada. Sua atitude frente ao pai será de acentuada submissão, identificando-se neste aspecto com sua mãe. As ameaças podem levá-lo ao abandono da masturbação, mas não as fantasias sexuais que se tornam intensas.

*... e nessas fantasias, embora ainda continue a identificar-se com o pai, também se identifica, simultânea e talvez predominantemente, com a mãe* (p. 219)

Essa inibição da masculinidade, que o levaria a odiar e temer o pai, bem como esses resíduos do investimento sexual na mãe, podem levá-lo *a uma espécie de servidão às mulheres* (p. 219). O desejo pela mãe é reprimido, mas, a identificação predominante com ela poderá conduzi-lo a uma posição homossexual. Entretanto, a ameaça de castração nem sempre deságua na situação anteriormente descrita, tudo vai depender de um *quantum*. Do que é causado e do que é evitado.

Sabemos de textos anteriores, que de acordo com a evolução da menina, desde a fase pré-edípica de intensa ligação na mãe, até sua chegada ao Édipo, Freud havia proposto três

possibilidades para a mulher: desinteresse sexual, incremento da posição masculina ou a feminilidade. Nesta última posição abandona a mãe e investe amorosamente no pai.

*Se perdeu um objeto amoroso, a reação mais óbvia é identificar-se com ele, substituí-lo dentro de si própria, por assim dizer, mediante a identificação. Este mecanismo vem agora em auxílio da menina. A identificação com a mãe ocupa o lugar da ligação com ela (p. 222).*

Ao tentar ocupar o lugar da mãe a hostilidade contra ela é aumentada, não só pela percepção da castração, mas por ciúmes. O desejo do pênis sucumbe ao desejo do filho com pai. No Édipo feminino a castração o inaugura, enquanto que nos homens é o seu motor para a saída.

Freud nas últimas linhas do texto se indaga? Quais as estruturas psíquicas menos acessíveis aos pacientes? Ele mesmo responde:

*numa mulher, o desejo de um pênis; num homem, a atitude feminina para com seu próprio sexo, cuja pré-condição, naturalmente, seria a perda do pênis (p. 223).*

Não há um homem ou uma mulher, mas sempre os dois, apenas um mais que o outro, o que define a masculinidade ou a feminilidade é ainda uma característica desconhecida que escapa a anatomia.



## XVII - CONCLUSÃO

Após o exame dos principais textos freudianos referidos ao problema das identificações, tentaremos propor uma linha unificada a fim de facilitar uma visão de conjunto sobre o tema. De início é necessário aceitar a proposta de Florence (1987) que sugere que o conceito seja sempre usado no plural - identificações.

*Esse plural se funda na coisa mesma, freudiana, e no seu estilo (p. 115).*

O termo identificação é freqüentemente utilizado como *pau para toda obra*, serve para qualquer uso psicológico bem como, é também apresentado como um sinônimo para: imitação, compreensão, empatia, projeção e etc... Freud tomou a *contra-mão* ao analisar o fenômeno sob uma ótica inversa, ou seja, pela vertente do desconhecimento. Aquele que se identifica, não sabe que o está fazendo. Surge a identificação como um processo da ordem do inconsciente, apreendida numa multiplicidade de formações psíquicas - os sintomas, os sonhos e os atos falhos. Passo a passo, Freud foi construindo suas concepções teóricas utilizando-se da experiência dos *anormais* - seus pacientes. Evidenciou a impossibilidade de acesso por linha direta ao dito *normal*. Somente através das fissuras, descentramentos e descompensações do psiquismo seria possível uma compreensão da estrutura psíquica do homem. Somente através da patologia poder-se-ia inferir a normalidade, das pequenas questões aos graves conflitos da psicose. Freud afirmava que o conhecimento psíquico tinha uma dívida para com os psicóticos - era a *positivação* da patologia que subvertia o próprio conhecimento.

Desde a primeira menção ao conceito, em carta à Fliess de 6 de dezembro de 1896, Freud foi progressivamente procurando uma compreensão, tanto para os sintomas quanto para os sonhos, num lugar diferente do habitual. O ego consciente é o lugar em que as coisas se passam, mas vindas de outro lugar, de outra cena. O dito de Freud: *Pluralidade de pessoas psíquicas: o fato da identificação autoriza um emprego literal dessa expressão*, em maio de 1897, mostra a identificação ligada ao romance familiar, uma pluralidade de pessoas que interagem ininterruptamente produzindo sintomas.

O ego se altera em virtude da identificação, nesta época ainda associada ao sintoma histérico, o eu assimila algo do outro por um desejo de estar no lugar deste, de viver o mesmo que o outro. É a identificação que, como dizia Freud, levava o homem a ficar encantado frente as obras da literatura mundial. Sófocles, Shakespeare e Dostoievski, levam seus leitores a se identificarem (de forma histérica) com seus heróis. O leitor se reconhece nas paixões do herói e é através do jogo das identificações que ele se compraz e se alivia das suas angústias. Os



desejos ambivalentes, bissexuais, são vivenciados através das identificações, e o sintoma pode representar o traço do encontro ambivalente com o outro, que tanto pode ser a resultante de um traço do amado, como do odiado, do masculino (atividade), como do feminino (passividade).

Foi entretanto, no *Livro dos Sonhos* que Freud apresentou sua primeira teorização, de forma explícita, sobre a identificação. Sua *adorável açougueira* o contestava a respeito do sonho como uma realização de desejo. Freud então pode articular as questões do sonho, com o sintoma e a histeria. As questões se apresentaram - o que quer uma mulher? O desejo de um desejo insatisfeito! São questões que escapavam ao entendimento do ego, estabelecendo uma completa impossibilidade de distinção entre o eu e seus objetos. Era ainda Freud tateando no campo das identificações. Contudo, o campo vai se abrindo e na análise de *Dora* as possibilidades de compreensão aumentaram.

Quando escreveu sobre *Dora*, Freud pode esclarecer um pouco melhor o jogo identificatório. A plasticidade da produção de sintomas na histeria apontava para a multiplicidade de identificações a que estava sujeita a histérica. A linguagem da histeria se cruzava com o processo de identificações. Todavia, os aspectos transferenciais não percebidos desde o início, levaram o trabalho analítico a um fim intempestivo. Podemos admitir que não há como desvincular o movimento transferencial do processo de identificação. A transferência implica numa identificação, já que o ingrediente é o investimento libidinal - o amor. Um dos entraves da análise de *Dora* foi, sem dúvida, as identificações de Freud com os objetos fantasmáticos da transferência.

Durante o processo analítico Freud foi, pouco a pouco, se inscrevendo na série de personagens masculinos da história da paciente. Ao se imaginar (ou desejar) sendo amado como homem, pai, ou médico, perdeu a dimensão d'aquilo que é apreendido no investimento libidinoso é um *traço* do objeto da transferência, não o objeto como um todo. Como um complemento necessário, não pode *escutar* o desejo de *Dora* por Frau K.

Será sempre por um *traço*, tomado ao analista, que o paciente se identificará. É por esse *traço* que o investimento libidinal é mantido. A apreensão do traço denota o processo transferencial, (como repetição do inconsciente e atualização pulsional), onde a identificação é o processo pelo qual o ego mantém seus objetos amorosos. O analista, como qualquer outro objeto do desejo inconsciente, está submetido aos recortes do significante.

A análise de *Dora* é contemporânea da *A Interpretação de Sonhos* (1900) e o texto se desenrola em torno de dois sonhos da paciente. A análise dos sonhos elucidava a questão dos

sintomas, apresentando-os como uma linguagem que *falava* dos desejos. A identificação, percebida através do sonho ou do sintoma, surgia em sua vertente inconsciente, como uma diferenciação capital entre a imitação histérica e a identificação, esta como um processo de *assimilação* inconsciente.

Desde 1910, quando do aparecimento da obra sobre *Leonardo Da Vinci*, o conceito de narcisismo foi sendo paulatinamente elaborado, como vimos em *Totem e Tabu* (1912-13) e finalmente em *Narcisismo, Uma Introdução* (1914). Uma fase em que houve uma preocupação com as origens, com os começos, a fase da correlação do infantil com o primitivo. A produção freudiana foi rica, foram feitas revisões nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), chegando por fim ao importante texto sobre a identificação - *Luto e Melancolia* (1915-17).

A problemática da fase oral da libido foi responsável por alguns mal-entendidos, notadamente ao que Freud queria dizer quanto a uma incorporação do seio. Vejamos Florence:

*Trata-se da dificuldade de pensar a emergência do sexual como tal a partir de seu apoio na função alimentar. Trata-se de captar o momento da subjetivação: Freud fala de uma incorporação do seio. Essa linguagem é equivocada - e no entanto a encontraremos com freqüência a propósito da identificação, pois essa incorporação de um "objeto" sexual é a atividade sexual originária, o protótipo da identificação. Como a criança não incorpora realmente (no sentido da necessidade alimentar) o seio materno, somos forçados a perguntar imediatamente sobre o próprio sentido do termo objeto da pulsão oral, canibalista. Incorporar é o objetivo sexual primitivo (1987, p. 126).*

É importante ressaltar que o conceito de objeto não se refere a um objeto real, observável. O objeto do desejo sexual se revoluciona da mesma forma que na mudança da noção de sujeito do conhecimento da psicologia para sujeito da dúvida da psicanálise. A escolha do objeto poderia ser feita através de um apoio (anaclítica) ou narcisista, onde poderia inserir-se a afirmação de Freud, de que o encontro com o objeto é sempre um *reencontro* dele. Este objeto primitivo incorporado é um objeto para sempre perdido, entretanto, incessantemente procurado, desejado.

Em *Leonardo Da Vinci*, foi então feita a associação entre a escolha de objeto sexual e a identificação. A homossexualidade como a resultante dessa ausência do pai e a presença marcante de uma mãe sedutora. É o exemplo da escolha de objeto narcisista, onde o outro era amado como sua mãe o tinha amado. Essa identificação narcísica com a mãe conserva o objeto incestuoso, a relação incestuosa, a libido investida no objeto é transformada em libido

narcísica. A identificação é a forma que o ego usa para manter por incorporação um encontro amoroso. O caminho para as concepções apresentadas no primordial texto sobre *Luto e Melancolia* (1915-17) estavam abertas.

*Totem e Tabu* (1912-13), que foi contestado como obra antropológica, sem na verdade o ser, apresentou uma outra vertente da identificação caracterizada pelo encontro com o pai. O contexto teórico abarcava sob uma mesma estrutura as questões da fobia, do animismo e do totemismo articuladas com a tríade freudiana, criança - primitivo - neurose.

O pensamento é do tipo mágico, surge confundido com o desejo, sendo este representado por imitação e por contágio e por metáforas e metonímias. Os processos ritualísticos vem apontar para os jogos de identificações presentes no totemismo - a identificação será reconhecida como a mola mestra do totemismo. A identificação atende ao totemismo ao recalcar o incesto e regular as relações com o animal totem, geradores de uma inscrição no grupo, bem como, regula as trocas econômicas, lingüísticas e sexuais entre seus pares.

O totem passa a ser o representante do pai, um pai simbólico, morto, gerador da lei e do ideal, o qual ao ser um objeto de identificação propõe uma possibilidade resolutiva para a ambivalência e a bissexualidade. Ao identificar-se com o totem como o pai ideal, o homem pode dar um sentido a sua relação pulsional ambivalente com o pai, objeto da disputa edípica. Cabe notar que na fobia do pequeno Hans, a projeção fóbica faz com que haja uma identificação transitiva, não reflexiva, entre cavalo-pai, situação que apontaria para uma situação persecutória em que o objeto interno pai é projetado fora, des-identificado. Somente a identificação (reflexiva) ao pai, pode dar a saída para este conflito do ego frente às exigências da libido, do superego e do mundo externo. O ideal possibilita a comunhão dos membros do grupo e o mesmo ideal sustenta, através das identificações entre os pares, a continuidade do grupo.

*Luto e Melancolia* (1915-17) leva novamente Freud à sua digressão entre o normal e o patológico. A perda e o trabalho do luto, que tanto poderiam tomar um caminho normal, como transformarem-se em algo patológico como na melancolia. A escolha de objeto de tipo narcísico discutida em *Da Vinci* e em *O Narcisismo*, prepara o solo para a melancolia. A relação ambivalente do ego com o objeto é introjetada no ego (em virtude da anterior escolha narcísica), produzindo uma identificação em que, uma parte do ego ataca a outra (que está alterada pela identificação).

Na seqüência do seu percurso teórico, Freud apresentou uma espécie de resumo do que até aquele momento havia concebido. O sétimo capítulo que tem como título *Identificação*, enunciava os vários tipos de identificação, bem como, dava continuidade às noções originadas no texto do narcisismo, sobre a questão do ideal do ego. Os comportamentos do homem na multidão, em pequenos grupos, quando está amando, eram compreendidos sob uma outra ótica, diferente daquela apresentada pela psicologia social. Enfatizou o movimento libidinal, a identificação como um trabalho do ego para poder, não só estabelecer sua própria estrutura, como para dar conta dos inúmeros conflitos internos criados, não apenas pelos outros componentes da estrutura (o id e o superego), como também pelas exigências do mundo externo. Freud aproximou entre si, de forma surpreendente as questões do grupo, do amor, da hipnose e da transferência. Valorizou assim, extraordinariamente os laços afetivos, visando não só aqueles objetos diretos da pulsão sexual mas principalmente àqueles inibidos em seu objetivo.

Haveria uma identificação primária, da qual Freud só fala do menino - identificação pouco elaborada e que dá margens a muitas interpretações. É a identificação com o pai da pré-história pessoal, incorporação que ajuda a preparar o caminho para o complexo de Édipo. As identificações neuróticas (*tal como ocorre na estrutura de um sintoma neurótico*, Freud, p. 134), trazem, através de um movimento regressivo, narcísico, o objeto, um traço dele, para dentro do ego. Quando, no texto, Freud ao falar dessas identificações regressivas fez o comentário: *Esse é o mecanismo completo da estrutura de um sintoma histérico* (p. 135), levou alguns a confundirem sintoma histérico com identificação histérica. Esta denominação, identificação histérica, foi utilizada por Freud ao analisar o sonho da *bela açougueira*, entretanto neste capítulo sétimo ele não utiliza esta categoria, apesar de o exemplo citado ser praticamente o mesmo. O terceiro tipo de identificação, *a identificação por meio do sintoma* (p. 136), seria aquele em que não haveria um investimento anterior, e que a percepção de uma qualidade em comum, produziria uma identificação. É a identificação ao desejo de estar no lugar do outro, de viver a mesma situação, identificação propiciadora de novos laços sociais.

Devemos ressaltar, outra questão que comumente causa diversos mal entendidos - o problema do traço. Freud, ao final de sua exposição sobre a identificação regressiva apresenta a seguinte passagem:

*... a identificação seja parcial e extremamente limitada, tomando emprestado apenas um traço isolado de uma pessoa que é objeto dela* (p. 135).

E, mais adiante:

*A identificação por meio do sintoma...*

*Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial (p. 136).*

Pode-se então concluir que toda identificação é sempre parcial e a traços do objeto, seja um sintoma ou uma qualidade (deixamos de fora a identificação primária, até porque não é observável pela experiência). Claro está que na identificação regressiva a identificação pode ser feita à vários traços do objeto. No caso da melancolia há uma profusão de traços, principalmente das qualidades negativas do objeto, *mesquinho, egoísta, desonesto, carente de independência...* (*Luto e Melancolia*, p. 278). Não há dúvida que a identificação existente no quadro melancólico é muito mais avassaladora, ela toma como que de assalto o ego, provocando uma cisão torturante.

Freud reuniu a problemática da homossexualidade e da melancolia e é possível que o tenha feito por causa da função do narcisismo. O conceito de narcisismo foi por ele utilizado para dar conta das psicoses e do homossexualismo. A psicose vai servir para dar informações sobre os problemas *normais* os quais também dividem o ego que, acusado, observado criticamente pela *outra parte*, sofre nas crises de consciência, nas sensações de culpa, etc...

Freud chega ao *O Ego e o Id*, onde a malha teórica é ampliada e enriquecida com a conclusão da segunda tópica. Uma clara exposição a respeito do funcionamento do processo identificatório é feito neste texto.

*A natureza da identificação se revela portanto como um artifício das pulsões; mas, diferentemente dos mecanismos perceptivos, ela Não é diretamente dedutível do jogo pulsional, na medida em que exige um objeto exterior de natureza diferente do mobilizado pela percepção (Mezan, 1985, p. 277).*

Se há uma ameaça de perda do objeto, a libido investida nele retroage, ela se volta para o ego com vistas a reter o objeto. Essa regressão da libido objetual ao ego, transformando-se assim em libido narcísica, ou seja o ego identificando-se com o objeto, é a única forma que, nestes casos, o ego encontra para continuar oferecendo ao id a possibilidade de manter o investimento. O aspecto regressivo da identificação é demonstrativo de uma inversão da pulsão sexual, mas ao manter o objeto para o id, a regressão está a serviço de Eros, ou seja mantém a ligação. Da mesma forma que, ao funcionar pela repetição alia-se à pulsão de morte. Percebe-se que na identificação podemos encontrar Eros e Tanatos.

*Unificar os desejos da libido entre si, e com as ordens do superego e as exigências do mundo externo, não é tarefa fácil para o ego. como já dissemos: todas as pulsões devem ser satisfeitas, de algum modo; o superego insiste em suas ordens, e não se pode escapar a uma adaptação à realidade. quando a satisfação*

*direta da libido é impossível, o ego usa três mecanismos para realizar sua tarefa: recalçamento, identificação e sublimação* (Freud, 1930, p. 59).

Todas estas questões estão debaixo de uma instância, o superego, que controla permanentemente o ego. A noção de superego foi-se desenvolvendo desde seu aparecimento em 1913. Além da denominação superego, duas outras foram anotadas, ideal do ego e ego ideal. Esta última desapareceu de imediato de seu discurso, entretanto, alguns autores atualmente tem encontrado explicações para propor uma diferenciação entre ideal do ego e ego ideal. No momento interessa-nos a evolução do termo ideal do ego para superego e as concepções de Florence (1987) nos ajudam a dar conta. Para ele o ideal do ego está referido a identificação primária, ao pai da pré-história pessoal, aos pais da nota de rodapé, a um tempo anterior ao Édipo, que é o que introduz o sujeito na história, momento do advento da castração e da diferença sexual. Freud nesse momento muda de vocabulário: o ideal do eu torna-se, então superego quando do declínio do Édipo.

Esse herdeiro do complexo de Édipo, é o responsável pela contradição, pela paixão e pela submissão. Introduce também o sentimento de culpa, que muitas vezes atrelado a identificação faz o indivíduo não poder manter seus êxitos, destruindo-os após obter o sucesso. Quando a identificação não pode funcionar como processo sublimatório, o melhor exemplo é a reação terapêutica negativa. O superego, representante junto ao ego das exigências do id, não é apenas censura, crítica, repressão, ele também reativa o masoquismo do ego, reage a libido e tenta instaurar o retorno ao inorgânico, a ausência absoluta de energia, objetivo final da pulsão de morte. O lugar da cultura e da pulsão de morte é o superego. Para Freud o trabalho da civilização implicava em ganhar algum terreno sobre o superego.

Conforme sabemos, o ego se utiliza de três formas para tentar resolver seus conflitos, o recalçamento, a identificação e a sublimação. O ego tenta atender as pulsões, tenta se adaptar à realidade, todavia, muitas vezes isso não se torna possível. A saída pela identificação é a forma que o ego utiliza para atender ao desejo pulsional. Transforma-se no objeto do desejo, de forma que, o próprio indivíduo possa representar tanto o desejante, como o desejado.

A identificação é a representação de um laço afetivo com outra pessoa. Na primeira infância, o ego, ainda pouco desenvolvido, era capaz de absorver as excitações provenientes do mundo externo, não se podendo diferenciar a identificação incorporativa do investimento de objeto. A libido narcísica se confunde com a libido do objeto, ter o objeto é o mesmo que ser o objeto. Aí já é possível perceber-se a questão da ambivalência, na medida em que, ter o objeto



é ingerí-lo, portanto destruí-lo. Com o passar do tempo a libido objetal vai se diferenciando da libido narcísica ao investir nos objetos, atendendo assim às imposições do id.

*"Ter" e "ser" nas crianças. As crianças gostam de expressar uma relação de objeto por uma identificação: "Eu sou o objeto" "Ter" é o mais tardio dos dois; após a perda do objeto, ele recai para "ser". Exemplo: o seio. "O seio é uma parte de mim, eu sou o seio". Só mais tarde: "Eu o tenho" - isto é, "eu não sou ele"... (Freud, 1938, p. 335).*

Na fase oral do desenvolvimento da libido, devido a ambivalência, amor e ódio não se diferenciam, a identificação através da incorporação do objeto, tanto é a forma de preservá-lo, como de destruí-lo. Na fase seguinte, anal-sádica, o desejo aparece pela fusão das pulsões, entretanto, a pulsão destrutiva impõe-se de forma mais marcante. Na fase fálica há uma determinação do desejo, a ambivalência edípica surge como conflito, solucionado pelo estabelecimento do superego, através da desfusão das pulsões sob a égide da castração. A desfusão pulsional é um incrementador da ambivalência, a identificação implica sempre em amor e ódio. O menino ameaçado pela castração, a menina através de um jogo complexo de identificações e escolhas de objeto, têm como saída a emergência do superego.

Uma identificação é o produto de um investimento de objeto, mantido ou perdido. É a forma pela qual o ego conserva uma relação abandonada ou reforça uma relação contra uma possível perda. O ego, alterado pela identificação, quando da perda do objeto, se oferece como objeto de amor substitutivo ao id. É o drible que o ego consegue dar no id, submetendo-o e impondo-se como um novo amor. Conforme assegura Freud, este processo implica numa dessexualização do objeto, já que o objetivo sexual direto é abandonado. Como tal, abre-se o caminho para a sublimação. Neste caso de perda do objeto, a identificação surge como um processo sublimatório do objetivo da pulsão, a libido retirada do objeto oferece a possibilidade para o desenvolvimento de um narcisismo secundário. Quando o objeto é mantido, no caso de amor atual, o narcisismo funciona paralelamente à libido objetal, reforçando assim a relação num jogo em que atende aos objetivos da pulsão e ao mesmo tempo reforça os laços de ternura referentes a inibição dos objetivos da pulsão.

O ego vai aos poucos se constituindo, o exterior vai sendo introjetado em virtude das exigências do prazer, vai-se constituindo um ego de realidade em oposição a um de prazer. Quando o ego se oferece ao id como objeto amoroso, libidinalmente investido, ele se engrandece e pode submeter o id pelo recalçamento, pela sublimação, ou por uma nova identificação.



Freud conclui que a identificação é o processo estruturador do ego, mecanismo primordial da constituição do sujeito, cuja função é preservar para o id um objeto amoroso.

*O caráter do ego é um precipitado de catexias de objeto abandonados, ele contém um registro das escolhas de objetos passados (Freud, 1923, pp. 43-4).*

Podemos concluir dizendo que Freud percorreu um extenso caminho, do sintoma à posição sexual. Que suas concepções evidenciaram a importância da identificação, referida à ambigüidade da noção de objeto e a pluralidade da noção de ego, ao lado dos efeitos identificatórios, que associados ao Édipo, marcam de forma indelével a posição sexual do indivíduo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANZIEU, Didier. (1959). A Auto Análise de Freud e a Descoberta da Psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ANDRÉ, Serge. (1986). O Que Quer uma Mulher?. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- CAIN, Jacques et al. (1978). L'Identification, L'Autre c'est Moi. Paris: Tchou, 1978.
- DEUTSCH, Felix. (1957). Una nota al pie de de página al trabajo de Freud "Análisis Fragmentario de una Histeria" in Revista de Psicoanálisis. Buenos Aires: APA, 1970, t. XXVII, n. 3.
- DOR, Joel. (1989). O Pai e sua Função em Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- DORGEUILLE, Claude. (1984). Dicionário de Psicanálise: Freud & Lacan. Salvador: Ágalma, 1994.
- FLORENCE, Jean. (1978). L'Identification dans la Théorie Freudienne. Bruxelles: Facultés Universitaires Saint-Louis, 1984.
- FLORENCE, Jean et al. (1987). As Identificações, Na Clínica e na Teoria Psicanalítica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- FREUD, Sigmund. (1898). A Sexualidade na Etiologia das Neuroses. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. III.
- \_\_\_\_\_. (1900). A Interpretação de Sonhos. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. IV.
- \_\_\_\_\_. (1901). A Psicopatologia da Vida Cotidiana. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: 1980, v. VI.
- \_\_\_\_\_. (1901-05). Fragmento da Análise de um Caso de Histeria. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. VII.
- \_\_\_\_\_. (1905a). Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. VII.

- \_\_\_\_\_. (1905b). Os Chistes e sua Telação com o Inconsciente. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. VIII
- \_\_\_\_\_. (1905-42). Tipos Psicopáticos no Palco. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. VII.
- \_\_\_\_\_. (1907-08). Escritores Criativos e Devaneio. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, V. IX.
- \_\_\_\_\_. (1908-09). Algumas Observações Gerais sobre os Ataques Histéricos. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. IX.
- \_\_\_\_\_. (1909a). Análise da Fobia em um Menino de Cinco Anos. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. X.
- \_\_\_\_\_. (1909b). Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. X.
- \_\_\_\_\_. (1910). Leonardo Da Vinci e uma Lembrança de sua Infância. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XI.
- \_\_\_\_\_. (1911). Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia (Dementia Paranoides). Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XII.
- \_\_\_\_\_. (1912-13). Totem e Tabu. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XIII.
- \_\_\_\_\_. (1914). Sobre o Narcisismo, uma Introdução. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XIV.
- \_\_\_\_\_. (1915). O Instinto e suas Vicissitudes. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XIV.
- \_\_\_\_\_. (1915-17). Luto e Melancolia. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XIV.
- \_\_\_\_\_. (1916-17). Conferências Introdutórias sobre Psicanálise - Conf. XXVI. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XVI.

- \_\_\_\_ (1914-18). História de uma Neurose Infantil. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XVII.
- \_\_\_\_ (1920a). Além do Princípio do Prazer. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XVIII.
- \_\_\_\_ (1920b). A Psicogênese de um Caso de Homossexualismo numa Mulher. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XVIII.
- \_\_\_\_ (1921). Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XVIII.
- \_\_\_\_ (1922). Alguns Mecanismos Neuróticos no Ciúme, na Paranóia e no Homossexualismo. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XVIII.
- \_\_\_\_ (1923a). O Ego e o Id. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, V. XIX.
- \_\_\_\_ (1923b). A Organização Genital Infantil. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XIX.
- \_\_\_\_ (1924a). O Problema Econômico do Masoquismo. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XIX.
- \_\_\_\_ (1924b). A Dissolução do Complexo de Édipo. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XIX.
- \_\_\_\_ (1925). Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XIX.
- \_\_\_\_ (1927a). O Futuro de uma Ilusão. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XXI.
- \_\_\_\_ (1927b). O Humor. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XXI.
- \_\_\_\_ (1927-28). Dostoiévski e o Parricídio. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XXI.

- \_\_\_\_\_ (1929-30). O Mal Estar na Civilização. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XXI.
- \_\_\_\_\_ (1931). Sexualidade Feminina. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XXI.
- \_\_\_\_\_ (1932-33a). Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise - Conf. XXXI. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XXII.
- \_\_\_\_\_ (1932-33b). Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise - Conf. XXXIII. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XXII.
- \_\_\_\_\_ (1938-40). Esbôço de Psicanálise. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XXIII.
- \_\_\_\_\_ (1938-41). Achados, Idéias, Problemas. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XXIII.
- FREUD, Sigmund, BULLITT, William (1938). Thomas Woodrow Wilson, um estudo psicológico. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GAY, Peter. (1988). Freud. Uma vida para nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- JONES, Ernest. (1961). Vida e Obra de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- KATZ, Chaim. (1992). A Histeria. O Caso Dora. Freud, Melanie Klein, Lacan. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- LACAN, Jaques. (1951). Escritos. São Paulo. Perspectiva. 1978.
- LAPLANCHE, Jean. (1973). Les Normes Morales et Sociales. Leur impact dans la topique subjective. In: Bulletin de Psychologie. Paris, 1973.
- LAPLANCHE, J., PONTALIS, J-B. (1967). Vocabulário de Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- MASSON, Jeffrey. (1985). A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MEZAN, Renato. (1982). A Trama dos Conceitos. São Paulo: Perspectiva, 1991.

\_\_\_\_\_. (1985). Freud, Pensador da Cultura. São Paulo, Brasiliense, 1990.

SARTRE, Jean-Paul. (1960). Crítica de la Razón Dialéctica. Buenos Aires: Losada, 1963.

SILVA, Antônio Franco da. (1994). O Desejo de Freud. São Paulo: Iluminuras, 1994.

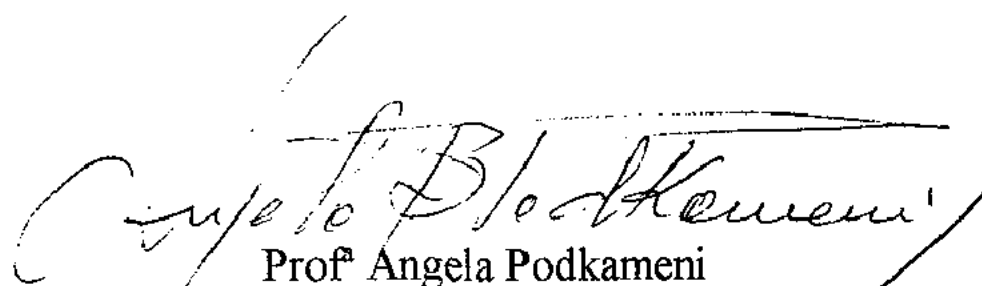
SHUR, Max. (1973). Freud: Vida e Agonia, uma biografia. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

TAILLANDIER, Gerôme. (1987). Resenha do Seminário "A Identificação" de J. Lacan.  
In: FLORENCE, Jean. As Identificações, na Clínica e na Teoria Psicanalítica.  
Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

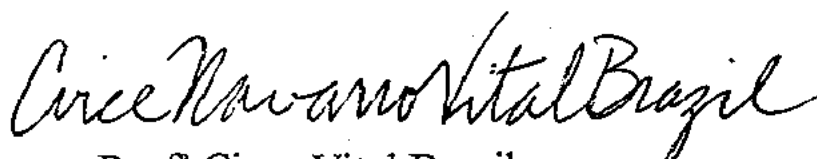
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pelo aluno Luiz Alberto Pinheiro de Freitas, intitulada "*O conceito de identificação na obra de Freud*", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Profª Junia de Vilhena  
Deptº Psicologia - PUC/Rio



Profª Angela Podkameni  
Deptº Psicologia - PUC/Rio



Profª Circe Vital Brazil  
Deptº Psicologia - PUC/Rio

Visto e permitida a impressão.

Rio de Janeiro, 28 de abril de 1995.



Prof. Jurgen Heye  
Coordenador dos Programas de  
Pós-Graduação do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas